BILL

HERÓI GALÁCTICO

HARRY HARRISON



HARRY HARRISON

1925-2012

BILL

herói galáctico

1965

BILL, HERÓI GALÁCTICO

Título original: *Bill, the Galactic Hero*

Tradução de José Sanz

COLEÇÃO ASTERÓIDE — 7
Direção de José Sanz

Diagramação: Antônio Herranz
Revisão: Júlio Bierrenbach

Apresentação

Harry Harrison tem abundantes conhecimentos a transmitir e o faz diretamente, através de seus romances, obras maravilhosas e insuficientemente apreciadas como "Deathworld" e "Planet of the Damned", além do vitorioso "Bill, Herói Galáctico".

Neste se encontra um veio de compassivo cinismo, como o que aflora às vezes nas melhores comédias de Hollywood. Mas suas histórias não são canções de ninar. O autor gosta demais de sacudir seus leitores. Jatos de veneno se misturam ao fermento. Harry Harrison não escreve como um anjo, mas como um demônio. Este é Harry, o Mão-Cheia Galáctico, e é um puro milagre que tenha conseguido transmitir tanto de suas qualidades pessoais neste livro.

Bill era um camponês de Phigerinadon II, planeta membro de um grande império galáctico, que alguns supunham ter se originado num velho e decrépito mundo conhecido como Terra, localizado na beira da galáxia.

Vivia coma mãe e um irmãozinho, mais um robô-mula, num pedaço de terra, que ele arava e cuidava para maior glória do Imperador. Mas como, num dia de intenso calor, parou para olhar o traseiro cor do açúcar de Inga-Maria Calyphygia, que se banhava no riacho, acabou sendo herói. Essa parada, cedendo ao apelo da heterossexualidade, fez com que se atrasasse e fosse, por meio de incríveis ardis, recrutado para forças armadas, também para maior glória do Imperador.

E não virou herói à toa. Perdeu um braço no cumprimento do dever. É verdade que lhe deram outro, mas não era a mesma coisa. Para começar, tinha cor diferente.

O Império pouco se incomodava com seus heróis ou com seus seres humanos.

Estes viviam como porcos e eram tratados como ratos. O que podiam esperar? O Universo inteiro estava em guerra e a guerra no espaço era tão suja e penosa como em qualquer outra parte.

A viagem de Bill através do labirinto de aço de Helior, centro dessa Idade Média do espaço, é uma peregrinação condimentada de espírito e ferocidade.

A vida no Campo Leon Trotsky, com seus saborosos cartazes de advertência, as fantásticas figuras de Tembo, Ansioso. Ardente, Desejomortal constituem um painel realmente divertido do império mais decadente e corrupto de toda a história humana.

Sobre o Autor

Harry Harrison nasceu em Stanford, Connecticut, em 1925. Viveu em Nova York até 1943, tendo estudado arte. Nesse ano foi incorporado ao exército americano, onde era instrutor de atiradores. Assim que deixou o exército, voltou aos estudos. Fez carreira como ilustrador de publicidade e depois como diretor de arte e editor de várias revistas de cinema, atualidades e literatura. Seu temperamento inquieto não lhe permitia ficar parado por muito tempo num mesmo lugar. Por isso trocou a segurança de sua posição pela precária existência de escritor free-lance e transferiu-se com a família para o México. Depois, morou em Kent, Camden Town, Itália, Dinamarca, Espanha, e novamente nos Estados Unidos. Ele justifica essa constante mudança como essencial para sua pesquisa mas, na realidade, é um caso incurável de necessidade de viajar pelo mundo, o que ele faz com um máximo de entusiasmo, sem prejuízo de seu interesse pelo esperanto. Harry Harrison não é, aparentemente, um autor difícil. Sua obra se situa, em linhas gerais, nos vastos terrenos da *space-opera*. Mas não se iludam os leitores com a superficialidade. As aventuras espaciais de Jason Dinalt, em *Deathworld*, ou as de Bill neste *Bill, the Galactic Hero*, não são apenas combates e incursões em terrenos desconhecidos. A crítica está sempre presente, alertando o homem para seu comportamento no futuro. Harry Harrison foi coeditor da revista *SF Horizons*, editor de *Great Science Fiction*, *Amazing Stories* e *Fantastic*, e membro da Academia Internazionale delle Arte Fantastiche, de Milão.

Para meu companheiro de bordo Brian W. Aldiss, *que lê o sextante e traça o curso para todos nós.*

Livro 1

Um

Bill não percebeu que o sexo foi o culpado de tudo. Se, naquela manhã, o sol não estivesse queimando tanto no luminoso céu de Phigerinadon II e se Bill não tivesse entrevisto o grande e níveo posterior da Inga-Maria Calyphygia, que estava tomando banho no riacho, teria prestado mais atenção ao arado que às urgentes pressões da heterossexualidade. Consequentemente, teria continuado seu caminho até o outro lado da colina, antes que aquela música sedutora fosse ouvida ao longo da estrada. Talvez nunca a tivesse ouvido e então sua vida teria sido muito, muito diferente. Mas ouviu-a e deixou cair os punhos do arado atrelado ao robô-mula, fazendo meia volta e ficando de boca aberta.

Realmente era uma coisa maravilhosa. Encabeçando o desfile havia um robô-banda, de quatro metros de altura, esplêndido no seu alto capacete negro de hussardo, que escondia os alto-falantes hi-fi.

Os pilares dourados de suas pernas marchavam cadenciadamente, ao mesmo tempo em que trinta braços articulados tocavam, batiam e dedilhavam uma extraordinária variedade de instrumentos. A música marcial surgia em onda após onda, inspiradamente, e até mesmo os pesados pés de camponês de Bill agitaram-se dentro dos tamancos, enquanto as brilhantes botas do pelotão de soldados marcavam o passo com exatidão perfeita. As medalhas retiniam na máscula largura dos sons peitos, adornados de escarlate e, certamente, não se poderia imaginar uma visão mais nobre no mundo inteiro. Um sargento fechava a marcha, reluzente em seus dourados e trançados, com uma nuvem de medalhas e fitas, com espada e pistola, uma faixa envolvendo a pança e olhos de aço, que foram ao encontro de Bill, onde este se encontrava, olhando assombrado por cima da cerca. A cabeça maciça fez um gesto na sua direção, a boca de aço abriu-se num sorriso amistoso e houve um piscar de cumplicidade. Assim que a

legião passou, seguiu-se um apressado grupo de robôs auxiliares, cobertos de pó, pulando, rastejando ou rolando. Assim que desapareceram, Bill escalou desajeitadamente a cerca de dormentes e correu atrás deles. Só haviam acontecido dois fatos interessantes nos últimos quatro anos e Bill não estava disposto a perder o que parecia ser o terceiro.

Quando Bill chegou, uma multidão já estava reunida na praça do mercado e ouvia o entusiástico concerto da banda. O robô integrou-se nos gloriosos compassos de Soldados das Estrelas, Avante para os Céus, passando depois para Os Foguetes Rugem e quase demoliu a si mesmo com o ritmo tumultuoso de Os Sapadores Cavam Trincheiras.

Executou esta última marcha com tal energia, que uma das suas pernas saiu em disparada, subindo para o ar. Ele, porém, conseguiu apanhá-la antes de que caísse ao chão e a música terminou com o robô balançando-se sobre a perna que lhe restara e marcando o compasso com a que mantinha na mão, como se fosse uma batuta. E também, em meio a um último rufar de tambores que quase destruiu os tímpanos do auditório, usou-a para apontar o outro lado da praça, onde fora erguida uma tela tridimensional e uma tenda de refrescos. Os soldados haviam desaparecido no interior da taverna e o sargento recrutador estava só entre seus robôs, arvorando um sorriso de .boas-vindas.

— Ouçam isto! Bebidas grátis para todos, como presente -do Imperador, e algumas vividas cenas de aventuras emocionantes em climas exóticos, para diverti-los enquanto bebem — gritou com uma enorme voz pastosa.

A maior parte das pessoas dirigiu-se para o local e Bill com eles, enquanto alguns velhos e escabreados antimilitaristas esconderam-se entre as casas. Os refrigerantes eram servidos por um robô que tinha uma torneira no lugar do umbigo e uma inesgotável provisão de copos no flanco. Bill bebeu alegremente o seu, enquanto acompanhava as emocionantes aventuras dos soldados espaciais, todas coloridas, com efeitos sonoros e com estímulos subsônicos. Havia batalhas e mortes e havia glória, embora só os chingers morressem. Os soldados sofriam apenas ferimentos pequenos e sem importância nos pés e nas mãos, que podiam ser facilmente cobertos com curativos leves. E enquanto Bill gozava tudo aquilo, o Sargento Recrutador Grue estava gozando Bill com seus olhinhos porcinos brilhando cobiçosamente, cravados no cangote do rapaz.

É este o que eu procuro! regozijou-se consigo mesmo, ao mesmo tempo em que a língua amarela molhava involuntariamente seus lábios. Já podia

sentir o peso do dinheiro da bonificação no bolso. O resto da audiência era o habitual grupo de homens — acima da idade, mulheres gordas, garotos imberbes e outros não alistáveis. Todos, menos aquele troncudo pedaço de carne de canhão eletrônico, de queixo quadrado e cabelos crespos. Com uma justa torcida nos dials, o sargento diminuiu os subsons ambientais e dirigiu um concentrado raio estimulante para a parte de trás da cabeça da sua vítima. Bill agitou-se no banco, quase tomando parte na gloriosa batalha que se desenrola ante seus olhos.

Quando desapareceu o último acorde e a tela escureceu, o robô dos refrescos esmurrou o peito metálico e berrou: — Bebam! Bebam! Bebam!

O público, como um rebanho, correu na direção dele, com exceção de Bill, que foi retirado da multidão por um braço poderoso.

— Tome, apanhei este para você — disse o sargento, entregando-lhe um copo tão cheio de drogas redutoras do ego, que o excesso já começava a se cristalizar no fundo. — Você é uma bela figura de rapaz que, na minha opinião, está muito acima desses matutos daqui.

Nunca pensou em fazer carreira nas forças armadas?

— Não sou do tipo militar, *chargento*... — Bill chupou os dentes e cuspiu, para livrar-se do que ele pensava ser um detrito que o impedia de falar direito, e ficou assombrado com a repentina confusão dos seus pensamentos.

O fato de ainda estar consciente, depois de ter ingerido aquele volume de drogas e recebido todos aqueles subsons, era uma homenagem ao seu físico.

— Não sou do tipo militar. Minha maior ambição é ser útil, da melhor forma possível, na carreira de Operador Técnico em Fertilizantes que escolhi e cujo curso por correspondência quase terminei...

— É um trabalho sujo para um rapaz brilhante como você — disse o sargento, ao mesmo tempo em que apalpava o braço de Bill, para examinar seus bíceps. Rochas. Resistiu ao impulso de puxar o lábio de Bill para baixo e dar uma rápida olhada no estado dos dentes molares.

Mais tarde. — Deixe esse trabalho para quem goste. Não há a menor possibilidade de progredir. Enquanto que a carreira nas forças armadas não tem limite. O próprio Grande Almirante Pflunger chegou ao máximo pelo tubo dos foguetes, como se costuma dizer, de praça a Grande Almirante. Que é que você acha disso?

— Acho muito bom para Mister Pflunger, mas penso que trabalhar com fertilizantes é mais divertido. Puxa... que vontade de dormir!

Acho que vou me deitar.

— Não antes de ver isto, como um favor pessoal a mim, é claro — disse o sargento, atravessando-se na frente dele e mostrando um grande livro conservado aberto por um robô pequeno. — A roupa faz o homem e a maioria dos homens teria vergonha de ser vista usando andrajos como esses que você está vestindo ou calçando essas lanchas furadas. Por que ter esse aspecto, quando pode ter *este!*

O olhar de Bill acompanhou o grosso dedo que apontava para as reproduções coloridas do livro, em que um milagre de técnica mal aplicada fazia com que seu próprio rosto aparecesse na figura vestida com o uniforme vermelho de soldado. O sargento folheou o livro e em cada ilustração o uniforme ficava um pouco mais pomposo e o posto mais alto. O último era um de Grande Almirante e Bill piscou os olhos diante do seu próprio rosto sob o capacete emplumado, agora com uns pés-de-galinha junto aos olhos e ostentando um elegante bigode grisalho, mas inegavelmente seu rosto.

— Você iria parecer assim — murmurou o sargento ao ouvido dele — após ter galgado a ladeira do sucesso. Você gostará de experimentar um uniforme. Alfaiate!

Quando Bill abriu a boca para protestar, o sargento meteu nela um enorme charuto. E antes que ele pudesse tirá-lo, o alfaiate-robô havia se aproximado, estendido seu braço-cortina em torno dele e tirado sua roupa.

— Ei! Ei!... — protestou.

— Não vai doer — disse o sargento, metendo a cabeçorra pela cortina e sorrindo ao ver o corpo musculoso de Bill.

O sargento espetou-lhe o dedo no peito (rocha!) e depois se retirou.

— Ai! — gritou Bill, quando o alfaiate encostou a ponta fria do metro nele, tomando suas medidas.

Algo fez *chunk* bem no fundo do tronco em forma de tubo do robô e um brilhante dólmã vermelho começou a surgir de uma abertura na frente. Num instante Bill viu-se dentro dele e seus refulgentes botões dourados foram abotoados. Logo depois apareceram umas luxuosas calças de pele de toupeira e, em; seguida, lustrosas botas pretas até o joelho. Bill cambaleou: ligeiramente quando a cortina foi removida e um grande: espelho motorizado apareceu diante dele.

— Oh, como as moças adoram uniformes — disse o sargento — e não posso culpá-las por isso.

A lembrança da visão das brancas luas gêmeas de Inga-Maria Calyphygia, toldou o olhar de Bill por um momento e quando tornou a clarear viu-se com uma caneta na mão prestes a assinar o formulário que o sargento recrutador mantinha diante dele.

— Não — disse Bill, ligeiramente espantado pela própria firmeza de caráter. — Não quero mesmo. Operador Técnico em Fertilizantes...

— Não só você receberá este encantador uniforme, umas bonificação de alistamento e um exame médico gratuito, como será condecorado com estas elegantes medalhas.

O sargento apanhou uma caixa chata que lhe fora trazida por um robô, abriu-a e exibiu um brilhante conjunto de fitas-, e passadeiras.

— Esta é a *Nobre Medalha de Alistamento* — anunciou, com voz grave, pregando no peito dele uma nebulosa incrustada, de pedras, sobre uma fita de cor *chartreuse,* — E o *Corno Dourado Congratulatório do Imperador,* a *Explosão Esteia) Marchemos para a Vitória,* a *Louvação às Mães dos Vitoriosos: Tombados* e a *Sempre Jorrante Cornucópia,* que não quer dizer nada, mas é bonita e pode ser usada para guardar anticoncepcionais.

Deu um passo para trás e examinou com ar aprovativo o peito de Bill, que estava agora repleto de fitas, metal brilhante e faiscantes joias de plástico.

— Não posso mesmo — disse Bill. — Apesar disso, obrigado pelo oferecimento, mas...

O sargento sorriu, preparado que estava para esta resistência de última hora, e apertou, no seu cinto, o botão que acionava o hipno-fio programado no salto da bota nova de Bill.. A poderosa corrente neural surgiu através dos contatos e a mão de Bill torceu-se, pulou, e quando a névoa momentânea afastou-se dos seus olhos, viu que tinha assinado seu nome.

— Mas...

— Bem-vindo às Tropas do Espaço — berrou o sargento, dando-lhe um formidável tapa nas costas (músculos como rochas) e tirou-lhe a caneta da mão.

— Formar! — continuou o sargento aos berros, e os recrutas atiraram-se para fora da taverna.

— O que fizeram com meu filho! — gemeu a mãe de Bill, chegando na praça do mercado, agarrando o peito com uma mão e arrastando o

irmãozinho de Bill, Charlie, pela outra. Charlie começou a chorar e mijou nas calças.

— Seu filho é, agora, soldado para a maior glória do Imperador — disse o sargento, empurrando para a formação ;seu recruta boquiaberto e de ombros caídos.

— Não! Não pode ser... — soluçou a mãe de Bill, arrancando os cabelos encanecidos. — Sou uma pobre viúva e ele é meu único arrimo... o senhor não pode!...

— Mãe — disse Bill, mas o sargento empurrou-o de volta para as fileiras.

— Tenha coragem, senhora — disse ele. — Não há glória maior para uma mãe. — Deixou cair um níquel recentemente cunhado na mão dela. — Tome a bonificação de alistamento, um *shilling* do Imperador. Eu sei que ele quer que a senhora *o* ganhe. ATENÇÃO!

Com um bater de calcanhares, os recrutas esticaram os ombros e enfunaram os peitos. Para sua imensa surpresa, Bill fez o mesmo.

— DIREITA, VOLVER!

Com um único e gracioso movimento, eles se moveram quando o robô nos controles transmitiu a ordem ao hipno-fio de cada bota.

— Ordinário, marche!

Eles obedeceram num ritmo perfeito, tão bem controlado que, por mais que tentasse, Bill não pôde nem mesmo virar a cabeça ou dar um último adeus à mãe. Ela desapareceu na distância atrás dele e um último queixume angustiado foi cortado pelo barulho dos pés marchando.

— Aumente o ritmo para cento e trinta — ordenou o sargento, vendo as horas no relógio colocado sob a unha do seu dedo mindinho.

— Exatamente dez milhas até a estação. Estaremos esta noite no acampamento, rapazes.

O robô nos controles ajustou seu metrônomo, as botas bateram com velocidade maior, acompanhando o ritmo, e os homens começaram a suar. Quando chegaram à estação de helicópteros, já era quase noite e seus uniformes de papel vermelho pendiam em frangalhos. O dourado já havia escorrido dos seus botões de alumínio e a carga repelente que afastava a poeira das suas botas de matéria plástica havia desaparecido. Estavam tão esfarrapados, exaustos, empoeirados e infelizes quanto se sentiam.

Dois

NÃO FOI a corneta gravada tocando alvorada que acordou Bill, mas os supersônicos que propagaram-se através da armação metálica do seu beliche e o sacudiram até fazer as obturações dos seus dentes vibrarem. Levantou-se de um pulo e ficou ali parado, tremendo, no cinzento da madrugada. Como era verão, o chão estava refrigerado.

No Campo Leon Trotsky os homens não eram mimados. As figuras pálidas, trêmulas, dos outros recrutas, enfileiraram-se de cada lado e quando as vibrações de sacudir a alma cessaram, eles puxaram de debaixo dos beliches seus grossos uniformes de faxina, feitos de aniagem e lixa, vestiram-nos apressadamente, enfiaram os pés nas grandes botas púrpura de recrutas e saíram meio tontos para a madrugada.

— Estou aqui para arrebentar suas almas — informou-lhes uma voz rica de ameaças e eles olharam para cima e tremeram mais ainda, como se estivessem enfrentando o diabo-mor no seu inferno particular.

O Suboficial Desejomortal Drang era um especialista, da ponta dos seus rebeldes e eriçados cabelos à sola enrugada e tonitruante das suas botas, reluzentes como espelhos. Tinha ombros largos e cintura fina, enquanto seus braços enormes pendiam, arqueados como os de um horrível antropoide e os nós dos dedos dos seus punhos enormes estavam arranhados >em consequência de milhares de dentes alheios quebrados. Era impossível olhar para aquela figura detestável e imaginar que havia saído da doce matriz de uma mulher. Ele nunca podia ter nascido. Devia ter sido construído por ordem do governo. A coisa mais horrível de todas era sua cabeça. O rosto! O couro cabeludo detinha-se a apenas uma polegada do emaranhado de suas sobrancelhas negras, situadas como uma cerca de folhagem na borda dos poços escuros que escondiam os olhos, apenas visíveis como malévolos raios vermelhos na infernal escuridão. Um nariz quebrado e esborrachado caía sobre a boca, que era como um talho no ventre inchado de um cadáver. Ultrapassando os lábios, surgiam as presas

brancas dos dentes caninos, de duas polegadas de comprimento pelo menos, que repousavam em sulcos feitos no lábio inferior.

— Sou o Suboficial Desejomortal Drang e deverão me chamar de "Sir" ou "M'lord".

Começou a andar para cima e para baixo diante da tropa formada pelos aterrorizados recrutas.

— Sou o pai e a mãe de vocês, todo o seu universo e seu mais dedicado inimigo. Breve farei com que vocês lamentem haver nascido.

Esmagarei a vontade de vocês. Quando eu disser "rã", vocês pularão.

Minha função é transformá-los cm soldados e soldados devem ser disciplinados. Disciplina quer dizer obediência cega, perda do direito de ter opinião, absoluta subserviência. É só o que peço...

Parou na frente de Bill, que não estava tão trêmulo quanto os outros, e grunhiu: — Não gosto da sua cara. Todos os domingos deste mês de faxina.

— Sir...

— E mais um por ter respondido.

Esperou, mas Bill ficou em silêncio. Acabava de aprender a primeira lição de como se tornar um bom soldado. Manter a boca fechada. Desejomortal continuou a andar.

— Neste instante vocês não passam de horríveis, sórdidos, balofos pedaços de desprezível carne vil. Vou transformar essa carne em músculos, a vontade de vocês em gelatina e suas mentes em máquinas.

Vocês se tornarão bons soldados ou eu os matarei. Vocês começarão logo a ouvir histórias a meu respeito, histórias maldosas sobre como matei e comi um recruta que me desobedeceu.

Parou e encarou-os. Lentamente, os lábios em forma de tampa de ataúde abriram-se num malévolo arremedo de sorriso, enquanto uma gota de saliva acumulava-se na ponta de cada presa esbranquiçada.

— Essa história é verdadeira.

Ouviu-se um gemido, partido da fileira de recrutas, que estremeceu como se uma rajada de vento gelado tivesse passado por ela. O sorriso desapareceu.

— Iremos correndo tomar café assim que eu consiga uns voluntários para uma tarefa. Algum de vocês dirige helicarro?

Dois recrutas ergueram esperançosamente as mãos e ele fez-lhes sinal para que dessem um passo à frente.

— Muito bem. Vocês dois, apanhem vassouras e baldes atrás daquela porta. Limpem as latrinas enquanto os outros comem. Terão mais apetite na hora do almoço.

Essa foi a segunda lição aprendida por Bill para ser um bom soldado: nunca se apresentar como voluntário.

Os dias de treinamento dos recrutas passaram com uma velocidade tremendamente letárgica. A cada dia as condições se tornavam piores e Bill sentia-se cada vez mais exausto. Parecia impossível, mas no entanto era verdade. Uma grande quantidade de mentes bem dotadas e sádicas resolvera que tinha de ser assim. A cabeça dos recrutas era raspada da mesma forma e seus órgãos genitais pintados com uma solução cor de laranja, anticéptica, para prevenir infecções externas. A alimentação era, teoricamente, nutritiva, mas incrivelmente repulsiva e quando, por engano, uma porção era servida num estado razoável, era logo retirada da mesa e jogada fora, e o cozinheiro rebaixado dois postos. Seu sono era interrompido por ataques simulados de gás e as horas de folga ocupadas com a limpeza do equipamento. O sétimo dia era destinado ao descanso, mas todos recebiam punições, como a de Bill na faxina, fazendo com que ele fosse um dia igual aos outros.

Naquele dia, o terceiro domingo da sua captura, eles estavam errando à toa ao cair da tarde, antes das luzes se extinguirem e de lhes ser permitido, finalmente, arrastar-se para seus duríssimos beliches.

Bill fez pressão com o corpo no fraco campo de força que bloqueava a porta, sabiamente desenhado para permitir a entrada das moscas do deserto mas não a saída, e arrastou-se para dentro.

Depois de catorze horas de faxina, suas pernas tremiam de cansaço e seus braços estavam murchos e pálidos como os de um cadáver, por causa da imersão na água cheia de sabão. Atirou o dólmã no chão, onde caiu esticado, mantido por sua carga de suor, gordura e poeira, e retirou seu barbeador do baú aos pés do beliche. Chegando na latrina, girou a cabeça à procura de um espaço livre em um dos espelhos.

Todos haviam sido praticamente cobertos com frases inspiradas, escritas em letras enormes, tais como: Cale a Boca — Os Chingers Estão Ouvindo e Se Você Falar Este Homem Pode Morrer. Usou, finalmente, a tomada ao lado de VOCÊ QUER QUE SUA IRMÃ SE CASE COM UM?, e enquadrou o rosto no *O* de *com*. Olhos injetados, profundamente encravados em órbitas negras olhavam para ele, enquanto passava afanosamente a máquina zumbidora pela superfície emagrecida do seu

queixo. Levou mais de um minuto para a pergunta penetrar no seu cérebro embotado pelas drogas.

— Não tenho irmã nenhuma — resmungou com impertinência. — E se tivesse, por que havia de querer que ela se casasse com um lagarto qualquer?

Era uma pergunta puramente retórica, mas provocou uma resposta do fundo do banheiro, vinda da última latrina da segunda fila.

— Isso não quer dizer *exatamente* o que está escrito... só serve para fazer com que odiemos ainda mais o sórdido inimigo.

Bill deu um pulo, pois pensava que estava só na latrina, e a navalha zumbia odiosamente, arrancando um pedaço de carne do seu lábio.

— Quem está aí? Por que está se escondendo? — rosnou ele e depois reconheceu a figura escura e desajeitada e a quantidade de pares de botas.

— Oh, é você, Ansioso.

Sua raiva desapareceu e ele voltou-se para o espelho.

Ansioso Beager integrava-se de tal maneira nas latrinas que as pessoas esqueciam que ele estava lá. Era um rapazinho risonho, de rosto redondo, com um eterno sorriso nas faces cor de maçã, que jamais perdiam seu brilho, e cujo sorriso parecia tão deslocado num lugar como o Campo Leon Trotsky, que todos tinham vontade de matá-lo, só não o fazendo porque se lembravam de que era maluco.

Devia ser maluco porque estava sempre ansioso para ajudar seus colegas e se oferecera como voluntário permanente para a função de limpador de latrina. E não era só isso. Gostava de engraxar botas e oferecia-se para fazê-lo a cada companheiro, até que passava a noite inteira engraxando as botas de todo o pessoal da tropa. A qualquer momento que se chegasse às barracas, podia-se encontrá-lo acocorado no fundo dos tronos, que era seu domínio particular, rodeado de montes de sapatos, que ele engraxava diligentemente, com a face sempre aberta num sorriso. Devia continuar ali depois de as luzes se apagarem, trabalhando à luz de uma vela colocada sobre um pote de graxa e normalmente levantava-se antes dos outros, pela manhã, fazendo seu trabalho voluntário com um permanente sorriso. Às vezes, quando as botas estavam sujas demais, trabalhava noite adentro. O garoto era, evidentemente, maluco, mas ninguém dizia nada porque ele fazia um trabalho tão bom com as botas que todos rezavam para que ele não morresse de inanição até o fim do período de treinamento.

— Ora, se é isso o que eles querem dizer, por que não dizem logo "Odeiem mais ainda o inimigo sujo"? — queixou-se Bill.

Estendeu o polegar na direção da parede dos fundos, onde havia um cartaz com os dizeres: Conheça o Inimigo. Nele havia a reprodução, em tamanho natural, de um Chinger de mais de dois metros de altura, com o aspecto de um sáurio, mas que tinha muito de canguru, coberto de escamas e com quatro braços, verde e com uma cabeça de jacaré.

— Que irmã gostaria de casar com um troço igual àquele, na verdade? E o que um troço igual àquele iria querer com uma irmã, a não ser, talvez, comê-la?

Ansioso deu um último polimento numa biqueira púrpura e apanhou outra bota. Franziu as sobrancelhas durante um momento para mostrar como aquilo era sério.

— Bem, você sabe, ora... aquilo não se refere a uma irmã *de verdade.* É apenas parte da guerra psicológica, Temos de ganhar a guerra. Para ganhar a guerra, temos de lutar com determinação. Para lutar com determinação, temos de ter bons soldados. Bons soldados devem odiar o inimigo. As coisas são assim. Os chingers são a única raça não-humana descoberta na galáxia que ultrapassou o nível primitivo. Por isso, naturalmente, temos de aniquilá-las.

— Que diabo de *naturalmente* é esse? Não quero aniquilar ninguém. Só quero voltar para casa e ser um Operador Técnico em Fertilizantes.

— Claro que não estou me referindo a você pessoalmente, bolas!

Ansioso abriu uma nova lata de graxa com as mãos sujas de púrpura e meteu os dedos nela.

— Refiro-me à raça humana. É assim que agimos. Se não os aniquilamos, eles nos aniquilarão. Claro que eles alegam que a guerra é contra sua religião e que só lutam para se defender. Até agora ainda não fizeram um só ataque. Mas não podemos acreditar, muito embora seja verdade. Isso porque eles podem mudar a religião ou as ideias e aí o que será de nós? A melhor solução é aniquilá-los imediatamente.

Bill desligou a navalha e lavou o rosto na tépida água cor de ferrugem.

— Continuo não vendo lógica nisso. Está bem, a irmã que eu não tenho não deve se casar com nenhum deles. Mas, e isto aqui?

Apontou para as pranchas no chão, onde havia escrito: Mantenha Este Chuveiro Desimpedido — O Inimigo Pode Ouvi-lo.

— E isto?

O letreiro sobre o mictório dizia: Abotoe a Braguilha — Cuidado com os Espiões.

— Se considerarmos não haver aqui qualquer segredo pelo qual valha a pena viajar uma milha para descobrir, quanto mais vinte e cinco anos-luz, que diabo de coisa um chinger terá para espionar? Que espécie de disfarce faria um lagarto de mais de dois metros passar por recruta? Você não poderia sequer disfarçar um de Desejomortal Drang, embora haja muita semelhança...

As luzes se apagaram e, corno se à invocação do diabo este surgisse de um buraco, a voz de Desejomortal explodiu nas barracas.

— Para a cama! Para a cama! Vocês não sabem, seus palhaços, que estamos em guerra?

Bill desatou a correr na escuridão das barracas, cuja única iluminação era o clarão vermelho dos olhos de Desejomortal. Ferrou no sono assim que sua cabeça encostou no travesseiro de carborundum e não parecia ter passado mais de um minuto quando houve o toque de alvorada, arrancando-o do beliche. No café, enquanto cortava penosamente seu sucedâneo de café em pequenos pedaços passíveis de ser engolidos, as telenotícias mostravam a luta feroz que se desencadeava no setor de Beta Lira, com baixas enormes. Um rugido desencadeou-se por todo o alojamento quando essa notícia foi divulgada, não por excesso de patriotismo, mas porque qualquer má notícia tornava as coisas ainda piores para eles. Não sabiam como isso era possível, mas o fato é que era. Não se enganaram. Como aquela manhã estava ligeiramente mais fresca que o habitual, o desfile de segunda-feira foi estendido até o meio-dia, quando o pátio de exercícios de concreto armado ficou otimamente em brasa, provocando um grande número de desmaios por excesso de calor. Mas isso foi só o começo. De onde Bill estava, em posição de sentido, na retaguarda, pôde ver que haviam instalado ar refrigerado no palanque de revista. Aquilo significava a presença de galões. A guarda do gatilho do seu rifle atômico fez-lhe um buraco no ombro e uma gota de suor acumulado pingou-lhe da ponta cio nariz. Pelo rabo do olho pôde ver a constante agitação, com homens desmaiando aqui e ali, em meio às compactas fileiras de milhares. Viu, também, que eram arrastados para as ambulâncias de prontidão, por ativos padioleiros.

Uma vez ali, eram estendidos à sombra dos veículos até voltarem a si e poderem ser mandados de volta aos seus lugares na forma. Então a banda iniciou a execução de Avante Homens do Espaço e Vencereis os Chingers! e

o sinal de rádio enviado a cada tacão de bota mandou com que todos apresentassem armas ao mesmo tempo, fazendo cem que milhares de rifles brilhassem ao sol. O carro do comandante-chefe — não havia dúvida por causa das duas estrelas pintadas nele — parou ao lado do palanque e uma figura pequena e gorda atravessou rapidamente o ar quente como o de um forno e se refugiou no conforto do ar refrigerado. Bill nunca o vira tão de perto, pelo menos de frente, embora uma vez, quando voltava de madrugada da faxina na cozinha, vislumbrara o general entrando no carro, perto do teatro do campo.

Pelo menos, Bill pensou que era ele, pois o pouco que conseguira ver fora sua traseira. Pois, se tinha uma imagem mental do general, era a de uma ampla parte posterior, encimada por uma cabeça semelhante à de uma formiga. Para ele a maioria dos oficiais tinha esse mesmo aspecto, uma vez que os homens, é claro, nenhum contato tinham com seus superiores durante o período de treinamento. Bill pudera, certa vez, dar uma boa olhada num segundo-tenente, perto da casa de guarda, e viu que ele possuía um rosto. E vira também um oficial médico, a mais ou menos trinta metros de distância, que lhes havia feito uma conferência sobre doenças venéreas, mas Bill tivera a sorte de sentar por trás de um poste, o que lhe permitiu cair imediatamente no sono.

Depois que a banda parou, os alto-falantes anti-G flutuaram sobre as tropas e o general dirigiu-se a eles. Não tinha nada de importante para dizer que interessasse aos homens e terminou anunciando que, em virtude das perdas no campo de batalha, o programa de treinamento seria acelerado. Era exatamente o que eles esperavam.

Então a banda executou mais alguns números e eles marcharam de volta para os alojamentos, vestiram seus ásperos uniformes de campanha e dirigiram-se — desta vez aceleradamente — para o campo de tiro, onde, com seus rifles atômicos, dispararam contra réplicas cm plástico de chingers que surgiam de buracos no chão. A pontaria deles demonstrava ser muito ruim até o instante em que Desejomortal Drang pulou de um buraco. Cada soldado, então, passou a usar o disparo totalmente automático e, coisa difícil de se conseguir, não perderam um só tiro. Quando a fumaça desapareceu, eles pararam de dar hurras e transformaram a alegria em soluções ao verificar que tinham atirado numa réplica em plástico de Desejomortal, agora reduzida a migalhas. Então o original apareceu por trás deles e, com um ranger de dentes, castigou-os todos com um mês de faxina.

— O corpo humano é uma coisa maravilhosa — disse Ardente Brown um mês mais tarde, quando estavam sentados em torno de uma mesa no *Lowest Ranks Klub,* comendo salsichas plásticas recheadas de lixo e bebendo cerveja quente aguada. Ardente Brown era pastor de thoats nas planícies e passou a ser chamado de Ardente quando os outros souberam o que os pastores de thoats faziam com os thoats fêmeas. Era alto, magro, de pernas arqueadas, e tinha a pele cor de couro velho. Falava raramente, habituado que fora com o eterno silêncio das planícies, quebrado apenas pelo grito melancólico do thoat inquieto, mas era um grande pensador, pois o que mais tivera fora tempo para pensar. Podia mastigar um pensamento durante dias, semanas mesmo, antes de expressá-lo em voz alta, e quando pensava num assunto, nada podia distraí-lo. Deixava mesmo que o chamassem de Ardente sem protestar. Fazer isso com qualquer outro soldado, era se arriscar a levar um tapa na cara. Bill, Ansioso e outros componentes do esquadrão X, que se achavam sentados em torno da mesa, aplaudiram e gritaram como sempre faziam quando Ardente dizia alguma coisa.

— Mais, Ardente!

— Ele não pode... acho que está morto!

— Diga, Ardente... por que o corpo humano é uma coisa maravilhosa?

Aguardaram, em expectante silêncio, enquanto Ardente esforçava-se por dar uma dentada na salsicha e, depois de inútil mastigar, engoliu-a com tal esforço que lhe vieram lágrimas aos olhos. Minorou o sofrimento com um gole de cerveja e prosseguiu: — O corpo humano é uma coisa maravilhosa porque se não morre, vive.

Os outros continuaram esperando mais até que perceberam que Ardente havia terminado. Então começaram a zombar dele.

— Rapaz, você está cheio de ardor!

— Candidato à Escola de Suboficiais!

— É mesmo... mas o que é que aquilo quer *dizer*? Bill sabia mas não disse. Havia agora somente a metade dos homens no esquadrão, em comparação com o primeiro dia. Um dos homens fora transferido, mas todos os outros estavam no hospital ou no sanatório mental, ou ainda desengajados, no interesse do governo, por se encontrarem demasiadamente incapazes para o serviço ativo. Ou mortos. Os sobreviventes, após terem perdido cada onça de peso não pertencente a osso ou tecidos conjuntivos essenciais, haviam recuperado o peso perdido, sob a forma de músculos e

estavam agora completamente adaptados aos rigores do Campo Leon Trotsky, embora continuassem sentindo aversão a ele. Bill maravilhava-se com a eficiência do sistema. Os civis tinham de perder tempo com exames, níveis, proventos de aposentadoria, promoções e milhares de outros fatores que limitavam a eficiência dos trabalhadores. Mas como isso era feito facilmente na tropa! Simplesmente matavam os fracos e utilizavam os sobreviventes. Ele respeitava o sistema, apesar de detestá-lo.

— Você sabe de que eu preciso; preciso de uma mulher — disse Repulsivo Ugglesway.

— Não diga sujeiras — respondeu Bill com presteza, uma vez que havia sido educado corretamente.

— Não estou dizendo sujeiras! — queixou-se Repulsivo.

— Não é como se eu dissesse que queria me reengajar, que achasse Desejomortal humano ou coisa parecida. Disse apenas que preciso de uma mulher. Todos precisamos, não é?

— Preciso de um drinque — disse Ardente Brown, ao mesmo tempo em que sorvia um enorme gole da sua cerveja desidratada reconstituída, estremecia, e fazia-a jorrar entre os dentes, num longo esguicho até o chão de cimento, onde ela se evaporou instantaneamente.

— De acordo, de acordo — concordou Repulsivo, balançando a cabeça emaranhada, de rosto cheio de verrugas, para cima e para baixo. — Preciso de uma mulher *e* de um drinque.

Suas lamentações se tornaram mais profundas.

— Afinal de contas, que mais se pode querer, na tropa, afora dar baixa?

Ficaram pensando nisso um tempo enorme, mas não conseguiram achar nada que alguém quisesse mesmo, além daquilo. Ansioso Beager estendeu a cabeça de debaixo da mesa, onde estava secretamente engraxando uma bota, e disse que queria mais graxa, mas ninguém deu-lhe atenção. Mesmo Bill, agora que começava a pensar no assunto, pôde encontrar alguma coisa que quisesse de verdade (além daquelas duas coisas tão inextricavelmente unidas).

Procurou pensar em algo mais, uma vez que tinha uma vaga ideia de que desejava outras coisas quando era civil, mas não se lembrou de nada.

— Oba, só faltam sete semanas para termos nosso primeiro passe — disse Ansioso, sob a mesa, e começou a gritar quando foi chutado por todos.

Mas, por mais lentamente que se arrastasse o tempo subjetivo, os relógios continuavam marcando as horas e as sete semanas foram passando e se sucedendo, uma a uma. Foram semanas atarefadas, dominadas pelos cursos do treinamento básico do recruta: ataque a baioneta, treino com armas leves, inspeção de armas de mão, desmonte, aulas de orientação, manobras, canto coral e Leis de Guerra. Estas últimas eram lidas com pavorosa regularidade duas vezes por semana e eram absolutamente torturantes pela intensa sonolência que causavam. Ao primeiro ruído da voz áspera que saía da fita, as cabeças começavam a balançar. Mas cada cadeira no auditório estava ligada a um aparelho de eletroencefalograma, que controlava as ondas cerebrais dos soldados dominados. Assim que a curva da onda Alfa indicava uma transição do estado consciente para o de sonolência, uma poderosa corrente elétrica era descarregada contra as nádegas adormecidas, fazendo seus proprietários acordarem com a dor. O úmido auditório era uma sombria câmara de torturas, completamente cheia com a voz sussurrante e monótona, interrompida pelos gritos agudos das vítimas dos choques elétricos, com o mar de cabeças oscilantes, pontilhado aqui e ali de figuras que pulavam de dor.

Ninguém ouvia nunca as terríveis sentenças e os castigos prometidos pela Lei para o mais inocente dos crimes. Todos sabiam que, ao assinar o requerimento de engajamento, haviam renunciado aos seus direitos humanos e a descrição do que haviam perdido não lhes interessava absolutamente. O que lhes interessava de verdade era contar as horas até o momento de receberem o primeiro passe. O ritual pelo qual essa recompensa era relutantemente concedida era usualmente humilhante, mas os soldados já esperavam por isso e apenas baixavam os olhos e marchavam em fila, dispostos a sacrificar qualquer restinho de amor próprio em troca do enrugado pedaço de plástico. Terminado o ritual, havia a luta para chegar ao transporte, o monotrilho cujo leito pendia dos pilares carregados de eletricidade, passando por cima da cerca de arame farpado de dez metros de altura, atravessando leitos de areia movediça, para chegar à pequena cidade agrícola de Leyville. Pelo menos havia sido uma cidade agrícola, antes do Campo Leon Trotsky ter sido construído e, esporadicamente, na hora em que os soldados não andavam por lá, seguia sua tradicional inclinação agrícola. O resto do tempo, os armazéns de sementes e de mantimentos fechavam as portas e os bares e prostíbulos passavam a funcionar. Muitas vezes os mesmos locais eram usados para ambas as funções. Assim que o

primeiro grupo de soldados estourava na estação, uma alavanca era puxada e as caixas de cereais transformavam-se em camas, os vendedores em alcoviteiros, os empregados da caixa continuavam com a mesma função — embora os preços fossem maiores — enquanto os balcões eram enchidos de copos, virando bares. Foi a um desses estabelecimentos, um salão de pompas fúnebres, que Bill e seus companheiros chegaram.

— Que vão querer, rapazes? — perguntou o sempre sorridente proprietário do Bar e Restaurante Repouso Final.

— Uma dose dupla de Líquido de Embalsamar — respondeu Ardente Brown.

— Nada de piadas — disse o dono, cujo sorriso desapareceu subitamente enquanto apanhava a garrafa, cujo pomposo título, Real Whisky, fora colado sobre o que estava gravado no vidro: Líquido de Embalsamar. — Se fizerem encrenca, chamo a Polícia Militar.

O sorriso voltou a brilhar ao som das moedas tilintando no balcão.

— Digam o veneno, cavalheiros.

Os soldados sentaram-se em torno de uma longa e estreita mesa, tão grossa quanto profunda, com pegadores de bronze nas extremidades, e deixaram que o bendito alívio do álcool etílico abrisse um caminho para dentro de suas empoeiradas gargantas.

— Nunca bebi antes de entrar para o exército — disse Bill, virando de um trago quatro dedos de Velho Mata-Rins e estendeu o copo para nova dose.

— Porque você nunca precisou — respondeu Repulsivo,, servindo-o.

— Claro que não — disse Ardente Brown, estalando os beiços com prazer e levando a garrafa à boca novamente.

— Puxa — disse Ansioso Beager, tomando um golinho, hesitante, na beira do copo. — O gosto é de um xarope feito de açúcar, pedaços de madeira, éteres variados e uma certa quantidade de álcoois nocivos.

— Bebe — disse Ardente incoerentemente, agarrado ao gargalo da garrafa. — Todas essas coisas são boas para você.

— Agora quero uma mulher — disse Repulsivo.

Houve uma correria e todos se amontoaram na porta, tentando sair primeiro, até que alguém gritou "Olhem!" e eles viraram-se para ver Ansioso ainda sentado na mesa.

— Mulher! — disse Repulsivo com entusiasmo, com o mesmo tom de voz com que se diz "Jantar!", quando se está chamando um cachorro. O

grupo de homens agitou-se na porta e bateu com os pés.

Ansioso não se mexeu.

— Puxa... Acho que vou ficar aqui — disse ele, com< seu eterno sorriso simples. — Mas vocês podem ir.

— Você não está se sentindo bem, Ansioso?

— Estou ótimo.

— Você já chegou à puberdade?

— Ora...

— Que é que você vai ficar fazendo aqui?

Ansioso remexeu debaixo da mesa e tirou um saco de lona. Abriu-o e mostrou que estava cheio de botas grandes, púrpura.

— Penso que vou por minhas engraxadelas em dia. Caminharam lentamente pela calçada de madeira, silenciosos.

— Será que há alguma coisa errada com Ansioso? — perguntou Bill, mas ninguém deu resposta.

Estavam olhando, através da rua esburacada, para uma tabuleta brilhantemente iluminada, que emitia um atraente clarão avermelhado.

O Repouso dos Homens do Espaço, dizia.

Shows contínuos de strip-tease e os melhores drinques e os mais atraentes quartos particulares para os hóspedes e seus convidados.

Andaram mais depressa. A fachada do repouso dos homens do espaço estava coberta de vitrines com vidros inquebráveis, cheias de fotos tridimensionais de mulheres completamente vestidas (braceletes e duas estrelas), e mais além fotos delas nuas (sem braceletes e com as estrelas caindo). Bill fez cessar o rápido som da respiração ofegante dos homens mostrando um pequeno cartaz quase perdido entre a intumescente riqueza das glândulas mamárias. SÓ PARA OFICIAIS, leu ele.

— Vão andando — disse um PM, cutucando-os com seu cassetete eletrônico.

Eles se afastaram, arrastando os pés.

O estabelecimento seguinte admitia homens de todas as classes sociais, mas a entrada custava setenta e sete créditos, quantia superior à que todos eles, juntos, tinham no bolso. Depois desse, recomeçavam novamente os Só para Oficiais, até que a calçada terminou e todas as luzes ficaram por trás deles.

— Que é isso? — perguntou Repulsivo, ao ouvir o barulho de vozes sussurrando, vindas de uma rua escura, ao lado. Olhando de perto, puderam

ver uma fila de soldados que se estendia até se perder de vista numa esquina distante.

— Que é isso? — perguntou ele ao último da fila.

— É o bordel dos soldados. E nada de furar a fila, assanhado.

Entra na fila, entra na fila.

Todos entraram imediatamente e Bill ficou em último, mas não por muito tempo. Foram avançando lentamente e apareceram outros soldados, que se colocaram atrás dele. A noite estava fria e Bill tomou muitos goles revitalizadores pelo gargalo da sua garrafa. Ouvia-se pouca conversa e mesmo esta morria à medida em que iam se aproximando da porta, iluminada por uma luz vermelha. A porta abria-se e se fechava a intervalos regulares e, um a um, os amigos de Bill entraram. Então chegou a vez dele e a porta começou a abrir-se.

Ele deu o primeiro passo para a frente e as sirenas começaram a berrar. Um enorme PM barrigudo interpôs-se entre Bill e a porta.

— Aviso de emergência. De volta para a base! — explodiu.

Bill latiu um estrangulado grunhido de frustração e pulou para a frente. Mas uma pancadinha com o cassetete eletrônico fê-lo juntar-se aos outros. Foi levado, ainda meio tonto, entre a massa de corpos, enquanto as sirenas gemiam e uma aurora artificial formava, no céu, as palavras Às Armas! em letras chamejantes de duas centenas de quilômetros de extensão cada uma. Alguém estendeu a mão e segurou Bill, que estava caindo por entre as botas púrpura. Era o seu companheiro Repulsivo, que mostrava um sorriso de satisfação, fazendo Bill odiá-lo e tentar dar-lhe um soco. Mas antes de poder levantar o punho, viu-se, com os outros, amontoado no vagão do monotrilho, lançado pela noite adentro e cuspido de volta ao Campo Leon Trotsky**.** Esqueceu sua irritação quando as afiadas garras de Desejomortal Drang o arrancaram da massa.

— Arrumem seus trecos — gargarejou — vocês vão partir.

— Não podem fazer isso com a gente... Ainda não terminamos a instrução.

— Eles podem fazer o que quiserem e normalmente fazem.

Acabou de haver uma gloriosa batalha espacial, terminada vitoriosamente. Houve quatro milhões de baixas, com umas cem mil a mais ou a menos. Precisam de reforços e vocês são esses reforços.

Preparem-se para embarcar imediatamente, ou antes, nos transportes.

— Não podemos... não temos equipamento espacial! A intendência...

— Todo o pessoal da intendência já foi embarcado.

— A comida...

— Os cozinheiros e ajudantes já estão no espaço. Trata-se de uma emergência. Todo o pessoal não essencial está sendo -enviado.

Provavelmente para morrer — acariciou um canino e brindou-os com um horrível sorriso. — Enquanto isso, permanecerei aqui, numa tranquila segurança, para treinar seus substitutos.

O tubo pneumático fez um ruído surdo e Desejomortal abriu a cápsula, apanhando uma mensagem que começou a ler. Seu sorriso caiu lentamente em pedaços.

— Me mandaram ir também — disse, com voz cava.

Três

86.672.899 recrutas haviam sido embarcados para o espaço, todos procedentes do Campo Leon Trotsky. Por isso o processo era automático e funcionava perfeitamente, embora desta vez estivesse devorando a si mesmo, como uma cobra engolindo o próprio rabo. Bill e seus companheiros foram o último grupo de recrutas enviado e a serpente começou a digerir a si mesma exatamente atrás deles. Mas lhes haviam feito a barba incipiente e os despiolharam no despiolhador ultrassônico, os barbeiros atiraram-se uns aos outros e, uma confusão de braços, tufos de cabelo, pedaços de bigodes, nacos de carne e trotas de sangue, barbearam e rasparam a cabeça uns dos outros e depois arrastaram o operador cem eles para a câmara ultrassônica. Os enfermeiros inocularam em si mesmos injeções contra a febre dos foguetes e resfriados espaciais, os escriturados prepararam para si mesmos folhas de pagamento e os carregadores empurraram uns aos outros, aos tapas, pelas rampas que subiam até as naves de transporte de tropas. Os foguetes rugiam, deixando colunas de fogo como línguas escarlates, que lamberam as torres de lançamento, queimando as rampas num belo espetáculo pirotécnico, já que os operadores das rampas também estavam a bordo. As naves mg iram e espalharam ecos no céu noturno, deixando o campo Trotsky convertido numa silenciosa cidade fantasma, na qual pedaços de ordens do dia e listas de punições agitavam-se o voavam dos painéis de aviso, dançando pelas ruas abandonadas para irem chocar-se finalmente, com as barulhentas e acesas janelas do Clube dos Oficiais, onde estava se desenrolando um fenomenal pileque, embora muitos se queixassem pois estavam sendo obrigados a servir-se.

Os transportes continuavam a subir na direção da grande frota de naves do espaço profundo, que obscurecia as estrelas acima dela. Uma nova frota, a mais poderosa já vista pela galáxia, na verdade tão nova que as naves ainda estavam sendo construídas. Os maçaricos brilhavam como cegantes pontos de luz, enquanto arrebites incandescentes faziam sua trajetória reta

pelo espaço até atingir as cestas que os esperavam. Os pontos de luz morriam à medida em que os monstros dos mares espaciais eram terminados e ouviam-se gemidos abafados nos receptores de rádio dos trajes espaciais quando os trabalhadores, em vez de serem devolvidos aos estaleiros, eram obrigatoriamente recrutados para o serviço da nave que acabavam de construir. Aquela era uma guerra total.

Bill cambaleou durante a travessia do tubo plástico oscilante que ligava o transporte com um couraçado espacial e deixou cair sua bagagem diante de um suboficial que estava sentado por trás de uma escrivaninha, na comporta do tamanho de um hangar. Ou tentou deixar cair, pois em virtude da falta de gravidade, suas coisas ficaram pairando a meia altura e quando as empurrou para baixo, subiu sem querer (uma vez que um corpo, quando está caindo livremente diz-se que está em queda livre e qualquer peso com peso não tem peso e para cada ação há uma igual porém oposta reação, ou coisa semelhante). O suboficial olhou para cima, resmungou e puxou Bill, colocando-o sobre a coberta.

— Não tolerarei nenhum desses truques de novato espacial, soldado. Seu nome?

— Bill, com dois eles.

— Bill —- murmurou o suboficial, mordendo o fundo da esferográfica.

Depois escreveu o nome dele na lista de embarque, com letras grandes de analfabeto.

— Só os oficiais usam dois eles, cretino... vê se aprende. Classificação?

— Recruta sem qualificação, sem treinamento, sofrendo de enjoo espacial.

— Bom, vê lá se não vomita aqui. Você tem seu alojamento para isso. Você agora é especialista em fusíveis, de sexta classe, sem qualificação. Fica alojado no compartimento 34J-89T-001. Ande e coloque esse saco de batatas na cabeça.

Bill mal havia encontrado seu alojamento e atirado a bagagem sobre uma cama, onde ficou flutuando quinze centímetros acima do colchão recheado de pedras, quando Ansioso Berger entrou, seguido de Ardente Brow e de uma multidão de estranhos, alguns dos quais carregavam maçaricos e tinham um ar irritado.

— Onde estão Repulsivo e o resto do pelotão? — perguntou Bill.

Ardente encolheu os ombros e amarrou-se a uma cama para tirar uma soneca. Ansioso abriu uma das seis bolsas que carregava sempre com ele e

tirou algumas botas para engraxar.

— Estão salvos?

Uma voz profunda, vibrante de emoção, soou no outro extremo do alojamento. Bill olhou naquela direção, assombrado, e o enorme soldado que estava lá percebeu esse movimento e apontou um dedo imenso para Bill.

— Você, irmão, está salvo?

— É muito difícil de dizer — murmurou Bill, inclinando-se e rebuscando dentro do seu saco, na esperança da que o homem desistisse.

Mas o homem não desistiu. Pelo contrário, aproximou-se e sentou-se na cama de Bill. Este tratou de ignorá-lo, mas era difícil porque o soldado tinha mais de um metro e oitenta de altura, músculos desenvolvidos e um queixo de aço. Era possuidor de uma reluzente pele negra, que deixou Bill um tanto invejoso, já que a sua era apenas rosa acinzentada. Como O' uniforme de campanha do soldado tinha quase a mesma tonalidade escura, parecia feito de uma só peça, o que causava muito efeito, com seu sorriso aberto e seu olhar agudo.

— Bem-vindo a bordo da *Fanny Hill* — disse, dando um amistoso aperto que deslocou a maior parte dos ossos da mão de Bill — esta velha nave da frota, comissionada há quase uma semana. Sou o reverendo Tembo, especialista em fusíveis de sexta classe, e vejo pelo que está impresso no seu saco que você se chama Bill. Como somos companheiros, Bill, por favor me chame de Tembo. E em que estado está a sua alma?

— Não tive muitas oportunidades de pensar nisso ultimamente ...

— Acho que não, pois vem do treinamento de recrutas e ir a uma capela nesse período significa corte marcial. Mas tudo isso já acabou e você agora pode ser salvo. Posso saber se você pertence à fé?...

— Minha família pertencia aos Zoroastrianos Fundamentalistas, por isso suponho que...

— Superstições, rapaz. Superstições vulgares. Foi a mãe do destino quem nos juntou nesta nave, para que sua alma tenha a oportunidade de ser salva do escuro abismo. Ouviu; falar na Terra?

— Gosto de comida trivial...

—É um planeta, rapaz. O berço da raça humana. O lugar de onde viemos todos, compreende? Um mundo verde e belo, uma joia no espaço.

Enquanto falava, Tembo tirou do bolso um pequeno projetor e uma imagem multicolorida apareceu no tabique, um planeta flutuando

artisticamente no vácuo, rodeado de nuvens brancas. Subitamente, surgiram das nuvens raios terríveis e tudo aquilo começou a se arrebentar e ferver, enquanto grandes cicatrizes surgiam no planeta abaixo. Um fraco ruído de trovões surgiu nos minúsculos alto-falantes.

— Mas as guerras arrebentaram entre os filhos do homem, que atacaram uns aos outros com a energia atômica, até que a própria Terra gemeu e o holocausto foi enorme. E quando os últimos relâmpagos cessaram, a morte reinava no Norte, a morte reinava no Oeste, a morte reinava no Leste, morte, morte, morte. Imagina o que isso significa?...

A voz de Tembo era eloquente, sentida, e ficou suspensa um instante a meio voo, esperando uma resposta à sua pergunta catequizadora.

— Não tenho certeza — disse Bill, continuando a remexer sem propósito no saco. — Venho de Phigerinadon II, que é um lugar tranquilo...

— A morte não reinava no Sul! E por que foi o Sul poupado? você se perguntará. A resposta é: porque foi desejo de Samedi que todos os falsos profetas, as falsas religiões e os falsos deuses fossem varridos da face da Terra, de forma a só ficar a verdadeira Fé. A Primeira Igreja Reformada Vudu...

Soou o toque de reunir, um atordoante buzinar calculado para produzir uma onda ressoante no crânio humano, de tal maneira que o osso vibrasse como se a cabeça estivesse dentro de uma tremenda campânula e os olhos saíssem de foco a cada som. Houve uma disparada geral para o corredor, onde o horrível som não era tão intenso o onde os suboficiais estavam esperando, para levá-los a seus postos. Bill acompanhou Ansioso Beager, subindo por uma escorregadia escada, até chegar à comporta no andar da sala dos fusíveis. Grandes fileiras de fusíveis estendiam-se para todos os lados, enquanto que da parte superior delas surgiam cabos da grossura de um braço, que subiam até o teto e desapareciam através dele. Em frente das fileiras, a espaços regulares, viam-se uns orifícios redondos de mais de um palmo de diâmetro.

— Minhas primeiras palavras serão breves: se algum de vocês me criar problemas, o atirarei pessoalmente de cabeça pelo conduto de fusíveis mais próximo.

Um dedo sujo de graxa apontou para um dos orifícios do chão e eles tomaram conhecimento da voz do seu novo dono. Era mais baixo, mais encorpado e mais barrigudo que Desejomortal, mas havia uma inconfundível semelhança geral.

— Sou Spleen, especialista cm fusíveis de primeira classe.

Apanharei vocês, nojentas larvas rastejantes, e transformarei em especialistas altamente eficientes em fusíveis, ou do contrário atirarei vocês pelo orifício de fusíveis mais próximo. Esta é uma atividade altamente especializada e técnica, que leva normalmente um ano a ser ensinada a um homem inteligente, mas estamos em guerra e por isso terão de aprendê-la agora ou, do contrário... Vou fazer uma demonstração. Tembo, para a frente e para o centro. Pegue q painel 19J-9. Agora está desligado.

Tembo bateu os calcanhares e ficou em posição de sentido na frente do painel. Estendendo-se para ambos os lados, estavam os fusíveis, cilindros de cerâmica branca recobertos de metal em ambas as extremidades. Cada um tinha um palmo de diâmetro e um metro e meio de altura, pesando quarenta e cinco quilos. Havia uma faixa vermelha no meio de cada fusível. O primeira-classe Spleen deu uma pancada numa dessas faixas.

— Cada fusível tem uma faixa vermelha destas, que se chama faixa de fusível e é vermelha. Quando o fusível queima, esta faixa fica preta. Não espero que decorem tudo isso agora, mas está no manual e irão saber tudo na ponta da língua antes que eu tenha acabado de lidar com vocês ou do contrário... Agora vou demonstrar o que acontece quando um fusível queima. Tembo: este é um fusível fundido! Depressa!

— Unggh! — berrou Tembo e pulou para o fusível, pegando-o com ambas as mãos. — Unggh! — gritou novamente e arrancou-o do suporte. — Unggh! — berrou outra vez, quando o deixou cair por um orifício de fusíveis.

Então, sem parar de ungghar, apanhou um fusível novo nas prateleiras de sobressalentes e colocou-o no lugar. Depois, com um hunggh final, tornou a ficar em posição de sentido.

— É assim que se faz. Por etapas, à maneira militar. E vão aprender, porque do contrário...

Ouviu-se um tênue zumbido atravessando o ar, como um arroto mal contido.

— É o toque de rancho e por isso vou deixá-los ir. Enquanto estiverem comendo, pensem em tudo o que vão ter de aprender. Debandar!

Outros soldados já estavam andando pelo corredor e eles os seguiram para as entranhas da nave.

— Oba... será que a comida é melhor que a do Campo? — perguntou Ansioso, lambendo excitadamente os lábios.

— É totalmente impossível ser pior — disse Bill, quando se juntaram a uma fila que chegava até a porta com o letreiro rancho Consolidado Numero Dois. — Qualquer mudança só pode ser para melhor. Além do mais... não somos agora soldados em campanha? Temos que estar bem alimentados para a luta, como diz o manual.

A fila andou com dolorosa lentidão, mas cm menos de uma hora tinham chegado junto à porta. Por trás desta, um cansado faxineiro, vestido num macacão graxento e manchado de sabão, entregou a Bill uma jarra de plástico amarelo, tirada de uma caixa à frente dele. Bill continuou a andar e quando o soldado que estava adiante dele afastou-se, viu-se frente a frente com uma parede nua, de onde emergia uma torneira sem fecho. Um gordo cozinheiro que se achava junto dele, usando um enorme gorro branco de chefe e uma camiseta imunda, fez-lhe sinal para se adiantar, usando a concha de sopa que levava na mão.

— Vamos, vamos, nunca comeu? A jarra debaixo da bica e a chapa na fenda, vamos, vamos logo!

Bill pôs a jarra como lhe havia sido ordenado e descobriu uma delgada ranhura na parede metálica, justamente à altura dos seus olhos. Pegou sua placa de identificação, pendurada no pescoço, e introduziu-a na ranhura. Ouviu-se um *bzzzzz* e um estreito jorro de um líquido amarelado saiu aos borbotões, enchendo o recipiente até o meio.

— O seguinte! — berrou o cozinheiro, e empurrou Bill para dar lugar a Ansioso.

— Que é isto? — perguntou Bill, olhando para dentro da jarra.

— Que é isto? — irritou-se o cozinheiro, tornando-se violentamente vermelho. — Isto é a tua comida, idiota! Isto é uma água absolutamente, quimicamente pura, na qual estão dissolvidos dezoito aminoácidos, dezesseis vitaminas, onze sais minerais, um éster ácido e glucose. Que é que você esperava mais?

— Comida?... — perguntou Bill, esperançado, que passou a ver tudo vermelho quando a colher de sopa bateu-lhe na cabeça. — Poderiam me dar comida sem éster ácido? — perguntou, confiadamente, mas foi empurrado de volta para o corredor, onde juntou-se a Ansioso.

— Puxa — disse Ansioso — este troço tem todos os elementos nutritivos necessários para manter indefinidamente a vida. Não é maravilhoso?

Bill tomou um gole da jarra e deu um trêmulo suspiro.

— Olhe para isto — disse-lhe Tembo.

Quando Bill se virou, viu aparecer uma imagem, projetada na parede do corredor. Mostrava um firmamento com nuvens, sobre as quais pareciam flutuar pequenas figuras.

— O inferno lhe espera, rapaz, a menos que seja salvo. Vire as costas para suas crenças supersticiosas e entre para a Primeira Igreja Vudu Reformada, que lhe abre os braços. Entre em seu seio e encontrará seu lugar no céu, à direita de Samedi. Você ficará sentado com Mondongue, Bakalu e Zandor, que sairão para recebê-lo.

A cena projetada mudou, as nuvens aproximaram-se enquanto saía do pequeno alto-falante o canto de um coro celestial acompanhado de tambores. Agora as imagens podiam ser vistas claramente. Eram todas figuras de pele preta e túnicas brancas, de cujas costas nasciam grandes asas negras. Sorriam umas para as outras e se cumprimentavam, quando suas nuvens se cruzavam, ao mesmo tempo em que cantavam com grande entusiasmo, batendo nos pequenos tam tam em poder de cada um. Era uma cena muito bonita e os olhos de Bill ficaram um tanto turvos.

— Atenção!

O berro ecoou pelas paredes e os soldados estufaram o peito, juntaram os calcanhares e olharam para a frente. O coro celestial sumiu quando Tembo tornou a colocar o projetor no bolso.

— Descansar — ordenou o primeira-classe Spleen. Quando viraram-se, viram que ele estava acompanhado de dois PMs com pistolas empunhadas, que serviam de guarda-costas a um oficial. Bill sabia que era um oficial porque havia feito um curso de Identificação de Oficiais e além disso, na parede da latrina havia um cartaz intitulado Conheça seus Oficiais. Durante uma epidemia de amebas tivera oportunidade de estudá-lo bem. Seu queixo caiu quando o oficial aproximou-se o bastante para poder tocá-lo e parou em frente de Tembo.

— Especialista em fusíveis de sexta classe Tembo, tenho boas notícias para você. Dentro de duas semanas termina seu período de sete anos de alistamento e, em face do seu excelente comportamento, o Capitão Zekial autorizou que lhe pagássemos em dobro o soldo de despedida, lhe déssemos baixa com banda de música e transporte gratuito de volta para a Terra.

Tembo, firme e à vontade, olhou para baixo, para o minúsculo tenente de bigodinho ruivo que estava diante dele.

— Isso será impossível, senhor.

— Impossível! — berrou o tenente, balançando-se sobre as botas de salto alto. — Quem é *você* para *me* dizer o que é impossível?!...

— Não sou eu, senhor — respondeu Tembo, com a maior calma. — É o artigo 13-9A, parágrafo 45, página 8.923, volume 43, das Regras, Regulamentos e Decretos de Guerra. Nenhum soldado ou oficial será licenciado de uma nave, posto, base, campo, navio, posto avançado ou campo de trabalho em período de emergência, a menos que o seja com desonra, implicando em sentença de morte...

— Você é um rábula, Tembo?

— Não, senhor. Sou um soldado leal, senhor. Quero só cumprir com meu dever.

— Você é uma pessoa muito estranha, Tembo. Vi na sua ficha que alistou-se *voluntariamente,* sem ser necessário o uso de drogas e/ou hipnotismo. Agora recusa-se a ser licenciado. Isso é mau, Tembo, muito mau. Dá-lhe uma péssima fama. Fica parecendo suspeito. Pode ser acusado de espião ou coisa que o valha.

— Sou um leal soldado do Imperador, senhor, e não um espião.

— Sabemos que não é espião, Tembo, pois estudamos seu caso atentamente. Mas por que está no exército, Tembo?

— Para ser um soldado leal do Imperador, senhor, e para fazer tudo o que puder pela difusão da fé. O senhor está salvo, tenente?

— Cuidado com a língua, soldado, ou se meterá em encrenca! Sim, conhecemos essa história, *reverendo.* Mas não acreditamos nela. Você é muito astuto, mas logo veremos...

Retirou-se, murmurando consigo mesmo, e todos ficaram em posição de sentido até que desapareceu. Os outros soldados olharam para Tembo de maneira estranha e não se sentiram à vontade até que ele também se retirou. Bill e Ansioso voltaram, devagar, para seu alojamento.

— Negou-se a aceitar a licença!... — murmurou Bill, assombrado.

— Puxa — disse Ansioso — talvez esteja maluco. É a única explicação.

— Ninguém pode ser tão maluco *assim...* E logo depois: — Que será que tem aqui dentro?

Apontou para uma porta com um grande cartaz, dizendo: Proibida a Entrada de Pessoal não Autorizado.

— Ora... Não sei... Será comida?

Entraram imediatamente e fecharam a porta por trás deles. Mas ali não havia comida. Em lugar dela, viram uma enorme sala de parede curva.

Colocados nessa parede, viam-se aparelhos complicados, medidores, dials, comandos, alavancas, comutadores, uma tela e um tubo de escape. Bill inclinou-se e leu a placa do aparelho mais próximo: — *Canhão Atômico Tipo IV...* e olha de que tamanho! Deve ser a bateria principal da nave.

Deu uma volta e viu que Ansioso estava com o braço levantado, de forma que seu relógio de pulso estava virado para o canhão. Ansioso apertava o pino de dar corda com o indicador da outra mão.

— Que é que você está fazendo? — perguntou Bill.

— Ué, estava vendo a hora.

— Como é possível você ver a hora com o mostrador virado para o canhão e a pulseira para você?

Ouviram-se passos ao fundo da enorme sala de canhões e lembraram do letreiro na porta. Num instante estavam de volta no corredor e Bill fechou a porta silenciosamente. Quando voltou-se, Ansioso Beager havia desaparecido e por isso teve de voltar sozinho para o alojamento. Ansioso havia chegado antes e estava ocupado limpando as botas dos seus companheiros. Quando Bill entrou, não levantou os olhos.

Mas, o que ele estava *fazendo* com o relógio?

Quatro

Aquela pergunta ficou mexendo com Bill o tempo todo nos dias de treino, quando aprendiam dolorosamente sua tarefa de especialistas em fusíveis. Era um trabalho esgotante e técnico, que exigia atenção absoluta, mas, nos momentos livres, Bill se preocupava com a pergunta. Ficou preocupado na fila para o rancho e também nos poucos instantes, cada noite, entre o apagar das luzes e a pesada descida do sono sobre seu corpo cansado. Preocupava-se a cada instante e perdia peso.

Perdia peso, não por causa da preocupação, mas pela mesma razão pela qual todos os outros também estavam perdendo peso: a comida da nave. Tinha sido estudada para manter a vida, o que, sem dúvida, fazia. Mas nunca se disse nada sobre que tipo de vida. Era uma vida monótona, esfomeada, de emagrecimento. E, no entanto, Bill não se preocupava com isso. Tinha um problema maior e necessitava de ajuda. Depois dos exercícios de domingo, no fim da sua segunda semana, ficou para falar com o primeira-classe Spleen, em vez de juntar-se aos demais na sua atropelada corrida para o refeitório.

— Tenho um problema, senhor...

— Você não é o único, mas basta uma só injeção para te curar e ninguém pode dizer que é homem antes do ter passado por isso.

— Não é esse tipo de problema. Gostaria de... ver... o capelão...

Spleen ficou pálido e encostou-se na parede.

— Era só o que me faltava — disse, com voz fraca. — Vá comer o se você não contar a ninguém, eu também não farei.

Bill enrubesceu.

— Sinto muito a respeito disso, primeira-classe Spleen, mas não posso evitar. Não tenho culpa se preciso vê-lo. Poderia ter acontecido a qualquer um...

Sua voz morreu e Bill ficou olhando para os pés, enquanto esfregava uma bota na outra. O silêncio continuou até que finalmente Spleen falou, mas toda a camaradagem havia desaparecido da voz dele.

— De acordo, soldado... se é assim que você quer. Mas espero que o resto dos rapazes não tome conhecimento. Não vá ao refeitório e resolva seu caso: tome um passe.

Escrevinhou qualquer coisa num pedaço de papel e atirou-o com nojo ao chão. Fez meia-volta e foi embora enquanto Bill abaixava-se humildemente para apanhar o papel.

Bill passou pelas comportas de paraquedistas, por corredores, pelas passarelas e subiu escadas. No registro da nave, constava o capelão como ocupando o compartimento 362-B do convés 89. Bill finalmente encontrou-a: uma vulgar porta metálica, com arrebites.

Levantou a mão para bater, enquanto o suor escorria aos borbotões pelo seu rosto e tinha a garganta seca. Os nós dos dedos produziram um som oco na almofada da porta e após um interminável lapso de tempo, ouviu-se do outro lado uma voz apagada: — Sim... sim... entre. Está aberta.

Bill entrou e, de um salto, ficou em posição de sentido quando viu o oficial que se encontrava atrás da solitária escrivaninha que quase enchia o pequeno compartimento. O oficial, um quarto-tenente, embora jovem estava ficando rapidamente calvo. Tinha olheiras e precisava fazer a barba. O laço da gravata estava mal feito e amarrotado. Continuou remexendo entre os montões de papéis que enchiam a escrivaninha, pegando-os, mudando-os de lugar, anotando coisas em alguns e atirando outros na cesta de papéis usados. Quando afastou um dos montes, Bill viu uma tabuleta sobre a mesa que dizia: Oficial de Lavanderia.

— Desculpe, senhor — disse — mas me enganei de sala. Estou procurando o capelão.

— Esta é a sala do capelão, mas ele só entra de serviço às treze horas, o que acontecerá, como qualquer um pode saber, mesmo sendo tão idiota quanto você parece ser, dentro de quinze minutos.

— Obrigado, senhor. Voltarei depois... Bill esgueirou-se para a porta.

— Você ficará e irá trabalhar.

O oficial ergueu para ele uns olhos estriados de sangue e riu malevolamente.

— Peguei-o. Comece a procurar o rol dos lenços. Perdi seiscentos e talvez andem por aí. Acha que é fácil ser oficial de lavanderia?

Gemeu, numa atitude de autocomplacência e empurrou para Bill um enorme monte de papéis, que ameaçava desmoronar. Bill começou a

procurar. Muito antes de haver terminado, soou uma campainha que indicava a mudança de guarda.

— Eu já sabia! — soluçou desesperado o oficial. — Este trabalho não acaba nunca e fica cada vez pior. E *você* pensa que tem problemas!

Estendeu a mão trêmula e virou a tabuleta da mesa. No outro lado estava escrito Capelão. Então pegou a gravata, deu-lhe um puxão, levando-a para o ombro direito. A gravata estava pregada no colarinho e o colarinho corria sobre um rolamento de bilhas, que deslizava suavemente por uma canaleta pregada na camisa. Ouviu-se um rangido suave durante o giro do colarinho e então a gravata ficou oculta nas cestas dele, passando a parte de trás do colarinho agora para a frente, branca, lisa e fria.

O capelão juntou os dedos das duas mãos, baixou o olhar e sorriu suavemente.

— Como posso ajudar-lhe, filho?

— Pensei que o senhor era o oficial de lavanderia — disse Bill, espantado.

— Sou, meu filho, sou. Mas essa é apenas uma das cargas que me caem sobre os ombros. Há muito pouca necessidade de um capelão nestes tempos conturbados, mas muita necessidade de um oficial de lavanderia. Faço o possível para ser útil.

Inclinou humildemente a cabeça.

— Mas... o senhor é o que, afinal? Um capelão que passa parte do tempo desempenhando as funções de oficial de lavanderia, ou oficial de lavanderia que é capelão de vez em quando?

— Isso é um mistério, meu filho. Há algumas coisas que é melhor a gente não saber. Mas vejo que você está perturbado. Posso perguntar se você segue a fé?

— Que fé?

— É o que eu estou *lhe* perguntando! — pulou o capelão e, por um momento, transformou-se em oficial de lavanderia. — Como posso ajudá-lo se não sei a que religião pertence?

— Zoroastriano Fundamentalista.

O capelão apanhou, numa caixa, uma folha plastificada e passou o dedo sobre ela.

— Z... z... zen... zoroastriano, fundamentalista reformado. É isso?

— É sim, senhor.

— Bem, não teremos problemas com isto — disse. — ... 21 52 05...

Marcou rapidamente o número num disco colocado na escrivaninha e depois, com um gesto amplo e um brilho evangélico no olhar, atirou todos os papéis no chão, varrendo-os com as costas da mão. Um maquinismo oculto zumbiu durante um momento, uma parte da tampa da mesa afundou e reapareceu um instante mais tarde trazendo uma caixa de plástico preto, enfeitada com touros dourados rampantes.

— Desculpe-me um momento — disse o capelão, abrindo a caixa.

Desenrolou primeiro um grande pedaço de pano branco, onde estavam bordados os mesmos touros dourados, colocando-o à volta do pescoço.

Depois, pôs um livro encadernado em couro ao lado da caixa e, mais tarde, colocou sobre a caixa dois touros metálicos com os lombos arqueados.

Verteu água destilada, tirada de um garrafão plástico, na concha feita pelo lombo de um dos touros e, na outra despejou óleo aromático, que acendeu.

Bill contemplou aquele ritual familiar, com crescente satisfação.

— É realmente uma sorte — disse Bill — que o senhor também seja zoroastriano. Fica mais fácil para mim falar com o senhor.

— Não há nenhuma sorte nisso, meu filho, mas apenas uma planificação inteligente.

O capelão lançou Haoma em pó sobre a chama e o nariz de Bill estremeceu quando o incenso drogado encheu o compartimento com seu cheiro.

— Pela graça de Ahura Mazdah, sou sacerdote ungido de Zoroastro. Pelo desejo de Alá, um fiel muezim do Islão, graças à intervenção de Yavhé, um rabino circuncidado etc, *etc.* — Seu rosto agradável transformou-se numa careta selvagem. — E também, já que há falta de oficiais, sou o maldito oficial de lavanderia.

Seu rosto tornou-se novamente tranquilo.

— Mas agora você tem de me contar seu problema...

— Bem, não é fácil. Talvez seja uma suspeita idiota de minha parte, mas estou preocupado com um dos meus camaradas. Há alguma coisa estranha nele. Não tenho certeza de poder me explicar direito...

— Tenha confiança, meu filho, e revele-me, sem temor,. seus mais profundos sentimentos. O que eu ouvir, jamais sairá deste compartimento pois jurei guardar segredo na sagrada promessa da minha vocação. Descarregue sua consciência.

— O senhor é muito amável. Realmente, *já* estou ms sentindo melhor. Veja, esse meu camarada sempre foi meio esquisito : limpa as botas de nós todos e apresenta-se como voluntário para se ocupar das latrinas. Além do mais, não gosta de mulheres.

O capelão concordou beatificamente e abanou um pouco de incenso na direção do nariz de Bill.

— Não vejo nisso nada que possa preocupá-lo. Ele parece ser um rapaz decente. Pois não está escrito na Vendidad que devemos ajudar ao nosso semelhante e procurar dividir suas penas e não seguir as prostitutas pelas ruas?

Bill fez uma careta.

— Tudo isso é muito bonito na escola paroquial, mas não é a forma de comportamento no exército. Seja como for, pensávamos que ele era louco e talvez fosse... mas isso não é tudo. Estive com ele no convés dos canhões, vi-o apontar seu relógio para eles, apertar o botão da corda e ouvi um cuque. Poderia ser uma câmara... Acho... acho que ele é um espião chinger!

Bill recostou-se no espaldar da cadeira, ofegante e suando.

Acabara de dizer as palavras fatais.

O capelão continuou sacudindo a cabeça, sorrindo, meio inconsciente por causa dos vapores do Haoma. Finalmente emergiu do devaneio, assoou-se e abriu um grosso exemplar do Avesta.

Salmodeou em persa antigo durante um certo tempo e isso pareceu reanimá-lo. Depois fechou o livro com um golpe seco.

— Não levantarás falso testemunho! — retumbou, cravando em Bill um olhar penetrante e um dedo acusador.

— O senhor não me compreende — soluçou Bill, agitando-se na cadeira. — Ele *fez* tudo isso e eu o *vi* usar o relógio.. Como pode chamar *isto* de ajuda espiritual?

— Foi só uma chamada de atenção, rapaz, um toque da antiga religião para renovar seu sentido de culpa e tornar a fazer-lhe pensar em ir de novo regularmente aos serviços. Você não tem ido a eles!

— E como poderia ir? Somos proibidos de frequentar a capela durante os exercícios.

— As circunstâncias não servem de desculpa mas, desta vez, vou perdoá-lo porque Ahura Mazdah é todo-misericordioso.

— E com relação ao meu camarada, o espião?

— Você deve esquecer as suspeitas, pois não são dignas de um seguidor de Zoroastro. Aquele rapaz não deve sofrer pelo fato de ter uma natural inclinação para a cordialidade, para ajudar seus camaradas, para manter-se puro, por possuir um relógio defeituoso que faz clique. E além disso, se você não ficar zangado por eu introduzir um raciocínio lógico, como poderia ele ser espião? Para ser espião teria de ser chinger e os chingers têm dois metros e dez da cabeça ao rabo. Compreendeu ?

— Sim, sim — murmurou Bill, desolado. — Eu percebi isso sozinho... mas a coisa continua sem explicação.

— Pois a mim me satisfaz e deve satisfazer a você. Creio que você foi possuído por Ahriman, que o está obrigando a pensar mal do seu camarada. Acho melhor que você faça uma penitência e se junte a mim numa rápida oração, antes que o oficial de lavanderia volte a estar de serviço.

Esse ritual foi terminado rapidamente e Bill ajudou a colocar novamente as coisas na caixa e viu-a desaparecer no interior da escrivaninha. Despediu-se e fez meia volta para ir embora.

— Só um instantinho, meu filho — disse o capelão com seu mais caloroso sorriso, estendendo o braço ao mesmo tempo sobre o próprio ombro para agarrar a gravata.

Puxou-a e o colarinho girou. Simultaneamente, a expressão de beatitude desapareceu do seu rosto para ser substituída por um rosnado.

— Para que raio de lugar você pensava que ia, seu verme? Torne a sentar o rabo nessa cadeira.

— Ma... Mas... — gaguejou Bill. — O senhor disse que eu podia ir embora.

— Quem disse foi o capelão e como oficial de lavanderia, nada tenho a ver com ele agora. Vamos, *rápido*: como é o nome desse espião chinger que você está protegendo?

— Falei-lhe disso sob juramento...

— Falou com o *capelão* e este mantém sua palavra e não me conta nada, mas tive a sorte de ouvir você. — Apertou uni botão no painel de comando. — Os PMs já estão vindo para cá.

É melhor falar antes que cheguem, verme, ou farei com que o amarrem ao casco sem traje espacial, além de não permitir que você chegue perto da cantina durante um ano. O nome?

— Ansioso Beager, Bill começou a soluçar, enquanto lá fora ouviam-se passos pesados e dois capacetes vermelhos conseguiram introduzir-se no

pequeno compartimento.

— Tenho um espião para vocês, rapazes — anunciou triunfalmente o oficial de lavanderia.

Os PMs rangeram os dentes, latiram com voz rouca e atiraram-se contra Bill. Este desabou sob o assalto de murros e cacetadas e ficou coberto de sangue antes que o oficial de lavanderia pudesse afastar aqueles super musculosos débeis mentais, cujos olhos ficaram fixos nele a uma distância não maior de três centímetros.

— Não é este... — ofegou e atirou uma toalha para Bill enxugar parte do sangue. — Este é o nosso informante, o leal e patriótico herói que delatou seu companheiro, chamado Ansioso Beager, que agora apanharemos e poremos a ferros, para ser interrogado. Vamos.

Os PMs levaram Bill no meio deles e quando chegaram no alojamento dos especialistas em fusíveis, o ar produzido pelo andar rápido deles já o havia feito recuperar-se um pouco. O oficial de lavanderia abriu a porta apenas o suficiente para meter a cabeça.

— Olá, pessoal! — disse alegremente. — Ansioso Beager está aqui?

Ansioso tirou os olhos da bota que estava limpando e ergueu-os para a porta, fazendo um aceno com a mão e sorrindo.

— Sou eu... ah, ah...

— Peguem-no! — explodiu o oficial de lavanderia, pulando para um lado e apontando acusadoramente.

Bill atirou-se ao chão quando os PMs o soltaram e entraram violentamente pelo alojamento. Quando conseguiu ficar de pé novamente, Beager estava por terra, algemado e amarrado de pés e mãos, mas continuava sorrindo.

— Puxa... Também querem que eu engraxe suas botas?

— Não admito que um espião sujo seja insolente — berrou o oficial de lavanderia, esbofeteando a ofensiva boca sorridente. Beager abriu-a e mordeu a mão que batia nele, apertando os dentes com tanta força, que o oficial não pode: retirá-la.

— Está me mordendo! — gritou o homem, procurando desesperadamente libertar-se.

Ambos os PMs, cada um algemado a um braço do prisioneiro, ergueram os cassetetes e deram-lhe uma tremenda surra.

Nesse exato momento, a tampa do crânio de Ansioso Beager saltou.

Se isso tivesse acontecido em qualquer outro momento, seria considerado como um fato pouco usual mas, acontecendo naquele instante, foi espetacularmente pouco usual e todos,, inclusive Bill, ficaram de boca aberta quando um lagarto de quinze centímetros de altura saltou do crânio aberto para o chão, onde fez uma mossa bastante grande ao bater nele. Tinha quatro braços, um grande rabo, uma cabeça semelhante à de um pequeno crocodilo e uma brilhante cor verde. Parecia exatamente igual a um chinger, só que tinha menos de um palmo de altura, em vez de ter mais de dois metros.

— Todos os humanos são fedorentos — disse, com uma pálida imitação da voz de Ansioso Beager. — Nós, chingers,. não suamos. Viva os chingers!

Correu através do alojamento para o beliche de Beager.

Todos ficaram paralisados. Os especialistas em fusíveis que haviam sido testemunhas daqueles acontecimentos impossíveis, ficaram imóveis, de pé eu sentados, na posição *em* que estavam antes, congelados pelo assombro e com os olhos esbugalhados como se fossem ovos duros. O oficial de lavanderia estava imobilizado pelos dentes que mordiam-lhe a mão, enquanto os PMs lutavam com as algemas que os ligavam ao corpo imóvel. Só Bill podia mover-.se e, embora ainda atordoado pela surra, inclinou-se para segurar a pequena criatura. Umas garras diminutas, mas poderosas, fecharam sobre sua carne e Bill sentiu-se erguido nos ares e atirado violentamente contra um tabique.

— Ah, ah... isto é para você, dedo-duro — gritou a voz esganiçada.

Antes que alguém mais pudesse interferir, o lagartoide correu para.

o monte de bolsas de Beager, abriu a que estava por cima de todas e mergulhou no interior. Um instante mais tarde ouviu-se um zumbido que cresceu de volume e da bolsa emergiu a ponta de um brilhante projétil. Foi saindo até que uma pequena espaçonave de não mais de sessenta centímetros de comprimento pairou no compartimento. Então girou sobre seu eixo vertical, detendo-se quando ficou com o nariz apontando para o casco. O zumbido aumentou de volume e a pequena nave saiu de repente em disparada e atravessou o metal da parede, como se este não fosse mais duro que papelão molhado. Ouviram-se outros sons distantes de ruptura, à medida em que a navezinha atravessava parede após parede, até que, com um *clang* final atravessou o casco exterior da nave e fugiu para o espaço.

Ouviu-se um silvo de ar escapando para o vácuo e o clamor das sirenas de alarme.

— Quero me danar... — disse o oficial de lavanderia, fechando sua assombrada boca para abri-la novamente e berrar: — Tirem essa porcaria da minha mão... está me mordendo até me matar!

Os dois PMs continuavam balançando-se para a frente e para trás, amarrados à figura imóvel que fora Ansioso Beager. Este continuava sorrindo em torno da mordida que estava dando na mão do oficial e só depois que Bill apanhou seu rifle atômico e meteu o cano na boca de Beager, fazendo força até abrir o maxilar, é que o oficial de lavanderia pôde retirar a mão. Enquanto agia, Bill viu que a parte superior •da cabeça de Ansioso tinha-se aberto justamente na altura das orelhas e estava presa na parte posterior por uma brilhante dobradiça de bronze.

No interior do bocejante crânio, no lugar do cérebro, ossos e outras coisas, havia um pequeno compartimento de comando, com uma diminuta cadeira, minúsculas alavancas, telas de televisão e um refrigerador de água. Ansioso era apenas um robô manejado pela pequena criatura que havia fugido na espaçonave: uma criatura que parecia um chinger, mas que tinha apenas quinze centímetros de altura.

— Ei! — disse Bill — Ansioso é apenas um robô manejado pela pequena criatura que fugiu na espaçonave. Parecia um chinger, mas tinha apenas quinze centímetros de altura...

— Quinze centímetros ou dois metros e dez, que diferença faz? — grunhiu, petulante, o oficial de lavanderia, enquanto amarrava um lenço em torno da mão ferida. — Você não espera que vamos dizer aos recrutas como os nossos inimigos são, na realidade, pequenos, ou explicar-lhes que são procedentes de um planeta de dez gravidades.

Temos de manter o moral elevado.

Cinco

Agora que Ansioso Beager tinha-se revelado espião chinger, Bill sentia-se muito solitário. Ardente Brown, que quase nunca falava, passou a falar menos ainda, o que queria dizer nunca. Por isso não havia ninguém com quem Bill pudesse conversar. Ardente era o único outro especialista em fusíveis do alojamento que havia estado no pelotão de Bill no Campo Leon Trotsky. Os demais homens viviam muito em grupo, costumando juntar-se e resmungar quando alguém se aproximava deles. A única diversão de Bill era soldar e sempre que não estava de serviço apanhava o maçarico e soldava coisas no chão, para arrancá-las na folga seguinte, o que não deixava de ser uma forma tão idiota de perder tempo como qualquer outra, embora parecesse diverti-lo. Por isso Bill estava muito fora de si e tentava conversar com Ansioso Beager.

— Veja em que encrencas você me meteu! — gemeu. Beager não fazia mais que sorrir, sem se deixar comover pela reclamação.

— Pelo menos feche a cabeça quando falo com você — resmungou Bill e fechou-a com um safanão.

Mas não adiantava. Ansioso não podia fazer mais nada além de sorrir. Havia limpado sua última bota. Agora estava ali, de pá.

Realmente era muito pesado e, além disso, estava imantado no chão e os técnicos em fusíveis penduravam nele suas camisas sujas e seus maçaricos. Ficou ali durante três vigílias, antes que alguém se lembrasse de que era preciso fazer alguma coisa com ele. Finalmente chegou um pelotão de PMs com alavancas, arrancou-o, inclinou-o e colocou-o sobre um carrinho, levando-o.

— Até breve — despediu-se Bill dele, acenando com um lenço.

Depois recomeçou a engraxar suas botas.

— Era um bom companheiro, apesar de espião chinger.. Ardente não respondeu, os soldadores não falavam com ele e Bill passava a maior parte do tempo evitando o reverendo Tembo. A grande dama da frota, a nave *Fanny Hill,* ainda estava em órbita, enquanto eram instalados os seus

motores. Havia pouca coisa a se fazer, uma vez que, apesar do que dissera o primeira-classe Spleen, todos eles haviam aprendido as tarefas de manutenção dos fusíveis em pouco menos de ano previsto: na realidade, precisaram de mais ou menos uns quinze minutos. Nas suas horas de folga, Bill vagava pela nave, indo tão longe quanto lhe era permitido pelos PMs que vigiavam as comportas e chegou mesmo a pensar em ir visitar o capelão, para ter com quem falar. Mas, se calculasse mal a hora, poderia dar de cara com o oficial de lavanderia e isso estava acima das suas forças. Por isso, caminhou através da nave, muito solitário, olhou através da porta aberta do um compartimento e viu uma bota sobre uma cama.

Bill imobilizou-se, gelado, atordoado, rígido, horrorizado, desmaiado e teve de lutar para controlar a bexiga, subitamente contraída.

Conhecia aquela bota. Nunca esqueceria daquela bota até o dia em que morresse, da mesma maneira que nunca poderia esquecer seu número de inscrição, que era capaz de dizer de trás para a frente e do meio para os lados. Cada detalhe daquela terrível bota aparecia nitidamente em sua memória, desde os cordões semelhantes a serpentes no repulsivo couro da parte superior, que diziam ser pele humana, até as ásperas solas manchadas com uma coisa vermelha que só podia ser sangue humano. Aquela bota pertencia a Desejomortal Drang.

A bota estava cobrindo uma perna e, paralisado pelo terror, tão incapaz de controlar-se como um pássaro diante de uma cobra, viu-se inclinando o corpo cada vez mais para dentro do compartimento, enquanto seus olhos percorriam a perna até chegar ao cinturão, à camisa e ao pescoço, sobre o qual via-se um rosto que havia desempenhado o papel principal em todos os seus pesadelos, desde que se havia alistado. Os lábios mexeram-se...

— É você, Bill? Entre e sente-se.

Bill entrou, cambaleante.

— Tome um pedaço de açúcar-cândi — disse Desejomortal e sorriu.

Os reflexos empurraram os dedos de Bill até a caixa oferecida e fizeram com que suas mandíbulas começassem a mastigar a primeira comida sólida que havia atravessado seus lábios depois de semanas. A saliva surgiu de polvorentos orifícios e seu estômago esboçou um rugido preliminar, enquanto seus pensamentos giravam loucamente em círculos, ao procurar lembrar qual era a expressão do rosto de Desejomortal. Os lábios caídos nas comissuras, por trás dos caninos, e pequenas rugas nas faces. Não havia jeito. Não podia reconhecê-la.

— Ouvi dizer que Ansioso Beager não passava de um espião chinger — falou Desejomortal, fechando a caixa de açúcar-cande e guardando-a sob o travesseiro. — Eu devia ter percebido isso antes.

Sabia que havia alguma coisa *muito* esquisita nele, com aquela mania de limpar as botas dos companheiros e outras maluquices. Mas pensei que se tratasse apenas de um doido. Eu devia ter percebido...

— Desejomortal — disse Bill, com voz rouca. — Eu sei que não pode ser... O senhor está se comportando como um ser humano!

Desejomortal começou a rir, não com o som de faca separando ossos, de maneira quase normal.

Bill gaguejou: — Mas o senhor é um sádico, um pervertido, uma besta, uma fera, uma coisa, um assassino...

— Ora, obrigado, Bill. Você é muito amável. Trato de executar o meu trabalho da melhor forma possível dentro da minha capacidade.

Mas sou humano bastante para agradecer umas palavras de elogio de vez em quando. Alguém ser assassino, é uma imagem difícil de projetar, mas fico contente por ter conseguido dar-lhes essa impressão, mesmo a uns recrutas tão burros como eram vocês.

— Mas... mas... o senhor não é *realmente* um?...

— Agora chega! — interrompeu Desejomortal.

Havia nas suas palavras o suficiente do antigo veneno e ruindade para fazer com que a temperatura do corpo de Bill baixasse seis graus.

Então Desejomortal sorriu de novo.

— Não posso culpar-lhe, meu filho, por se comportar dessa maneira, uma vez que você é muito burro e de um planeta atrasado, e sua educação ter sido retardada pelo serviço militar e outras coisas.

Mas acorde, rapaz! A educação militar é uma coisa demasiadamente importante para que arrisquemos que uns amadores se metam com ela.

Se você tivesse lido algo das coisas existentes nos nossos livros de estudo, seu sangue ficaria congelado. Você pode imaginar que, nos tempos pré-históricos, os sargentos-instrutores, ou coisa semelhante, eram *verdadeiros* sádicos? As forças armadas deixavam que essa gente, realmente uns ignorantes, *destruísse os recrutas*. Permitiam que estes aprendessem a odiar o exército antes de aprender a temê-lo, coisa que destrói a disciplina. E nem falemos de como se desgastavam! Estavam sempre fazendo com que os recrutas caminhassem até morrer ou afogavam

um pelotão inteiro por acidente ou bobagens dessa ordem. Só essas perdas eram de fazer alguém chorar.

— Posso saber em que o senhor se formou, na universidade? — perguntou Bill, com voz fraca e humilde.

— Disciplina Militar, Quebra de Moral e Interpretação de Personagens. Um curso duro, de quatro anos, mas formei-me *Sigma Curti,* o que não é nada mau para um rapaz de família operária. Fiz do exército uma carreira e é por isso que não posso compreender por que esses bastardos ingratos meteram-me nesta lata podre...

Afastou os óculos de aros de ouro para enxugar uma lágrima que começava a se formar.

— O senhor espera gratidão do exército? — perguntou Bill, humildemente.

— Não, claro que não, seria uma bobagem. Obrigado por me ter feito voltar novamente à realidade, Bill. Você acabará um bom soldado. Espero apenas uma indiferença criminosa da qual possa tirar vantagem através dos velhos métodos: suborno, ordens falsas, mercado-negro e coisas semelhantes. Acontece que eu *estava* realizando um bom trabalho com vocês, os infelizes do Campo Leon Trotsky, e o mínimo que esperava era ficar lá, coisa bastante estúpida de minha parte. É melhor que eu comece logo a tratar da minha transferência.

Pôs-se de pé e guardou os doces e os óculos de aros de ouro num baú com chave.

Bill, que nos momentos de espanto não conseguia raciocinar imediatamente, ainda estava agitando a cabeça e batendo nela de vez em quando com a palma da mão.

— Teve sorte — disse — por nascer assim. Isso o ajuda em sua carreira... Refiro-me aos seus caninos tão bonitos.

— Isso não é sorte nenhuma — respondeu Desejomortal, fazendo um dos caninos ressoar. — São tremendamente caros. Sabe quanto custa um par de caninos mutantes, crescidos numa proveta e enxertados cirurgicamente? É impossível que você saiba! Trabalhei durante as férias de verão de três anos seguidos para conseguir o suficiente para comprar estes. Mas garanto que valeu a pena. A *imagem* é o mais importante. Estudei as velhas gravações dos destruidores de moral dos tempos antigos e eles, à sua maneira crua, eram bons. Naturalmente, eram selecionados pelo tipo físico e pelo baixo índice de inteligência, mas sabiam desempenhar seu papel.

Tinham a cabeça em forma de bala, raspavam totalmente o crânio, exibiam suas cicatrizes, tinham mandíbulas grossas, modos repulsivos e tudo o mais. Imaginei que uma pequena inversão desse princípio, acabaria pagando bons dividendos. E você pode crer que foi um sacrifício, pois não verá muitos caninos enxertados por aí. E há um monte de razões. Oh, talvez sejam bons para comer carne dura mas, para que mais servem? Espere até beijar sua primeira namorada...

Agora caia fora, Bill**.** Tenho muito que fazer. Nos veremos mais tarde...

Suas últimas palavras perderam-se na distância, uma vez que os bem condicionados reflexos de Bill o haviam atirado para o fundo do corredor no instante mesmo de ter sido despedido. Quando o terror espontâneo desapareceu, começou a andar com passos cautelosos, como um pato de pé quebrado, pensando se isso faria com que o tomassem por um veterano espaçonauta. Estava começando a sentir-se como um velho soldado e, naquele instante, achava-se sob a falsa impressão de que sabia mais a respeito do exército, que este a seu respeito. Esta falsa concepção, tão patética, foi instantaneamente dissipada pelos alto-falantes do teto, que arrotaram e logo depois atiraram suas vozes fanhosas através da nave: "Atenção, ordens diretas do próprio Velho, o capitão Zekial, a quem vocês tanto têm esperado ouvir. Vamos entrar em ação e por isso temos de arrumar tudo, da popa à proa, amarrando o equipamento solto."

Um surdo gemido de dor, que surgia dos corações, ressoou em cada compartimento da imensa nave.

Seis

Havia muitos boatos circulando na latrina e muita história fantástica sobre o primeiro voo da *Fanny Hill,* mas nenhum era verdadeiro. Esses boatos haviam sido espalhados pelos PMs disfarçados e não tinham nenhum valor. A única coisa de que podiam ter certeza era que talvez fossem a algum lugar, porque parecia que estavam se preparando para ir a algum lugar. Até Tembo admitiu essa possibilidade, quando estavam amarrando os fusíveis no depósito.

— Embora talvez — acrescentou ele — estejamos fazendo tudo isto apenas para enganar possíveis espiões e fazer-lhes crer que vamos a algum lugar, quando, na realidade, outras naves é que irão.

— Ir aonde? — perguntou Bill, irritado, amarrando o indicador sem querer e deixando parte da unha presa ao nó quando conseguiu puxá-la.

— Bem, a qualquer lugar. Não tem a menor importância.

Para Tembo, não havia outra preocupação fora das concernentes à sua fé.

— Mas sei para onde você vai, Bill.

— Para onde? — perguntou ansiosamente, já quo era unx eterno crente em toda a espécie de boatos.

— Diretamente para o inferno, a menos que você seja salvo.

— Não comece de novo... — implorou Bill.

— Olhe — disse tentadoramente Tembo e projetou uma cena celestial, onde viam-se portas de ouro, nuvens e o suave bater de um tam-tam, como música de fundo.

— Pare com essas bobagens de céu! — berrou o primeira-classe Spleen e a cena desapareceu.

Alguma coisa remexeu levemente o estômago de Bill, mas este ignorou-a, acreditando tratar-se simplesmente de mais um dos sintomas continuamente sentidos pelas suas apavoradas tripas que, apesar de estarem ficando atrofiadas até morrerem, ainda não tinham percebido que sua maravilhosa engrenagem triturante e dissolvente havia sido condenada a

uma dieta líquida. Mas Tembo deixou de trabalhar, inclinou a cabeça para um lado o depois bateu experimentalmente no próprio estômago.

— Estamos viajando — disse, com certeza. — E na direção das estrelas. Ligaram os motores interestelares.

— Você acha que estamos atravessando o subespaço e que daqui a pouco sentiremos o terrível puxão em cada fibra do nosso corpo?

— Não, já não usam os antigos motores subespaciais porque embora um monte de naves entrasse no subespaço com um puxão que desconjuntava todas as fibras, nenhuma jamais conseguiu sair. Li no *Trooper's Times* que um matemático havia dito ter-se produzido um ligeiro erro nas equações e que o tempo era diferente no subespaço, no sentido de maior e não de menor rapidez. Por isso é possível que se passe toda uma eternidade antes de essas naves serem postas em ação.

— Então vamos ao hiperespaço?

— Nada disso.

— Ou estamos sendo dissolvidos em nossos átomos componentes e gravados na memória de um gigantesco computador, que pensa que estamos em outra parte e por isso iremos parar lá?

— Puxa! — disse Tembo, erguendo as sobrancelhas até a raiz dos cabelos. — Para um rapaz do campo e zoroastriano, até que você tem ideias muito sofisticadas. Você andou fumando ou tomando alguma coisa que não me contou?

— Diga! — implorou Bill. — Se não é nada disso... o que é?

Temos de cruzar o espaço interestelar para lutar com os chingers...

Como vamos fazer isso?

— Desta maneira.

Tembo olhou em volta para assegurar-se de que o primeira-classe Spleen não estava por perto e depois juntou as mãos em concha, formando uma esfera.

— Imagine que minhas mãos são a nave, flutuando no espaço.

Então, liga-se a Energia Inchadora...

— *O quê?*

— Energia Inchadora, assim chamada porque incha as coisas. Como você sabe, tudo é feito de coisas pequeninas chamadas eléctrons, prótons, nêutrons, trôntrons etc, que estão unidas, de certa maneira, por uma espécie de energia ligadora. Mas se alguém enfraquece a energia que mantém as coisas juntas (esqueci de dizer que, além disso, essas coisinhas ficam

girando o tempo todo como se estivessem loucas, mas talvez você já saiba...), a energia enfraquece e, como estão correndo tão depressa, as coisinhas começam a separar-se umas das outras e quanto mais fraca a energia, mais afastadas ficam umas das outras. Percebeu?

— Acho que sim, embora não tenha certeza de que me agrade o que você está dizendo.

— Não seja bobo. Agora... está vendo minhas mãos? À medida em que a energia enfraquece, a nave se torna maior, até chegar ao tamanho de um planeta, depois do tamanho de um sol e por fim de todo um sistema estelar. A Energia Inchadora pode nos fazer tão grandes quanto quisermos. Então o processo se inverte, encolhemos até nossa medida real e estamos lá.

— Estamos *onde?!*

— Onde quisermos — respondeu Tembo, com paciência.

Bill virou e passou cuidadosamente uma flanela num fusível, exatamente na hora em que o primeira-classe Spleen passava, com um brilho de suspeita nos olhos. Assim que ele desapareceu, numa curva do corredor, Bill inclinou-se e sussurrou a Tembo: — Como poderemos estar em outra parte, diferente da que estávamos ao começar? O fato de aumentar e depois diminuir, não leva ninguém a lugar nenhum.

— Bem, eles são muito hábeis com Dispositivo Inchador. A maneira de operar que me foi contada é parecida com a forma de usar um elástico, que se pega em cada ponta. A mão esquerda continua fixa mas a direita estira o elástico o mais que puder. Quando se quiser que o elástico volte ao seu tamanho normal, mantém-se a mão direita imóvel e solta-se a esquerda. Percebeu? Você não moveu o elástico, mas sim esticou-o, deixou-o ir-se e ele se moveu. Como nossa nave está fazendo agora. Está aumentando, mas numa certa direção.

Quando a proa atingir o lugar para onde estamos indo, a popa estará onde estávamos. Então encolhemos e *bang!,* lá estamos.

E você poderia chegar ao céu com a mesma facilidade, meu filho, se apenas...

— Catequizando na hora de serviço, Tombo! — berrou o primeira-classe Spleen, do outro lado da plataforma de fusíveis, per cima da qual está olhando para eles, usando para isso um espelho amarrado à ponta de um pau. — Você vai ficar polindo bases de fusíveis durante um ano. Eu já lhe tinha avisado antes.

Amarraram e poliram em silêncio depois disso, até que o pequeno planeta, do tamanho de uma bola de tênis, atravessou a parede. Um planetinha perfeito, com minúsculas regiões polares, coberto de nuvens, com oceanos e tudo o mais.

— Que é isso? — espantou-se Bill.

— Má navegação — resmungou Tembo. — Marcha a ré. A nave está retrocedendo um pouco em vez de ir só na outra direção. Não, não toque nele, às vezes pode causar acidentes! É o planeta que acabamos de deixar, Phigerinadon II.

— Meu lar — soluçou Bill, sentindo as lágrimas correrem à medida em que o planeta diminuía de tamanho, até ficar tão pequeno como uma bola de gude. — Adeus, mamãe — e fez um aceno com a mão, quando a bola de gude se transformou numa molécula e depois desapareceu.

A viagem continuou sem outros acontecimentos, principalmente porque não podiam notar se estavam viajando, não sabiam quando paravam e não tinham a mínima ideia de onde estavam. Embora tivessem a certeza de que haviam chegado a algum lugar, quando mandaram que eles desamarrassem os fusíveis. A calma durou três dias e então soou o toque de reunir. Bill correu junto com os outros, contento pela primeira vez, desde que havia se alistado. Todos os sacrifícios, todos os duros momentos, não seriam em vão. Finalmente ia entrar em ação contra os sórdidos chingers.

Ficaram em posição de sentido junto aos suportes dos fusíveis, com os olhos cravados nas faixas vermelhas deles, que se chamavam faixas de fusíveis. Passando através da sola de suas botas, Bill pôde notar um fraco e longínquo tremor no convés.

— Que é isso? — perguntou a Tembo pelo canto da boca.

— São os motores e não o Dispositivo Inchador. Motores atômicos. Significa que estamos fazendo manobras ou alguma outra coisa.

— Mas o *quê!*

— Vigiem as faixas dos fusíveis! — latiu o primeira-classe Spleen.

Bill estava começando a suai' c, de repente, percebeu que o calor crescia de forma bastante incômoda. Tembo, sem tirar os olhos dos fusíveis, despiu-se e dobrou cuidadosamente a roupa atrás dele.

— Isso é permitido? — perguntou Bill, desabotoando o colarinho.

— Que diabo está acontecendo?

— É contra o regulamento, mas ou nos despimos ou ficamos assados. Fique nu, meu filho, ou morrerá sem se ter salvo. Devemos estar a ponto de

entrar em ação, uma vez que colocaram os escudos.

Dezessete escudos de força, um escudo eletromagnético, um casco blindado duplo e uma leve camada de gelatina pseudovivente, que flui e veda qualquer orifício. Esse troço todo faz com que não haja a menor perda de energia da nave nem forma alguma de nos livrarmos dela. Nem do calor. Com os motores funcionando e todos juntos suando, o calor pode ficar bastante forte. Principalmente quando dispararem os canhões.

A temperatura continuou elevada, exatamente no limite do tolerável, durante horas, enquanto ficavam ali, olhando as faixas dos fusíveis. Num certo momento, ouviu-se um fraco som metálico, que Bill notou mais que ouviu, através dos pés nus assentados no metal quente.

— E isso o que foi?

— Dispararam torpedos.

— Contra *quê!*

Tembo apenas encolheu os ombros como toda resposta e não afastou seu vigilante olhar das faixas dos fusíveis. Bill remexeu-se, durante outra hora, com uma mistura de frustração, caceteação e esgotamento devido ao calor e cansaço, até que soou o fim do alarme e uma golfada de ar fresco chegou pelos ventiladores. Quando terminou de tornar a vestir a farda, Tembo havia desaparecido e ele arrastou-se, exausto, até seu alojamento. No painel de avisos do corredor havia um novo, mimeografado, e Bill inclinou-se para ler o que estava escrito.

DE: Capitão Zekial

PARA: Todo o pessoal

ASSUNTO: Encontro recente

Em 23/11-8956 esta nave participou da destruição, pela utilização de torpedos atômicos, da instalação inimiga 17KL-345 e, junto com as outras naves da flotilha chamada MULETA VERMELHA, cumpriu sua missão. À vista disso, fica o pessoal desta nave autorizado a acrescentar um Núcleo Atômico ao passador da Medalha de Combate em Serviço Ativo ou, se esta é sua primeira missão do gênero, autoriza-se o uso da Medalha de Serviço Ativo.

NOTA: Alguns membros da tripulação foram vistos com seus Núcleos Atômicos invertidos e isso está Errado. É um crime passível de Corte Marcial, que pode ser punido com a Morte.

Sete

Depois da heroica destruição da instalação inimiga 17KL-345, houve semanas de exercícios e treinamentos para restaurar os cansados veteranos do combate, devolvendo-os à sua habitual condição física. Mas no decorrer desses deprimentes meses, soou um chamado através dos alto-falantes, um chamado que Bill jamais ouvira antes, um som metálico como. o de barras de aço sendo batidas umas contra as outras no interior de um tambor metálico cheio de bolinhas de gude. Nada significava para ele ou para os outros soldados recentes, mas fez com que Tembo pulasse do beliche e iniciasse uma frenética dança da maldição mortal, acompanhando-se batendo tambor na tampa do seu baú do pé da cama.

— Você ficou maluco? — perguntou Bill com voz monótona, do lugar onde estava esparramado lendo um exemplar em frangalhos do livro de histórias em quadrinhos INCRÍVEIS e Realmente Repugnantes Aventuras Sexuais com Efeitos Sonoros Incorporados.

Um urro de rasgar as entranhas estava surgindo da página para a qual olhava.

— Você não conhece? — perguntou Tembo. — Não o Conhece!

Esse é o toque de correio, o som mais querido ouvido no espaço.

O resto da guarda passou correndo por eles, esperando, fazendo fila e tudo o mais. A entrega da correspondência era efetuada com a maior ineficiência possível mas, finalmente, apesar de todas as barreiras, as cartas foram distribuídas e Bill recebeu um precioso postal espacial da mãe. De um lado dele via-se uma fotografia da refinaria *Lixo Pestilencial S/A.* situada exatamente ao lado da sua aldeia, e isso já era o suficiente para provocar-lhe um nó na garganta.

No pequeno quadrado onde se permitia escrever a mensagem, a patética letra de sua mãe havia escrito: "Má colheita, endividados, robô-mula com gaxetas sobrecarregadas, espero que continue o mesmo — beijos, Mãe". Apesar de tudo, era uma mensagem vinda de casa e leu-a e releu-a durante a fila para comer. Tembo, à frente dele, também tinha um postal, cheio de

anjos e igrejas, como era de esperar, e Bill ficou aparvalhado quando viu que Tembo leu o postal pela última vez e depois submergiu-o na sua jarra de comida.

— Para que você faz isso? — perguntou, assombrado.

— Para que outra coisa serve o correio? — zombou Tembo, empurrando o postal ainda mais. — Agora olhe.

Diante do olhar assombrado de Bill, o postal estava começando a inchar. A superfície branca arrebentou e separou-se cm pequenas partículas, enquanto o marrom interior crescia mais e mais até encher a jarra e ficar com a grossura de dois centímetros mais ou menos.

Tembo retirou a gotejante tabuinha e deu uma enorme dentada numa ponta.

— Chocolate desidratado — disse, com a boca cheia. — É bom!

Prove o seu.

Antes de Tembo haver terminado de falar, Bill já havia metido o dele no líquido e estava olhando, encantado, como crescia. A mensagem dissolveu-se mas, em lugar de uma massa marrom, a sua era branca.

— Doce... ou talvez pão — disse, tratando de não babar. A massa branca estava inchando, comprimindo-se contra as paredes da jarra, saindo pela parte superior. Bill pegou a ponta e ergueu-a enquanto crescia. Subiu cada vez mais, até que absorveu a última gota de líquido e Bill teve entre as mãos estendidas uma fileira de grandes letras, com cerca de dois metros de comprimento: Vote-no-Honesto-Geek-O-Amigo-dos-Soldados[*], diziam. Bill inclinou-se e deu uma tremenda dentada no T. Engasgou-se e cuspiu no chão os pedaços úmidos.

— Papelão — disse com voz surda. — A mamãe sempre compra saldos. Mesmo quando se trata de chocolate desidratado...

Empinou a jarra para ver se conseguia tirar da boca o sabor de jornal velho, mas o recipiente estava vazio.

Em algum lugar, muito em cima, nos altos escalões do poder, foi tomada uma decisão, foi resolvido um problema e foi dada uma ordem. Das pequenas coisas nascem as grandes: a cagada de um passarinho cai sobre a ladeira coberta de neve de uma montanha, rola, recolhe neve, torna-se cada vez maior, agiganta-se cada vez mais até se transformar numa atroadora aglomeração de neve e gelo, numa avalancha, numa aterrorizante massa de morte rolante, que arrasa um povoado inteiro. Das pequenas coisas... Quem sabe como tudo isto começou? Talvez os deuses saibam, mas estão rindo.

Talvez a emproada e paramentada mulher de algum Alto Ministro tenha visto uma joia que desejava e, com uma língua acerada e esperta, exacerbou o empavonado marido que, para ter paz, prometeu-a a ela e tratou de arranjar o dinheiro para comprá-la. Talvez tivesse sido assim que houvesse chegado aos ouvidos do Imperador a insinuação sobre uma nova campanha no setor 77sub7mo, que estava tranquilo havia muito tempo, pois uma vitória ali, ou mesmo um empate, caso as mortes fossem em número suficiente, significaria uma condecoração, uma recompensa e algum dinheiro. E assim a cobiça de uma mulher, como a cagada de um passarinho, fez rolar a bola de neve da guerra, reunindo poderosas frotas, com naves e mais naves enfileiradas, como uma pedra num lago, que produz ondas até que a parte mais afastada é alcançada pelo movimento...

— Vamos entrar em combate — disse Tembo, enquanto aspirava o cheiro da sua jarra de comida. — Estão enchendo o rancho de estimulantes, analgésicos, salitre e antibióticos.

— É por isso que estão sempre tocando músicas patrióticas? — gritou Bill, para poder ser ouvido entre o constante rugido das cometas e tambores, que saía dos alto-falantes.

Tembo acenou com a cabeça, confirmando.

— Resta pouco tempo para que você seja salvo, para que garanta um lugar nas legiões de Samedi...

— Por que você não conversa com Ardente Brown? — berrou Bill. — Chego a sentir os tam-tam saindo pelas minhas orelhas! Cada vez que olho para uma parede, vejo anjos sentados em nuvens. Pare de me amolar! Dedique sua atenção a Ardente... qualquer pessoa que faz com os *thoats* o que ele faz, provavelmente se unirá a sua manada de vudu num segundo.

— Falei com Brown sobre a alma dele, mas esta é matéria ainda duvidosa. Nunca me responde e por isso não sei se me ouve ou não.

Mas você é diferente, meu filho. Você demonstra irritação, o que significa que tem dúvidas. E a dúvida é o primeiro passo para a fé...

A música foi interrompida no meio de um compasso e durante três segundos houve uma explosão de silêncio, que terminou abruptamente.

— *Prestem atenção. Atenção todos... preparem-se... dentro de alguns momentos estabeleceremos contato com a nau capitânia, de onde o almirante falará diretamente a todos... preparem-se...*

A voz foi interrompida pelo toque de reunir, mas voltou a ser ouvida quando aquele horrendo som terminou.

— *... e agora encontramo-nos na ponte de comando deste gigantesco conquistador das rotas espaciais, de trinta quilômetros de comprimento, poderosamente blindado, fortemente armado, do supercouraçado* Rainha das Fadas... *os homens formados estão, agora, afastando-se para um lado e aproxima-se de mim, num simples uniforme tecido com fios de platina, o Grande Almirante da Esquadra, o Muito Ilustre Lorde Arqueoptérix... Pode dar-nos um minuto da sua atenção, Excelência?*

Maravilhoso! A voz que vão ouvi agora será...

A voz que ouviram foi uma explosão musical, enquanto os técnicos em fusíveis vigiavam suas faixas de fusíveis, mas a voz seguinte a esta revelou todas as ricas tonalidades adenoidais que acompanham os Pares do Império.

— *Rapazes... vamos entrar em ação! Esta, a mais poderosa esquadra jamais vista na galáxia, está indo em linha reta na direção do inimigo para dar o golpe devastador que pode decidir esta guerra.*

No meu visor de operações, aqui à minha frente, vejo uma multidão de pequemos pontos de luz, estendendo-se a perder de vista, e cada ponto de luz — digo-lhes que parecem buraquinhos num cobertor! — não é uma nave nem. uma flotilha... mas uma esquadra inteira!

Estamos varrendo tudo, aproximando-nos...

O som de um tam-tam encheu o ar e na faixa do fusível que Bill estava vigiando apareceu um par de portas douradas, abrindo-se.

— Tembo! — berrou. — Você quer parar com isso? Quero ouvir a descrição da batalha!

— Bobagens enlatadas — resmungou Tembo.—É melhor que você gaste os poucos momentos de vida que talvez lhe restem em procurar a salvação. Isso que você está ouvindo não é almirante nenhum, mas uma gravação. Já ouvi isso cinco vezes antes e só a irradiam para dar coragem antes do que eles sabem que vai ser uma batalha com perdas elevadas. Esse tal aí nunca *foi* almirante, foi tirado de um velho programa de televisão...

— Aiii! — latiu Bill, pulando para a frente.

O fusível que estava vigiando arrebentara, com uma brilhante descarga na base e, no mesmo instante, a faixa queimou, passando de vermelho a preto.

— Unggh! — resmungou e continuou : — Unggh! Ungghl Ungghl

— em rápida sucessão, queimando a palma das mãos com o fusível ainda quente, deixando-o cair em cima do pé e finalmente conseguindo metê-lo pelo orifício dos fusíveis.

Quando terminou e voltou-se, Tembo já havia colocado um fusível novo na base vazia.

— Esse fusível era *meu...* Você não tinha nada que ... Havia lágrimas em seus olhos.

— Desculpe, mas de acordo com o regulamento, tenho de ajudar, se estiver livre.

— Bem, pelo menos entramos em ação — disse Bill, voltando ao seu lugar e fazendo massagem no pé dolorido.

— Não, ainda não, faz muito frio ainda. Foi apenas uma avaria nos fusíveis, basta olhar a descarga na base. Isso acontece às vezes, quando os fusíveis são velhos.

— *... esquadras maciças, tripuladas por soldados heroicos ...*

— Poderíamos ter estado em combate — bufou Bill.

— ... o *troar das descargas atômicas e os brilhantes rastros dos torpedos atacando...*

— Acho que agora estamos. Parece estar fazendo mais calor, não acha, Bill? É melhor ficarmos nus. Se há mesmo um combate, talvez não possamos fazê-lo mais tarde.

— Vamos, vamos, tudo nu! — latiu o primeira-classe Spleen.

Saltando como uma gazela entre as filas de fusíveis, ele estava usando só umas cuecas sujas e com os galões e insígnias tatuados.

Houve uma súbita crepitação no ar e Bill notou que as pontas dos seus cabelos tosquiados ficaram em pé.

— Que foi isso? — gemeu.

— Uma descarga secundária da fila de fusíveis — disse Tembo, apontando. — O que está acontecendo é segredo, mas ouvi dizer que significa que um dos escudos protetores está sendo atacado com radiações e que ao ir ficando sobrecarregado, sobe pelo espectro até o verde, até o azul, até o ultravioleta, para passar finalmente ao preto e o escudo desmoronar.

— Parece muito esquisito.

— Já lhe disse que é um boato apenas. Tudo isso é secreto ...

— LÁ Vai Ela!!

Um crepitante bang fendeu o ar úmido da sala de fusíveis e um grupo deles arqueou-se, soltou fumaça e ficou preto. Um partiu-se em dois, esparramando pequenos fragmentos em todas as direções, como metralha. Os especialistas em fusíveis pularam, fixaram os fusíveis, arrastaram sobressalentes com mãos suadas, mal vendo uns aos outros entre as

nauseabundas ondas de fumaça. Os fusíveis foram ligados e houve um momento de silêncio, interrompido apenas pelo choroso tom de uma tela de comunicações.

— Filho da puta! — murmurou o primeira-classe Spleen. Deu um pontapé num fusível que se interpunha no seu caminho e foi cambaleando para a tela. Seu dólmã estava pendurado num cabide junto a ela e vestiu-o antes de dar um soco no botão de *ligar.* Estava acabando de abotoar a última casa quando a tela ficou iluminada.

Spleen fez continência;, devendo portanto estar diante de um oficial.

A tela ficava de lado, de modo que Bill não podia garantir, mas a voz tinha o som rachado dos sem-queixo-e-cheios-de-dentes, que ele começava a associar com os membros da classe de oficiais.

— Demorou a responder, primeira-classe Spleen... Talvez o segunda-classe Spleen responda mais rápido?

— Tenha piedade, senhor... Sou um homem idoso... Caiu de joelhos, numa atitude de súplica que o fez desaparecer da tela.

— Fique de pé, idiota! Consertaram os fusíveis, depois da última descarga?

— *Substituímos,* senhor, não *consertamos..,* — Não me venha com essa gíria técnica, seu porco! Quero uma resposta clara!

— Está tudo em ordem, senhor. Operando no verde. Nenhuma queixa de ninguém, excelência.

— Por que não está fardado?

—- Mas estou, senhor — gemeu Spleen, aproximando-se mais da tela para que suas cadeiras nuas e pernas trêmulas não fossem vistas.

— Nada de mentiras! Há *suor* no seu rosto. É proibido suar de uniforme. Está me vendo suar? E além disso, uso o quépi na posição regulamentar. Por hoje vou esquecer, porque tenho um coração de ouro. Pode retirar-se.

— Puto sujo! — xingou Spleen com toda a força dos pulmões, arrancando o dólmã do corpo rijo.

A temperatura ultrapassava os cinquenta graus e continuava subindo.

— Suor! Eles têm ar condicionado na ponte... e onde pensam que eles descarregam o calor? Aqui! Anil!

Duas filas de fusíveis crepitaram simultaneamente e três deles explodiram como bombas. Ao mesmo tempo o chão mexeu-se o bastante sob os pés deles, para o fato ser notado.

— Encrenca grossa! — berrou Tembo. — Qualquer coisa que seja tão forte para se fazer notar através do campo estático, deve ser suficientemente poderosa para esmagar a nave como se fosse uma bolacha. Aí vem mais!

Pulou para a fila e arrancou um fusível da base, colocando um novo.

Era um inferno. Os fusíveis estavam arrebentando como bombas, enviando sibilantes partículas de cerâmica mortífera pelo ar. Houve o crepitar de um raio quando uma prancha atingiu o chão de metal e um grito horrendo, felizmente de curta duração, soou no momento em que a descarga atravessou o corpo de um técnico em fusíveis. Uma fumaça oleosa fervia e pendia das cortinas, tornando a visão quase impossível.

Bill raspou os restos de um fusível quebrado das bordas escurecidas da base, apanhou o fusível de trinta e cinco quilos nos braços doloridos e acabava de voltar-se para a fileira quando o universo explodiu...

Todos os fusíveis restantes pareceram entrar em curto simultaneamente e o crepitante barulho da eletricidade encheu o compartimento. Em meio à cegante luz e num único e eterno momento, Bill viu como a chama atravessava as filas de técnicos em fusíveis, esparramando-os e incinerando-os como partículas de pó caídas no fogo. Tembo despencou e encolheu, transformando-se numa massa de carne assada. Um pedaço de prancha em brasa abriu o primeira-classe Spleen de alto a baixo, numa única e horrenda ferida.

— Olhem aquela racha em Spleen! — gritou Ardente e depois berrou quando uma bola feita de raios passou sobre ele, transformando-o, em uma fração de segundo numa casca tisnada.

Por casualidade, por mero acidente, Bill estava com o sólido volume do fusível protegendo sua parte da frente quando a chama o atingiu. Ela lambeu seu braço esquerdo, que estava na parte exterior do fusível, e lançou sua força chamejante contra o grosso cilindro. O impacto atingiu Bill, derrubou-o de costas, contra a fileira de fusíveis sobressalentes e fê-lo rolar no chão, enquanto a destrutiva língua de fogo crepitava a uns centímetros da cabeça dele. Ela morreu tão subitamente como nascera, deixando atrás de si apenas fumaça, calor, o cheiro acre da carne assada, a destruição, a morte, a morte, a morte.

Bill arrastou-se dolorosamente até a comporta, sem que nada mais se movesse em toda a queimada e retorcida extensão do compartimento de fusíveis.

O compartimento do andar inferior parecia estar tão quente quanto o que acabara de deixar e o ar tão desprovido de alimento para os pulmões como o do local que acabara de abandonar. Continuou arrastando-se, mal tendo consciência de que estava se apoiando sobre dois joelhos em carne viva e uma mão ensanguentada. Seu outro braço pendia muito simplesmente e se arrastava, qual pedaço queimado e retorcido de destroço e apenas a bendição de um profundo choque lhe evitava estar berrando por causa de uma dor insuportável.

Sempre arrastando-se, atravessou o umbral de uma porta e chegou a um corredor. O ar, ali, estava muito mais limpo e fresco. Sentou-se e inalou aquela bendita frescura. O compartimento era-lhe familiar e, apesar disso, desconhecido. Piscou, tentando compreender o porquê desse sentimento. Comprido e estreito, com uma parede curva, de onde surgiam as culatras de imensos canhões. Evidentemente, tratava-se da bateria principal, dos canhões que Ansioso Beager, o espião chinger, havia fotografado. Mas agora estava diferente, com o teto mais baixo, afundado e abaulado, como se tivesse sido batido por um gigantesco martelo, manejado do exterior. Havia um homem derreado no assento do artilheiro do canhão mais próximo.

— Que aconteceu? — perguntou Bill, arrastando-se para o homem e sacudindo-o pelo ombro.

Surpreendentemente, o artilheiro pesava apenas algumas gramas e caiu do assento, leve como uma pena. Tinha o rosto, como pergaminho velho, parecendo não ter uma só gota de líquido no corpo.

— Raio desidratante — resmungou Bill. — Pensei que só existisse na televisão.

O assento do artilheiro era acolchoado e parecia muito confortável, muito mais que o deformado chão de aço. Bill deixou-se cair na posição recém-abandonada pelo outro e olhou com olhos que não viam a tela à frente dele. Havia pequenos pontos móveis de luz.

Bem em cima da tela, em letras maiúsculas, lia-se: As Luzes Verdes São Nossas Naves, as Vermelhas as do Inimigo. Esquecer Isto é Crime Passível de corte Marcial.

— Não esquecerei — murmurou Bill, ao mesmo tempo em que começava a resvalar da cadeira.

Procurando deter-se, Bill agarrou-se a uma enorme alça que se erguia à frente dele. Ao fazê-lo, um círculo de luz com um X dentro moveu-se na

tela. Era muito interessante. Pôs o círculo ao redor de uma das luzes verdes e então lembrou-se de alguma coisa a respeito de corte marcial. Riu durante um momento e moveu o círculo até uma luz vermelha, com o X bem em cima dela. Havia um botão vermelho exatamente sobre a alça e apertou-o porque parecia o tipo do botão feito para ser apertado. O canhão à frente dele fez *whffle...* de um jeito muito pacífico e a luz vermelha desapareceu. Pouco interessado, largou a alça.

— Oh, você é um lutador nato! — disse uma voz e Bill virou a cabeça, com algum esforço.

Lá estava um homem com farrapos de galões dourados pendurados, que andou na direção de Bill.

— Eu vi — suspirou. — Enquanto viver hei de lembrar-me. Você é um lutador nato! Que coragem! Sem medo! Para a frente, contra o inimigo, sem quartel, não abandonem a nave!...

— Que bobagens o senhor está dizendo? — perguntou Bill, com voz pastosa.

— Um herói! — disse o oficial.

Começou a dar tapas nas costas de Bill, causando-lhe uma dor enorme, que foi a última gota para sua mente consciente. Esta abandonou as rédeas de comando e retirou-se para descansar. Bill desmaiou.

---

[*] *Geek* é o membro de um circo ou parque de diversões, considerado uma aberração, que desempenha funções especialmente nojentas, recusadas por pessoas normais, como mastigar ou engolir animais vivos. Vive sob condições especiais, pois é considerado desequilibrado mental ou pervertido. Por extensão: degenerado. Alguém que faz qualquer coisa, por mais nojenta que seja, para satisfazer certos desejos ou que recebe dinheiro para isso. Ainda: bêbado. (N. do T.)

Oito

— E agora você será um bom soldadinho e beberá seu jantar... A cálida entonação daquela voz insinuou-se num sonho particularmente nojento que Bill abandonou com prazer e, com um tremendo esforço, conseguiu forçar seus olhos a abrirem. Um rápido piscar colocou-os em foco e viu à sua frente um jarro sobre uma bandeja sustentada por uma branca mão ligada a um braço que estava unido a um uniforme branco recheado de peitos femininos. Com um gutural barulho animal, Bill afastou com um safanão a bandeja e atirou-se sobre a roupa branca. Não conseguiu alcançá-la porque seu braço esquerdo estava enrolado em alguma coisa e pendia de cabos. Por isso ficou girando em cima da cama como um escaravelho espetado, lançando gritos inarticulados. A enfermeira gritou e fugiu.

— Fico contente de ver que está melhor — disse o médico, atirando-o de volta à cama com um gesto hábil e imobilizando ainda o agitado braço de Bill com um eficiente golpe de judô. — Vou servir-lhe mais alguma coisa para jantar, que você beberá agora mesmo.

Depois deixaremos que seus companheiros entrem para a revelação.

Estão todos esperando lá fora.

A dor já estava abandonando seu braço e pôde agarrar a jarra com os dedos. Tomou um gole.

— Que companheiros? Que revelação? Que está acontecendo aqui? — perguntou, desconfiado.

Nesse instante a porta abriu-se e os soldados entraram. Bill contemplou os rostos deles, procurando seus companheiros, mas tudo o que viu foram ex-soldadores e estranhos. Então recordou-se.

— Ardente Brown assado! — berrou. — Tembo cozido! O primeira-classe Spleen estripado! Estão todos mortos! Ocultou-se sob os lençóis e gemeu dolorosamente.

— Essa não é a forma de um herói se comportar — disse-lhe o médico, puxando-o para o travesseiro e ajeitando os lençóis sob as axilas de Bill. — Você é um herói, soldado, um homem cuja coragem, habilidade,

integridade, estrito cumprimento do dever, espírito de luta e pontaria mortífera salvaram a nave. Todos os escudos estavam inutilizados, a sala de máquinas destruída, os artilheiros mortos, o controle perdido e o couraçado inimigo estava se aproximando para dar cabo de nós, quando você apareceu como um anjo vingador, ferido e quase morto, e num último esforço consciente disparou o canhonaço ouvido por toda a esquadra, o tiro solitário que destruiu o inimigo e salvou nossa nave, a velha grande dama da esquadra, *Fanny Hill.*

Entregou um papel a Bill.

— Estou, naturalmente, lendo o relatório oficial. Na minha opinião, foi pura sorte.

— O senhor está com ciúmes — murmurou Bill, já apaixonado pela sua nova imagem.

— Não me venha com freudismos! — latiu o médico que, logo depois, choramingou desconsolado: — Eu sempre quis ser herói, mas a única coisa que faço é tratar de heróis. Vou lhe tirar essas ataduras.

Desamarrou os cabos que mantinham o braço de Bill suspenso e começou a tirar as ataduras, enquanto os soldados amontoavam-se para ver.

— Como está o meu braço, doutor? — perguntou Bill, repentinamente preocupado.

— Assado como um filé. Tive de amputá-lo.

— Então o que é isto? — urrou Bill, horrorizado.

— Um outro braço que eu lhe enxertei. Havia muitos sobrando depois da batalha. A nave sofreu quarenta e dois por cento de baixas, o que me permitiu, realmente, cortar, picar e coser. Garanto-lhe.

A última atadura caiu e os soldados fizeram um ah! de satisfação.

— Puxa, é um braço magnífico!

— Tente usá-lo.

— E que bela costura junto do ombro! Olhem como os pontos ficaram bonitos!

— E além disso, tem bons músculos e é grande! Não é como a merdinha que tem do outro lado.

— Maior e mais moreno... tem uma cor maravilhosa!

— É o braço de Tembo! — urrou Bill. — Arranquem ele!

Arrastou-se pela cama, mas o braço o acompanhou. Foi novamente esmagado de encontro aos travesseiros.

— Você é um cara de sorte, Bill, por ter um braço bom como este.

E, além disso, o braço de um amigo.

— Sabemos que ele teria gostado que você o herdasse.

— Você terá sempre alguma coisa para lembrá-lo.

Na verdade, o braço não era mau. Bill dobrou e flexionou os dedos da mão, olhando-o ainda com desconfiança. Isso, aliás, era visível.

Estendeu o braço e agarrou o de um soldado, apertando-o. Pôde notar como os ossos do homem ficaram comprimidos, ao mesmo tempo em que ele gritava e tremia. Então Bill olhou a mão com mais atenção e começou a cuspir blasfêmias contra o médico.

— Açougueiro de merda! Médico de thoats! Que lindo trabalho... este é um braço direito!

— Pois é um braço direito... e daí?

— Mas o senhor cortou meu braço *esquerdo,* Agora tenho dois braços direitos...

— Ouça, havia um déficit de braços esquerdos. Não sou! nenhum fazedor de milagres. Trabalho da melhor maneira possível e só recebo reclamações. Deve ficar feliz por não ter sido enxertada uma perna. — sorriu diabolicamente — e deve ficar mais contente ainda por não ter sido enxertado...

— É um bom braço, Bill — disse o soldado a quem Bill havia quase esmagado o bíceps e que estava o esfregando. — E além disso você está com sorte: agora pode fazer continência com ambos e você será a única pessoa com essa faculdade.

— Você tem razão — respondeu Bill, com humildade. — Não tinha pensado nisso. Realmente, sou um homem de sorte...

Ensaiou uma continência com seu braço esquerdo/direito e o cotovelo dobrou-se perfeitamente sobre o peito. As pontas, dos dedos tocaram a sobrancelha. Todos os soldados ficaram em posição de sentido e devolveram-lhe a saudação. A porta abriu-se com um empurrão e um oficial meteu a cabeça por ela.

— À vontade, rapazes, é apenas uma visita informal do Velho.

— O Capitão Zekial vem cá!

— Nunca vi o Velho...

Os soldados pipilavam como passarinhos e ficaram tão nervosos como virgens numa cerimônia de defloramento. Outros três oficiais passaram para dentro e por fim entrou um enfermeiro que puxava pela mão um retardado mental de dez anos de idade, com chupeta e uma farda de capitão.

— Oi... alô, rapazes... — disse o capitão.

— O capitão deseja cumprimentar a todos — disse um primeiro-tenente, de maneira decidida.

— O tal é o cara da cama? — perguntou o capitão.

— E deseja especialmente prestar homenagem pessoalmente ao herói do dia.

— Tem mais, mas eu esqueci... — continuou o capitão.

— E, mais ainda, deseja informar ao valente lutador que salvou nossa nave, que está sendo promovido ao posto de técnico de fusíveis de primeira classe, cuja referida promoção inclui um realistamento automático por mais sete anos, que serão acrescentados aos do alistamento original. O capitão lhe faz também saber que, quando lhe for dada alta do hospital, irá, no primeiro meio de transporte disponível, até o Planeta Imperial de Helior, para receber lá a recompensa por seu heroísmo, representada pelo Dardo Púrpura com a Nebulosa do Saco de Carvão, da própria mão do Imperador.

— Acho que preciso ir ao banheiro... — disse o capitão.

— Mas as exigências de comando chamam o capitão neste instante à ponte e ele dá-lhes um afetuoso adeus.

— O Velho não é um tanto moço para o cargo? — perguntou Bill.

— Não tanto quanto outros — respondeu o médico, procurando entre suas agulhas de injeção a mais rombuda. — É preciso que você se lembre de que todos os capitães têm de pertencer à nobreza e mesmo uma nobreza tão numerosa como a nossa é muito solicitada para todas as tarefas de um império galáctico. Usamos o que aparece...

Achou uma agulha torta e colocou-a na seringa.

— Está bem, é jovem, mas não é também um tanto idiota para seu posto?

— Cuidado com esse comportamento de lesa-majestade! Se você pega um império de um par de milhares de anos de idade, uma nobreza que vai se reproduzindo entre si, com todos *m* genes defeituosos e recessivos aparecendo, acabará tendo jias mãos um grupo de pessoas que serão um tanto mais esquisitas que as existentes num manicômio normal. Não há nada de errado com o Velho, que um novo Q.I. não possa curar. Você devia ter visto o capitão da última nave em que servi...

Estremeceu e cravou gulosamente a agulha na carne de Bill. Este urrou e depois, dolorido, ficou olhando o sangue surgir do orifício aberto pela agulha ao ser retirada.

A porta fechou e Bill ficou só, encarando a parede nua e o seu futuro. Passara a ser especialista em fusíveis de primeira classe, o que era bom. Mas o realistamento compulsório por mais sete anos já não era tão bom. Seu moral baixou. Desejou falar com algum dos seus velhos camaradas, mas lembrou-se de que estavam todos mortos e o moral caiu ainda mais. Tratou de animar-se mas não conseguiu pensar em nada que o alegrasse até que descobriu que podia apertar a sua própria mão. Isso o fez sentir-se um pouco melhor.

Reclinou-se nos travesseiros e ficou apertando as mãos até que adormeceu.

Livro 2

UM MERGULHO NO REATOR DE PISCINA

Um

À FRENTE deles, a parte final do transbordador cilíndrico era uma única e gigantesca janela, um grosso escudo de cristal blindado, totalmente tomado agora pelas volutas de nuvens através das quais caíam. Bill recostou-se confortavelmente na cadeira de desaceleração, contemplando a cena com apreensão. Havia, na enorme nave, assentos para vinte pessoas, mas só três estavam ocupados, o de Bill inclusive.

Sentado junto a ele, mas que Bill procurava não olhar muito, havia um artilheiro de primeira classe que parecia ter sido disparado por um dos seus próprios canhões. Seu rosto era quase inteiramente de plástico e tinha apenas um olho sanguinolento. Era um cesto ambulante, pois seus quatro amputados membros haviam sido substituídos por brilhantes dispositivos, repletos de resplandecentes pistões, comandos eletrônicos e carretéis. Sua insígnia de artilheiro estava soldada à peça metálica que fazia às vezes de antebraço. O terceiro homem, um atarracado sargento de infantaria, caíra no sono assim que chegara a bordo, transferido do transporte interestelar.

— Fantástico! Olhem para isso!

A expressão de assombro era de Bill, quando a nave atravessou as nuvens. Ele viu, estendendo-se à frente do foguete, a brilhante esfera dourada de Helior, o Planeta Imperial, a capital de dez mil sóis.

— Que brilho! — resmungou o artilheiro, de algum ponto do interior do seu rosto plástico. — Chega a fazer mal aos olhos.

— Claro! É ouro sólido. Imagine só, um planeta recoberto de ouro sólido!

— Não, não posso imaginar. E também não posso acreditar. Sairia caro demais. Mas posso imaginar um coberto de alumínio anodizado.

Como este.

Agora, que estava olhando mais de perto, Bill pôde verificar que *realmente* não brilhava como ouro e começou a sentir-se deprimido novamente. Não! Forçou outra vez seu olhar na direção do planeta.

Pode-se arrancar o ouro, mas não se pode arrancar a glória! Helior continuava sendo o Mundo Imperial, o olho que nunca dormia e tudo via, situado no coração da galáxia, Tudo o que acontecia em qualquer planeta, qualquer nave espacial, chegava até ele, era codificado, arquivado,, classificado, anotado, julgado, perdido, encontrado e resolvido. As ordens que governavam os mundos do homem, que mantinham afastadas as noites do domínio alienígena, partiam de Helior. Helior, um mundo transformado pelo homem, cujos mares, montanhas e continentes haviam sido cobertos por uma couraça de metal, de vários quilômetros de espessura, com pavimentos e mais pavimentos sobrepostos, com uma população inteiramente dedicada a um único ideal: governar. O brilhante nível superior estava pontilhado de naves espaciais de todos os tamanhos, enquanto o céu escuro piscava com as que chegavam e partiam. A cena se tornou cada vez mais próxima e repentinamente houve um jorrar de luz e a janela ficou escura.

— Chocamo-nos! — sussurrou Bill. — Vamos morrer...

— Feche a matraca. Foi só o filme que partiu. Como não há nenhum oficial nesta viagem, não se preocupam em emendá-lo.

— Filme?

— Que é que você esperava que fosse? Você tem uma cuca tão perturbada que pensa que iam construir transbordadores com grandes janelas na proa, justamente onde se produz a fricção máxima na reentrada da atmosfera, para quo o calor fizesse lindos buracos? É um filme. E agora é noite.

O piloto transformou-se em purê, com 15G quando pousaram. (Ele também sabia que não havia oficiais a bordo). E enquanto os passageiros estavam fazendo as vértebras voltarem aos seus lugares e tentando meter de volta os olhos nas órbitas, para poder enxergar alguma coisa, a comporta abriu-se. Além de ser noite, chovia. Um Guia de Passageiros de Segunda Classe meteu a cabeça pela comporta e envolveu-os num sorriso profissionalmente amistoso.

— Bem-vindos a Helior, Planeta Imperial das mil delícias ...

Seu rosto voltou **a** ostentar a habitual careta de repugnância.

— Não há nenhum oficial entre vocês, idiotas? Vamos, para fora, a galope, temos muito trabalho.

Ignoraram-no quando o homem passou ao lado deles e se dirigiu ao sargento de infantaria, que ainda roncava como uma hélice quebrada, e cujo sono não fora absolutamente perturbado por coisa tão insignificante como 15 gravidade». O ronco mudou para um sombrio resmungo, cortado pelo agudo guincho do Guia de Passageiros de Segunda Classe, que recebeu um coice nos testículos. Ainda resmungando, o sargento juntou-se a eles para abandonar a nave e ajudou a manter firmes as chocalhantes pernas metálicas do artilheiro na escorregadia e úmida rampa metálica de descida. Viram com fria resignação como suas malas eram atiradas do alto do compartimento de bagagens para dentro de uma profunda poça d'água. E como última e covarde tentativa de vingança, o Guia de Passageiros de Segunda Classe desligou o campo repulsor que lhes protegia da chuva e eles imediatamente ficaram encharcados e congelados pelo vento gélido.

Atiraram os sacos sobre os ombros, com exceção do artilheiro, que puxava o seu sobre rodinhas, e começaram a caminhar na direção das luzes mais próximas, situadas **a** menos de dois quilômetros de distância e apenas visíveis através da cortina d'água. Na metade do caminho, o artilheiro ficou rígido quando seus relês entraram em curto. Por isso, puseram as rodinhas sob os pés dele, amontoaram as bagagens sobre suas pernas e o artilheiro foi um estupendo carrinho durante o resto do percurso.

— Sou um carrinho formidável — queixou-se o artilheiro.

— Não se queixe — disse o sargento. — Pelo menos já arranjou um trabalho civil.

Deu um coice na porta para abri-la e caminharam e rodaram para o desejado calor da sala de tráfego.

— Tem um lata de solvente? — perguntou Bill ao homem atrás do balcão.

— Tem documentos de viagem? — perguntou o homem, ignorando as palavras de Bill.

— Tenho uma lata no saco — disse o artilheiro, abrindo-o e remexendo no interior.

Entregaram os documentos — os do artilheiro estavam abotoados no bolso do peito — e o funcionário meteu-os por uma ranhura de uma gigantesca máquina por trás dele. A máquina zumbiu e acendeu luzes e Bill pingou solvente em todas as conexões elétricas do artilheiro, até que

conseguiu eliminar a água. Soou uma buzina, os documentos foram vomitados de volta e, por um outro orifício, começou a sair uma fita gravada. O funcionário arrancou-a e pôs-se rapidamente a ler.

— Vocês estão encrencados — disse, com sádica alegria. — Parece que vocês três "vão receber o Dardo Púrpura, numa cerimônia que contará com a presença do Imperador e que vai ser filmada dentro de três horas. Não conseguirão chegar a tempo.

— Isso não é da sua conta — grasnou o sargento. — Acabamos de deixar a nave. Para onde vamos?

— Área 1457-D, Nível K9, Bloco 823-7, Corredor 492, Câmaras Fem-34, Quarto 62. Procurem o produtor Ratt.

— E como vamos até lá? — perguntou Bill.

— Não me perguntem. Não conheço nada fora daqui.

Atirou três grossos volumes sobre o balcão cada um deles de uns trinta centímetros de superfície, com outro tanto de espessura, com uma corrente presa à lombada.

— Procurem vocês mesmos o caminho. Aqui têm a Planta da Cidade. Mas devem assinar um recibo. A perda doía é crime passível de corte marcial, castigada com...

O funcionário percebeu, de repente, que estava sozinho na sala com os três veteranos e, ao mesmo tempo em que ficava mortalmente pálido, estendeu a mão para um botão vermelho. Mas antes de seu dedo poder apertá-lo, o braço metálico do artilheiro, cuspindo faíscas e fumegando, cravou-o no balcão. O sargento inclinou-se, até que seu rosto ficou a um centímetro do funcionário, e depois começou a falar em voz baixa e fria, que enregelava o sangue.

— Nunca conseguiremos encontrar o caminho. Você vai encontrá-lo para nós. Vai arranjar-nos um Guia.

— Só os oficiais podem ter guias.

Mal terminou de falar e todo o ar dos seus pulmões escapou, pois um dedo duro como o aço espetou-se no seu estômago.

— Pois nos trate como se fôssemos oficiais — insistiu o sargento.

— Não ficaremos zangados por isso.

Batendo os dentes, o funcionário chamou um guia e uma porta metálica abriu-se na parede mais afastada. O guia tinha um corpo também metálico, tubular, e deslizava em cima de seis rodas pneumáticas. Sua cabeça fora

construída para se assemelhar à de um cão de caça e tinha um vibrante rabo-metálico.

— Aqui, Totó — chamou o sargento.

O guia correu para ele, pôs para fora uma língua vermelha de plástico e, com um fraco ranger de engrenagens, começou a emitir o som de um arfar metálico. O sargento apanhou o pedaço de fita gravada e rapidamente marcou o código 1457-D K-9 823-7 492 Flm-34 62, acionando os botões que enfeitavam a cabeça do guia. Dois alegres ladridos foram ouvidos, a língua vermelha foi recolhida, o rabo foi sacudido e o guia começou a rodar pelo corredor. Os veteranos o acompanharam.

Levaram uma hora por plano inclinado, escada rolante, elevador, pneumocarro, a pé, monotrilho calçada rolante e pau de sebo, para chegar ao quarto 62. Enquanto estavam deslizando no plano inclinado, prenderam as correntes das suas plantas dos pavimentes nos cintos, pois até Bill começava a perceber a importância de um guia nesta cidade do tamanho de um mundo. Na porta do quarto 62, o guia latiu três vezes e imediatamente rodou, afastando-se antes que pudesse agarrá-lo.

— Devíamos ser mais espertos — disse o sargento. — Essas coisas valem seu peso em diamantes.

Abriu uma porta e apareceu um tipo obeso, sentado diante de uma escrivaninha e gritando num visiofone.

— Não dou um tostão por sua desculpa. Desculpas tenho aos montões! O que sei é que tenho um plano de produção e as câmaras estão prontas para rodar. Mas onde estão os atores principais? Faço a pergunta e você me responde o quê? — olhou-os e começou a berrar: — Fora! Fora! Não veem que estou ocupado?

O sargento adiantou-se, atirou o visiofone no chão e pisou-o até reduzi-lo a escombros fumegantes.

— Você tem um sistema muito direto de se fazer atendido — disse Bill.

— Dois anos de combate fazem as pessoas serem muito diretas em tudo — disse o sargento, rangendo os dentes de uma forma barulhenta e assustadora. E acrescentou: — Aqui estamos, Ratt. Que temos de fazer?

O produtor Ratt abriu caminho a pontapés entre os escombros e escancarou a porta dos fundos do escritório.

— Todos a postos! Luzes! — gritou.

Houve uma corrida geral e uma luz deslumbrante surgiu como por encanto. Os veteranos que iam ser homenageados acompanharam Ratt por

uma porta que dava para um imenso estúdio, que ressoava como um caos organizado. Câmaras sobre plataformas motorizadas circulavam à volta de um palco, onde a cenografia e os móveis fingiam ser um canto da sala do trono real. As venezianas das janelas brilhavam com uma imaginária luz solar e um raio dourado de sol de um refletor iluminava o trono. Orientados pelas instruções berradas pelo diretor, uma manada de nobres e funcionários altamente colocados tomou posição em frente ao trono.

— Ele os chamou de desgraçados! — engasgou-se Bill. — Vai ser fuzilado!

— Puxa que você é burro — disse o artilheiro, desenrolando um cabo de sua perna direita e ligando-o a uma tomada para recarregar as baterias. — São atores. Você pensa que é possível conseguir nobres para um negócios desses?

— Só temos tempo de ensaiar a cena uma vez, antes que o Imperador chegue. Por isso, nada de erros.

O diretor Ratt subiu os degraus e se refestelou no trono.

— Vou fazer o papel do Imperador. Vocês, os principais, têm os papéis mais fáceis e não quero que fracassem. Não temos tempo para repetir. Vocês ficarão ali, em fila, e quando eu disser *ação!* fiquem em posição de sentido, como aprenderam, a menos que os contribuintes tenham posto seu dinheiro fora. Você, o da esquerda, que está dentro de uma gaiola, desligue os motores, pois está estragando a faixa de som. Se fizer ranger as mudanças mais uma vez, arranco-lhe todos os fusíveis. Juro. Fiquem em posição de sentido enquanto dizem seus nomes e depois deem um passo à frente e façam continência. O Imperador lhes pregará a medalha. Façam continência novamente e deem um passo para trás. Estão entendendo ou é muito difícil para suas pequenas cucas?

— Vê se vais plantar batatas! — rosnou o sargento. —. Muito engraçado. Muito bem... Vamos rodar! Ensaiaram a cerimônia duas vezes antes de se ouvir uma tremenda zoada de cometas e seis generais empunhando pistolas de raios mortais correram até o palco e lá ficaram do costas para o trono. Todos os extras, os câmaras, os técnicos e até o diretor Ratt fizeram uma profunda reverência enquanto os veteranos ficavam em posição de sentido. O Imperador entrou, subiu os degraus e desabou sobre o trono.

— Continue... — disse, com voz entediada e arrotou por trás da mão.

— Vamos rodar! — berrou o diretor a todo pulmão e pulou para fora do raio de ação das câmaras.

A música aumentou como um furacão e a cerimônia teve início.

Enquanto o encarregado das Condecorações e Protocolo lia a natureza das ações heroicas que aqueles nobres heróis haviam realizado, a ponto de merecer a mais nobre de todas as condecorações, o Dardo Púrpura com a Nebulosa do Saco de Carvão, o Imperador levantou-se do trono e caminhou majestosamente para a frente. O sargento de infantaria era o primeiro e Bill olhou-o com o rabo do olho enquanto o Imperador apanhava uma medalha de platina adornada de ouro, prata e rubis, de uma caixa estendida para ele, e pendurou-a no peito do homem. Então o sargento deu um passo para trás, para sua primitiva posição, e chegou a vez de Bill. Como se fosse de uma distância imensa, ouviu pronunciar seu nome com ruidosas tonalidades de trovão e adiantou-se com cada grama de precisão que havia aprendido no Campo Leon Trotsky. Ali, em frente a ele, estava o homem mais amado da galáxia! O grande e inchado nariz que adornava bilhões de notas de banco estava apontado para ele. A mandíbula prognata e os dentes saltados que enchiam milhões de telas de televisão estavam pronunciando seu nome. Um dos imperiais olhos estrábicos estava olhando para *ele*! O entusiasmo saltou nas entranhas de Bill, como imensas ondas batendo contra os rochedos. Fez a melhor das suas continências.

Na realidade fez a melhor das continências possíveis, pois não havia muita gente com dois braços direitos. Ambos os braços movimentaram-se em perfeitos semicírculos, ambos os cotovelos dobraram-se em ângulos perfeitos, ambas as palmas das mãos ficaram vibrando nitidamente junto a ambas as sobrancelhas. Foi impecável e apanhou o Imperador de surpresa. Este, durante um momento vibrante, conseguiu apontar os dois olhos para Bill, antes de que novamente se separassem, um para cada lado. O Imperador, embora um tanto confuso pela continência pouco habitual, apanhou a medalha e cravou a ponta do alfinete na túnica de Bill, perfurando claramente sua trêmula carne.

Bill não sentiu dor alguma, porém a repentina espetadela descarregou a emoção crescente que estivera correndo dentro dele.

Abandonando a continência, caiu de joelhos, no velho e conhecido estilo dos servos camponeses, mostrado na televisão histórica, de onde, aliás, seu servil subconsciente tirara a ideia, e pegou a doentia e deformada mão do Imperador.

— Pai de nós todos! — disse Bill, exaltado, beijando a mão do Imperador.

Com olhares de ódio, a guarda pessoal de generais pulou para a frente e a morte bateu suas asas negras sobre Bill. Mas o Imperador sorriu e afastou suavemente a mão, limpando a saliva na túnica de Bill. Um leve sinal com o dedo fez a guarda voltar à sua posição e o Imperador caminhou para o artilheiro, pregou a medalha restante e pulou para trás.

— Corte! — gritou o diretor Ratt. — Copiem isso. É genial, com esse camponês imbecil chorando.

Quando Bill levantou-se, viu que o Imperador não havia voltado para o trono, mas que se misturava com a multidão de atores. A guarda pessoal havia desaparecido. Bill piscou, assombrado, quando um homem arrebatou a coroa da cabeça do Imperador, meteu-a numa caixa e foi embora com ela, — Estou com a junta emperrada — disse o artilheiro, ainda fazendo continência, com um braço vibrante. — Baixe-me essa coisa infernal, por favor. Nunca funciona direito acima do ombro.

— Mas... o Imperador... — disse Bill, puxando o braço emperrado, até que as molas rangeram e se soltaram.

— Era um ator... Você pensava que fosse o quê? Pensava que iam fazer com que o *verdadeiro* Imperador desse condecorações aos soldados? Aposto que só dá aos marechais. Mas fazem a coisa parecer como se fosse verdade e um ou outro idiota como você fica emocionado. Você esteve magnífico.

— Tomem — disse um homem, entregando-lhes cópias em metal lavrado das condecorações que estavam usando e tomando-lhes as originais.

— Todos a postos! — a voz ampliada do diretor retumbou. — Temos apenas dez minutos para ensaiar a cena da Imperatriz beijando os sêxtuplos de Aldebarã para a Hora da Fertilidade. Tragam aqui as crianças de plástico e expulsem esses malditos espectadores.

Os heróis foram empurrados para o corredor e a porta fechou-se atrás deles, com uma batida seca.

Dois

— Estou cansado — disse o artilheiro — e ainda por cima a queimadura está doendo.

Havia sofrido um curto-circuito quando agia no Velho Bordel dos Convocados, tocando fogo na cama.

— Ande, vamos — insistiu Bill. — Temos três dias de folga antes da nave partir e estamos em Helior, o Planeta Imperial! Há coisas maravilhosas para ver aqui, os Jardins Suspensos, as Fontes do Arco-íris, os Palácios Faiscantes. Você não pode perder nada disso.

— Você vai ver se não posso. Assim que eu tiver recuperado o sono atrasado, voltarei ao Velho Bordel. Se você tem tanta necessidade de alguém que segure sua mão enquanto faz essa volta turística, leve o sargento.

— Ele continua de porre.

O sargento de infantaria era um bêbado solitário, que não acreditava nas convenções sociais. Tampouco acreditava em diluir ou esbanjar dinheiro com belos rótulos. Havia gasto todo seu dinheiro subornando um enfermeiro, de quem obtivera dois garrafões de puro álcool de cevada de noventa e nove graus, um recipiente de glucose e solução salina, uma agulha hipodérmica e um pedaço de tubo de borracha. A mistura de tudo isso em dois garrafões havia sido colocada numa prateleira sobre sua cama, com o tubo ligado à agulha e esta metida em sua veia para uma injeção. Agora estava tranquilo, bem alimentado e total e absolutamente bêbado o tempo todo e, se não cortassem o fluxo, poderia permanecer bêbado por dois anos e meio.

Bill deu um retoque ao brilho das suas botas e guardou a escova no armário, com o resto das coisas. Talvez voltasse tarde. Era muito fácil alguém perder-se em Helior sem guia. Haviam levado quase um dia inteiro para encontrar o caminho do estúdio para o alojamento e isso que estavam acompanhados pelo sargento, um homem esperto, especialista em mapas. Enquanto estavam perto da sua própria área, não havia problemas. Mas Bill

já estava farto dos prazeres reservados aos guerreiros. Queria ver Helior, a verdadeira Helior, a primeira cidade da galáxia. Se ninguém quisesse ir com elo, iria só.

Apesar da planta, era realmente difícil saber exatamente a que distância ficavam as coisas em Helior, já que as plantas eram apenas esboçadas e não tinham escala. Mas o percurso que planejava fazer parecia ser longo, pois um dos sistemas de transporte que iria utilizar, um carro magnético tunelinear de evacuação, atravessava pelo menos 84 submapas. Seu destino bem podia estar do outro lado do planeta!

Uma cidade tão grande quanto um planeta! A ideia era quase impossível de ser concebida! De fato, quando pensou nela, a ideia era impossível de ser concebida!

Os sanduíches que havia comprado na cantina do quartel acabaram antes de ele chegar à metade do caminho e seu estômago, novamente acostumado com a comida sólida, roncou em sinal de protesto até que ele abandonou o plano inclinado na Área 9266-L, Nível este ou aquele ou onde diabo se encontrasse e procurou uma cantina. Estava evidentemente numa Área Datilográfica, porque a multidão era composta quase totalmente de mulheres de ombros arredondados e dedos longos. A única cantina que pôde encontrar estava cheia delas.

Sentou-se no meio da falante e barulhenta multidão e viu-se obrigado a comer a única coisa que podia ser obtida ali: um queijo rançoso, sanduíche de pasta de anchova, purê de batatas com passas e molho de cebolas, regados a uma infusão de ervas servida em xícaras do tamanho de um polegar. Tudo isso não seria tão ruim se o garçom não tivesse automaticamente coberto a comida com um molho de manteiga e caramelo. Nenhuma das moças parecia reparar nisso, pois estavam todas sob uma suave hipnose durante as horas de trabalho, para diminuir a porcentagem de erros. Tratou de engolir a comida, sentindo-se como um fantasma enquanto elas falavam e se agitavam à volta dele, usando os dedos tanto para comer como para bater na beira das mesas, enquanto falavam. Conseguiu finalmente sair dali, mas a comida produziu nele um efeito deprimente e foi provavelmente por isso que cometeu um engano, entrando num veículo errado.

Como os mesmos números de Nível e Bloco se repetiam em cada Área, era possível chegar a uma errada e passar um tempo enorme perdido, até perceber o erro cometido. Bill não foi exceção e depois do habitual número

astronômico de mudanças e variação de transportes, entrou num elevador que terminaria, segundo pensou, nos famosos Jardins do Palácio, louvados na galáxia inteira. Todos os passageiros saltaram nos andares inferiores e o robô-ascensor adquiriu velocidade, atirando-se para o último andar. Sua violenta freada, ao parar, fez com que Bill ficasse parado no ar e seus ouvidos estalassem com a mudança de pressão. Quando as portas se abriram, Bill saiu para um vento gelado, carregado de neve. Abriu a boca, incrédulo e, por trás dele, as portas fecharam-se e o elevador sumiu.

As portas tinham-se aberto para uma planície metálica, que constituía o nível mais exterior da cidade, agora toldado pelos torvelinhos de neve. Bill tateou, procurando o botão para chamar novamente o elevador, quando uma rajada de vento afastou a neve e um cálido raio de sol caiu de um céu sem nuvens. Era impossível.

— Isto é impossível — disse Bill com justificada indignação.

— Nada é impossível, se eu quiser — disse uma voz áspera por cima do ombro de Bill — pois sou o Espírito da Vida.

Bill deslizou para um lado, como um robô-cavalo homeostático, dirigindo o olhar para um homenzinho de costeletas brancas, nariz escorrendo e olhos avermelhados, que surgira silenciosamente por trás dele.

— Sua caixa de pensamento está vazando — respondeu Bill, irritado consigo mesmo por ser tão assustadiço.

— Alguém tem de ser louco para continuar neste trabalho — soluçou o homenzinho, limpando uma gota pendurada no nariz. — Meio gelado, meio assado, meio asfixiado por falta de oxigênio a maior parte do tempo. O Espírito da Vida — continuou, com voz trêmula, — meu é o poder...

— Agora que está falando nisso — as palavras de Bill foram afogadas por um súbito torvelinho de neve — eu também estou um tanto alto. Uau!...

O vento mudou de direção, carregou as nuvens nevadas que encobriam o panorama e Bill ficou assombrado diante da paisagem que surgiu de repente.

Neve suja e poças d'água constelavam o chão até onde ele pôde enxergar. A capa dourada estava desgastada e, sob ela, via-se o metal cinzento e corroído, estriado de riachos vermelhos de ferrugem. Filas de tubos enormes, todos com o diâmetro correspondendo à altura de um homem, serpenteavam na direção dele, vindas de muito além do horizonte, e terminando numa espécie de bocas semelhantes a chaminés. Estas estavam obscurecidas por torvelinhos de vapor e neve, que pulavam para o

ar com um ruído apagado, mas uma das colunas de vapor tombou e a nuvem dispersou-se enquanto Bill a olhava.

— A número dezoito explodiu! — gritou o velho num microfone, arrancando uma tabuleta da parede e correndo por entre a neve escorregadia para um enferrujado e maltratado tapete rolante, que rangia e gemia ao longo dos tubos. Bill acompanhou-o, berrando para o homem, que o ignorou totalmente. Enquanto o tapete levava-os aos trancos e barrancos, Bill começou a imaginar para onde iriam aqueles tubos e, ao cabo de um minuto, quando sua cabeça voltou ao lugar, foi dominado pela curiosidade e esticou-se para ver o que eram as misteriosas protuberâncias que apareciam ao longe. Pouco a pouco pôde ver que era uma fileira de gigantescas naves espaciais, cada uma ligada a um dos tubos. Com inesperada agilidade, o velho saltou do tapete e correu para a nave situada no ponto dezoito, onde diminutas figuras de trabalhadores, bem no alto, estavam desligando as conexões dos tubos com a nave. O velho copiou os números de um contador existente no tubo, enquanto Bill via um guindaste girar, carregando a extremidade de um grosso tubo flexível, que emergia do trecho da superfície onde se encontravam. Estava unido à válvula da parte superior da nave espacial. O tubo era agitado por uma vibração e em torno da união com a nave surgiam pequenas nuvens pretas de fumaça, que ficaram flutuando sobre a suja planície metálica.

— Posso saber que raio do coisa está havendo aqui? — perguntou Bill, suplicante.

— A vida! A vida perene! — grasnou o velho, emergindo das profundezas da sua depressão até atingir as alturas da alegria maníaca.

— O senhor pode ser mais explícito?

— Temos aqui um mundo coberto de metal — bateu com o pé e ouviu-se um som cavo. — Isto quer dizer o quê?

— Quer dizer que o mundo está coberto de metal.

— Certo. Até que para soldado o senhor tem uma inteligência bastante apreciável. Então pega-se um planeta e cobre-se de metal, obtendo-se um mundo em que as únicas coisas verdes são os Jardins Imperiais e um par de maçanetas de janela. Que acontece?

— Todo mundo morre — disse Bill que, afinal de contas, era um jovem camponês e acreditava em todas aquelas besteiras de clorofila e fotossíntese.

— Certo outra vez. O senhor, eu o Imperador e uns dois bilhões de imbecis mais estamos ocupados em transformar todo o 'oxigênio em bióxido de carbono e sem plantas que o transformem novamente em oxigênio, é apenas uma questão de tempo a chegada da nossa morte pela inalação dele.

— Então essas naves trazem oxigênio líquido?

O velho confirmou com a cabeça e pulou novamente para o tapete rolante, sempre seguido de Bill.

— Trazem. Conseguem-no gratuitamente nos planetas agrícolas.

Depois de o deixarem aqui, as naves são carregadas com o carvão extraído do bióxido de carbono a um custo elevado, que é remetido para os mundos industrializados, onde é usado como combustível, como fertilizante ou para produzir plásticos e outros produtos variados...

Bill saltou do tapete junto do elevador mais próximo, enquanto o velho e sua voz perdiam-se no vapor.

Bill acocorou-se e, com a cabeça latejando pelo excesso de oxigênio, começou a folhear furiosamente a Planta. Enquanto estava esperando o elevador, descobriu em que lugar se encontrava pelo número de código da porta e começou a estudar um novo caminho que fosse dar nos Jardins do Palácio.

Desta vez não permitiu que alguma coisa o distraísse. Comendo só pedaços de açúcar-cândi e bebendo líquidos carbonados das máquinas automáticas existentes no caminho, evitou os perigos e distrações dos restaurantes. Conservando-se acordado, conseguiu não perder-se em nenhuma correspondência. Com bolsas sob os olhos e a boca cheia de dentes apodrecidos, cambaleou ao sair de um poço de gravidade e, com o coração palpitando, viu finalmente uma tabuleta florida e perfumada, toda iluminada, que dizia: Jardins Suspensos. Havia uma borboleta e uma bilheteria para entrar.

— Uma, por favor.

— São dez mangos imperiais.

— Não acha um tanto caro? — perguntou Bill, em tom de zanga, tirando as notas, uma a uma, do seu pequeno maço.

— Quem é pobre não deve vir a Helior.

O robô-bilheteiro tinha sido programado com todo tipo de respostas ferinas. Bill ignorou-o e entrou nos jardins. Era tudo quanto havia sonhado e muito mais. Enquanto andava pela trilha de escória cinzenta, ao longo do

muro externo, podia ver os arbustos verdes e a grama do outro lado da grade de titânio. A não mais de cem metros, do outro lado da grama, flutuavam as mais exóticas plantas e flores de todos os mundos do Império. E lá, minúsculas na distância, estavam as Fontes do Arco-íris, quase invisíveis a olho nu! Bill meteu uma moeda na rachadura de um telescópio e viu como as cores delas brilhavam e desapareciam, quase tão nitidamente como se estivesse olhando a televisão. Continuou andando ao longo do muro, banhado pela luz do sol artificial, situado na parte superior da cúpula gigantesca.

Mas até os prazeres espirituais dos jardins cediam lugar à onipresente e arrasadora fadiga que o assaltava com mão de ferro.

Encontrou uns bancos de aço e sentou-se, fechando imediatamente os olhos para descansá-los. Sua cabeça inclinou-se para a frente e, antes que pudesse perceber, tinha caído completamente no sono. Outros visitantes passaram pisando cinzas, mas não o incomodaram. Bill nem mesmo percebeu quando um deles sentou-se na outra ponta do banco.

Como Bill nunca viu o homem, não há necessidade de descrevê-lo.

Basta dizer que tinha a pele amarela, nariz vermelho e quebrado, olhos ferozes que fuzilavam sob as sinistras sobrancelhas, ancas largas e ombros estreitos, pés desiguais, magro, ossudo, de dedos sujos e com um tique.

Passaram-se longos segundos de eternidade enquanto o homem permanecia ali, sentado. Então, durante uns momentos, não apareceu nenhum visitante. Com um rápido movimento coleante, o recém-chegado tirou do bolso um lápis-voltaico-atômico. A chama minúscula, mas incrivelmente quente suspirou rapidamente, enquanto era dirigida para a corrente que prendia a planta de Bill ao seu cinto, justamente no ponto em que ela caía sobre o banco de metal. Num instante a corrente ficou soldada ao banco. Bill continuou dormindo.

Um sorriso de lobo arreganhou o rosto do homem, como os repugnantes círculos formados na água de uma cloaca por uma ratazana nadando. Então, com um único e ágil movimento, a chama atômica cortou a corrente junto ao volume. Tornando a guardar no bolso o lápis-voltaico atômico, o ladrão levantou-se, apanhou a planta no colo de Bill e desapareceu rapidamente.

Três

A PRINCÍPIO, Bill não percebeu a magnitude da sua perda;.

Acordou devagar, com a cabeça pesada e a sensação de que alguma coisa estava errada. Só depois de insistentes puxões é que percebeu estar a corrente soldada ao banco e que o livro havia desaparecido. A corrente não podia ser arrancada e teve de desabotoar o cinto e deixá-lo pendurado. Voltando até a entrada, gritou pela abertura da bilheteria.

— Não se devolve o dinheiro — disse o robô. — Quero comunicar um crime.

— Isso é com a polícia. Se quiser falar com a polícia pelo telefone, aqui tem um telefone. O número é 111-11-111.

Abriu-se uma portinhola e um telefone pulou para fora, batendo no peito de Bill e fazendo-o recuar. Discou o número.

— Polícia — disse uma voz.

Apareceu na tela um sargento com cara de buldogue, usando um uniforme azul-da-prússia e fazendo uma careta.

— Quero comunicar um roubo.

— Grande ou pequeno?

— Não sei. Me roubaram a Planta.

— Pequeno. Vá à delegacia mais próxima. Este é o circuito de emergências e você o está usando ilegalmente. A pena por usar ilegalmente um circuito de emergência é...

Bill apertou violentamente o botão e a tela ficou escura. Então voltou-se para o robô-bilheteiro.

— Não se devolve o dinheiro — disse o robô. Bill bufou de impaciência.

— Cale a boca. Só quero saber onde fica a delegacia de polícia mais próxima.

— Sou robô-bilheteiro e não robô-informante. Não tenho esse dado na minha memória. Sugiro que consulte sua planta.

— Mas se me roubaram a planta!

— Sugiro que fale com a polícia.
— Mas...
Bill ficou vermelho e deu um pontapé na bilheteria.
— Não se devolve o dinheiro — disse uma voz, do lado de dentro, que foi se afastando lentamente.
— Brinquinhos, drinquinhos pra dar porrinhos — disse um robô-bar, aproximando-se e sussurrando no ouvido de Bill. Depois emitiu um som de cubos de gelo balançando num copo.
— É uma ideia genial. Uma cerveja. Das grandes. Meteu uma moeda na ranhura e apanhou a jarra que caiu do fornecedor, evitando por um triz que se espatifasse no chão. A cerveja refrescou-o, reanimou-o e acalmou sua irritação. Olhou o cartaz que dizia: Para o Palácio das Joias.
— Irei ao Palácio, darei uma olhada nele e procurarei alguém que possa me levar até uma delegacia de polícia. Ai!
O robô-bar havia arrancado a jarra da mão de Bill, quase levando junto, na operação, seu dedo indicador e, com uma impecável precisão robótica, jogara-o dentro da boca aberta de uma rampa de detritos, que saía de uma parede situada a dez metros de distância.
O Palácio das Joias parecia ser quase tão acessível quanto os Jardins Suspensos e ele decidiu dar queixa do roubo antes de pagar a entrada no recinto cercado que envolvia o palácio a uma respeitável distância. Junto da entrada havia um policial, sacudindo a pança e fazendo girar o cassetete. Ele devia saber onde ficava a delegacia.
— Onde fica a delegacia de polícia — perguntou Bill.
— Não sou nenhuma barraca de informações... Use sua Planta.
— Mas — disse Bill, através dos dentes cerrados — não posso.
Me roubaram a planta e por isso quero dar... Uiii!
Bill disse Uiii! porque o policial, com um movimento bem calculado, havia cravado o cassetete no seu sovaco, encurralando-o num canto.
— Fui soldado, antes de conseguir pagar minha baixa — disse o policial.
— Eu apreciaria melhor suas reminiscências se afastasse o cassetete do meu sovaco — gemeu Bill, que suspirou, agradecido, quando seu pedido foi satisfeito.
— Como já fui soldado, não gostaria de ver um camarada possuidor do Dardo Púrpura com a Nebulosa do Saco de Carvão meter-se em encrencas. Por outro lado, sou um policial honesto e não aceito suborno. Mas se um

camarada me emprestasse uns vinte e cinco mangos até o dia do pagamento, eu ficaria muito grato.

Bill havia nascido burro, mas estava aprendendo. O dinheiro apareceu e imediatamente sumiu e o policial ficou calmo, batendo com a ponta do cassetete nos próprios dentes amarelos.

— Rapaz, deixe que lhe diga alguma coisa, antes de falar-lhe oficialmente, por força do meu cargo, pois até agora conversamos como dois camaradas. Há uma enorme quantidade de maneiras de se meter em encrencas, aqui em Helior, mas a mais fácil é perder a Planta. Aqui em Helior, isso é pago com a forca. Conheço um cara que foi à delegacia dar parte do roubo da Planta e estava algemado em menos de dez segundos, talvez cinco. E agora, você queria dizer-me o quê?

— Tem fogo?

— Não fumo.

— Então, passe bem.

— Vá em paz, companheiro.

Bill dobrou uma esquina e encostou-se a uma parede, respirando profundamente. Como ia ser agora? Se antes, com a Planta, mal podia achar seu caminho naquele labirinto... como ia conseguir sem ela?

Sentia no estômago um peso que procurava esquecer. Afastou a sensação de terror e procurou pensar, mas pensar dava dor de cabeça.

Parecia que haviam passado anos desde sua última boa refeição e ao lembrar de comida começou a babar com tanta rapidez que quase se afogou. Comida, era isso de que estava precisando, comida para poder pensar. Precisava encontrar a calma, debruçado num suculento bife e quando o homenzinho que vivia dentro dele estivesse satisfeito, poderia pensar claramente e achar uma forma de sair daquela enrascada. Tinha de existir uma maneira. Restava-lhe quase um dia inteiro, antes de ter de voltar para o quartel, e isso era suficiente.

Dobrando uma esquina, penetrou num amplo túnel, brilhantemente iluminado, porém o que mais brilhava era uma tabuleta que dizia: O Traje Espacial Dourado.

— O Traje Espacial Dourado — leu Bill. — É disso que estou precisando. O mais famoso restaurante de toda a galáxia, aparecendo em centenas de programas de televisão. Está aí a maneira de eu recuperar minha forma antiga. Será caro. mas que diabo...

Apertando o cinto e ajeitando a gola, subiu os amplos degraus dourados e atravessou a imitação de comporta espacial. O *maître* cumprimentou-o, sorridente, e foi acariciado, enquanto andava, por uma música suave. O chão abriu-se sob seus pés. Tentando agarrar-se impotente, às lisas paredes?, caiu por um tubo dourado que se inclinava gradualmente, até que, quando saiu dele, cruzou o espaço e caiu de bruços numa caixa metálica cheia de areia. Em frente a ele, pintada na parede com letras de meio metro de altura, lia-se a imperativa mensagem: Pira, Miserável. Ergueu-se, sacudiu a roupa e um robô aproximou-se e murmurou-lhe ao ouvido, com a voz de uma jovem e linda mulher: — Aposto que você está morto de fome, querido. Por que você não experimenta a pizza com curry à neoíndio, de Giuseppe Sing? Você está apenas a poucos passos da casa dele. O endereço está na parte de trás deste cartão.

O robô tirou um cartão de uma ranhura no peito e colocou-o cuidadosamente na boca de Bill. Era um robô barato e mal coordenado.

Bill cuspiu o cartão pastoso e limpou a boca com o lenço.

— Que foi que houve? — perguntou.

— Aposto que você está morto de fome, querido... grrr-ark.

O robô mudou de gravação ao ouvir as palavras de Bill. - Você foi expulso do Traje Espacial Dourado, o mais famoso restaurante de toda a galáxia, aparecendo em centenas de programas de televisão, porque é um pobre sem dinheiro. Quando você entrou lá, foi examinado por um aparelho de raios X e o conteúdo dos seus bolsos computado automaticamente. Como o que havia lá era evidentemente inferior ao necessário para pagar o *couvert,* uma bebida e as taxas, você foi expulso. Mas ainda está com fome, não está, querido?

O robô olhou-o de soslaio c sua sexy e adocicada voz surgiu através das grades do seu alto-falante bucal.

— Venha ao Sing onde a comida é boa e barata. Experimente fabulosa lasanha de Sing, com *dahl* e molho de lima.

Bill foi lá, não porque desejasse comer aquela repugnante cozedura itálico-bombainesa, mas porque no verso do cartão havia um mapa com instruções. Sentia bem-estar e segurança ao saber de novo como ir de um lugar para outro, seguindo as indicações, descendo aquela escada, caindo por aquele tubo de gravidade, agarrando-se como podia nas alças deslizantes. Depois de uma última cambalhota, seu nariz foi tomado de

assalto por uma rajada de aroma de gordura rançosa, alho frito e carne chamuscada e viu que havia chegado.

Os preços eram incrivelmente altos e a comida muito pior do que tudo que pudesse ter imaginado, mas acalmou o doloroso roncar do seu estômago, que ficou cheio mas não agradavelmente saciado.

Usando a unha, procurou extrair horríveis pedaços de cartilagem que haviam ficado presos entre seus dentes, enquanto olhava o homem que estava sentado defronte dele na mesma mesa. O tipo estava se queixando em voz baixa, ao mesmo tempo em que se forçava a engolir colheradas de algo inominável. Ele usava brilhantes roupas domingueiras e era gordo, amável e comunicativo.

— Oi!... — disse Bill.

— Vê se morre — resmungou o homem.

— Eu só disse oi — respondeu Bill, agressivo.

— E chega. Todos os que se deram ao trabalho de falar comigo nestas dezesseis horas que venho passando neste pretenso planeta de prazer, só fizeram me enganar, me encher ou me roubar, de uma forma ou de outra. Estou quase quebrado e ainda me restam seis dias da excursão Ver Helior e Viver.

— Eu só queria lhe pedir se podia dar uma olhada na sua planta enquanto o senhor está comendo.

— Já disse que todo mundo quer me tapear. Vê se morre.

— Por favor.

— Está bem... por vinte e cinco mangos, em dinheiro e adiantado, e só enquanto eu estiver comendo.

— Feito!

Bill colocou o dinheiro sobre a mesa, escorregou para debaixo dela e, sentado de pernas cruzadas, começou a folhear freneticamente o volume, anotando as instruções de locomoção tão depressa quanto pôde, ao achar os dados necessários. Acima dele, o gordo continuava comendo e resmungando e, quando pegava um pedaço especialmente ruim, sacudia-se de tal maneira que Bill perdia o fio. O rapaz já havia quase conseguido estabelecer uma rota até metade do caminho para sua base no Quartel de Trânsito, quando o homem puxou o livro e foi embora.

Quando Ulisses regressou de sua apavorante viagem, evitou magoar os ouvidos de Penélope com os incríveis detalhes da jornada.

Quando Ricardo Coração de Leão foi, finalmente, libertado do calabouço e voltou para casa através dos anos repletos de perigos das Cruzadas, não ofendeu a sensibilidade da rainha Berengaria com horríveis histórias. Apenas cumprimentou-a e abriu seu cinto de castidade. Nem eu tampouco, gentil leitor, profanarei teus ouvidos com os perigos e desesperos da volta de Bill, realizada em condições inimagináveis. Basta que te diga que ele conseguiu: chegou ao Q.T.T.

Com olhos avermelhados e lacrimejantes, contemplou demoradamente a tabuleta que dizia Quartel de Trânsito para a Tropa e imediatamente teve de apoiar-se à parede, pois a alegria roubara suas forças. Havia conseguido! Tinha ultrapassado sua licença em apenas oito dias, mas isso não podia ser muito grave. Breve se encontraria outra vez entre os amistosos braços dos soldados, afastado dos quilômetros som fim de corredores metálicos, das multidões continuamente apressadas, dos planos inclinados, dos tapetes rolantes, tubos de gravidade, elevadores, tubos de sucção e o diabo. Poderia embebedar-se com seus companheiros e deixar que o álcool dissolvesse a recordação de suas terríveis viagens, procurando esquecer o horror sem fim daqueles dias errantes, sem comida e sem água, sem o som de uma voz humana, cambaleando som. parar através das profundidades infernais dos Níveis de Papel Carbono. Tudo aquilo havia passado. Tirou a poeira do seu amarrotado uniforme, reparando, envergonhado, nas partes descosidas, nas dobras e nos botões faltantes. Se conseguisse entrar no quartel sem ser preso, mudaria de uniforme antes de apresentar-se ao oficial de dia.

Algumas cabeças voltaram-se para olhá-lo, mas Bill conseguiu passar pela sala de guarda até chegar aos dormitórios. Seu colchão estava enrolado, seus cobertores haviam desaparecido e sua prateleira estava vazia. Começava a acreditar que se metera numa enrascada e para os soldados uma enrascada nunca é uma coisa fácil. Reprimindo uma gélida sensação de desespero, limpou-se o melhor que pôde na latrina, bebeu um gole confortador na torneira de água fria e depois arrastou-se até a sala de guarda. O primeiro-sargento estava na sua mesa. Era um homem gigantesco, musculoso e de aspecto sádico, com a pele escura como a do seu velho amigo Tembo.

Tinha numa das mãos um boneco de plástico uniformizado de capitão e com a outra cravava clipes nele. Sem mexer a cabeça, voltou os olhos para Bill e deu um rugido.

— Soldado, você está numa bruta enrascada, vindo à sala de guarda vestido dessa maneira.

— Estou numa encrenca maior do que o senhor pensa, sargento — disse Bill, apoiando-se, sem forças, na mesa.

O sargento olhou para as desemparelhadas mãos de Bill, correndo os olhos de uma para a outra.

— Onde arranjou essa mão, soldado? Fale! Conheço essa mão.

— Pertenceu a um amigo meu e também tenho o braço que faz parte dela.

Ansioso para passar a falar sobre qualquer coisa que não fossem os seus crimes militares, Bill estendeu a mão, para que o sargento pudesse vê-la melhor. Mas ficou horrorizado quando os dedos fecharam-se, formando um punho duro, os músculos do braço contraíram-se e o punho voou para a frente, indo atingir em cheio o queixo do primeiro-sargento, derrubando-o de costas, com cadeira e tudo.

— Sargento! — gritou Bill e agarrou a mão rebelde, fazendo com que voltasse à sua posição junto ao corpo, não sem grande esforço.

O sargento ergueu-se lentamente o Bill encolheu-se, tremendo.

Não pôde acreditar, quando viu que o sargento havia tornado a sentar-se, sempre sorrindo.

— Eu sabia que conhecia essa mão. É a do meu velho amigo Tembo. Brincamos sempre dessa maneira. Cuide bem dessa mão, está ouvindo? Você tem ainda mais alguma coisa de Tembo?

Quando Bill respondeu-lhe que não, bateu um rápido toque de tam-tam na beira da mesa.

— Bem, lá se foi ele para o Grande Rito Ju-ju no Céu. O sorriso desapareceu e a careta tomou o seu lugar.

— Você está numa tremenda enrascada, soldado. Mostre-me seu cartão de identificação.

Arrancou-o com um safanão dos dedos inertes de Bill e introduziu-o numa fenda na mesa. Luzes piscaram, um mecanismo zumbiu, vibrou, e uma tela iluminou-se. O primeiro-sargento leu a mensagem que havia nela e, enquanto o fazia, a careta foi substituída por uma expressão de raiva fria. Quando tornou a erguer os olhos para Bill, não passavam de frestas que o cravaram no chão com um olhar que poderia talhar o leite instantaneamente ou destruir formas de vida inferiores, como roedores ou baratas. O sangue

de Bill congelou nas veias e enviou ao resto do corpo um tremor que fê-lo agitar-se como uma árvore ao vento.

— Onde você roubou este cartão de identificação? Quem é você?

Na terceira tentativa, Bill conseguiu extrair algumas palavras dos lábios paralisados.

— Sou eu... O cartão é meu... Sou eu, Bill, o técnico de primeira-classe em fusíveis...

— Você é um mentiroso.

Uma unha feita exclusivamente para secionar veias jugulares, bateu no cartão.

— Este cartão deve ter sido roubado, porque Bill, o técnico em fusíveis de primeira classe, partiu daqui há oito dias. É o que consta do arquivo e os arquivos não mentem. Você está enrascado, cretino.

Apertou um botão vermelho, marcado Polícia Militar e pôde ser ouvida ao longe uma campainha de alarme zumbindo estridentemente.

Bill mexeu os pés e seus olhos percorreram a sala, procurando uma maneira de fugir.

— Segura ele, Tembo — berrou o sargento. — Quero ir ao fundo deste troço.

O braço esquerdo/direito de Bill agarrou-se à beira da mesa e ele não conseguiu arrancá-lo dali. Ainda estava lutando com ele quando ressoaram botas pesadas às suas costas.

— Que é que há? — resmungou uma voz familiar.

— Usurpação da personalidade de um suboficial mais outras infrações de menor importância, que não interessam, pois só aquilo chega para uma lobotomia com arco voltaico e trinta chibatadas, como castigo.

— Oh, senhor — disse Bill, contente ao ver uma figura imensamente detestada. — Desejomortal Drang! Diga a eles que você me conhece.

Um dos homens era o habitual brutamontes de capacete vermelho, cassetete e revólver, com forma humana. Mas o outro era apenas Desejomortal.

— Conhece o prisioneiro? — perguntou o primeiro-sargento.

Desejomortal deu uma piscadela e percorreu o corpo de Bill com o olhar.

— Conheci um manejador de fusíveis de sexta classe, chamado Bill, mas tinha duas mãos que se completavam. Aqui há alguma coisa muito

esquisita. Vamos dar-lhe uma esquentadela no corpo da guarda e faremos com que confesse.

— De acordo. Mas cuidado com o braço esquerdo. É de um amigo meu.

— Não tocaremos nele.

— Mas eu sou Bill! — gritou Bill. — Aquele que está no cartão sou eu, posso provar!

— É um impostor - - disse o sargento e mostrou os comandos na mesa. — Os arquivos dizem que Bill, o técnico em fusíveis de primeira classe, partiu daqui há oito dias e os arquivos não mentem.

— Os arquivos *não podem* mentir. Do contrário, não haveria ordem no universo — disse Desejomortal, enfiando profundamente seu cassetete na barriga de Bill e empurrando-o para a porta. Virou-se para o outro PM e perguntou: — Aquele esmagador de polegares que pedimos já chegou?

Só o cansaço poderia ter levado Bill a fazer o que fez. O cansaço, o desespero e o medo combinados, que o dominaram, pois no íntimo do seu coração era um bom soldado e havia aprendido a ser Bravo, Limpo, Obediente e Heterossexual e tudo o mais. Mas cada homem tem seu ponto de ruptura e Bill havia chegado ao dele. Tinha fé na imparcialidade da justiça, pois não lhe haviam contado a verdade, mas na realidade era a ideia da tortura o que o incomodava. Quando seus olhos, enlouquecidos pelo medo, viram a tabuleta que dizia Lavanderia, um circuito fechou-se, sem ação consciente da parte dele, e Bill pulou para a frente, arrancando-se com sua repentina e desesperada ação, da mão que agarrava seu braço. A fuga! Por trás da portinha de vaivém da parede devia haver um plano inclinado até a lavanderia, onde haviam montões de lindos e macios lençóis e toalhas, que suavizariam sua queda. Poderia fugir! Ignorando os terríveis e ferozes gritos dos PMs, mergulhou de cabeça pela abertura.

Caiu durante um metro e meio, e bateu com a cabeça, quase arrebentando-a. Não era um plano inclinado, mas uma funda caixa metálica de guardar roupa.

Lá fora, os PMs batiam na portinha basculante, mas não podiam deslocá-la porque as pernas de Bill a haviam bloqueado e impediam que se abrisse.

— Está fechada! — gritou Desejomortal. — Enganou a gente!

Onde vai dar esse tubo de roupa suja?

Estava cometendo o mesmo equívoco de Bill.

— Não sei, também sou novo aqui — disse o outro homem, ofegante.

— Você será também novo na cadeira elétrica se não encontrarmos aquele porco!

As vozes foram diminuindo à medida em que as pesadas botas corriam afastando-se e Bill estremeceu. Seu pescoço estava torcido num ângulo esquisito e doía, seus joelhos comprimiam-lhe o peito e estava meio sufocado pela roupa contra a qual comprimia o rosto.

Procurou esticar as pernas e empurrar a portinha de metal, mas ouviu-se um clique quando alguma coisa caiu para a frente ao abrir-se a caixa de recolher roupa suja do corredor de serviço, do outro lado da parede.

— Aí está ele! — disse uma voz familiar, odiada, e Bill cambaleou para a frente.

As botas que corriam estavam pisando seus calcanhares quando chegou a um tubo de gravidade e novamente atirou-se de cabeça, desta vez com muito mais sucesso. Quando os apopléticos PMs saltaram atrás dele, o mecanismo automático separou-os uns bons cinco metros.

Era uma queda lenta e suave, e a visão de Bill tornou-se finalmente clara. Olhou para cima e estremeceu ao ver o rosto cheio de caninos de Desejomortal, flutuando atrás dele.

— Amigo velho — soluçou Bill, juntando as mãos como para rezar. — Por que me persegue?

— Não me chame de amigo, seu espião chinger. Você nem mesmo é um bom espião, com esses braços discordantes.

Mesmo enquanto caía, Desejomortal sacou a pistola do coldre e apontou-a diretamente para a região entre os olhos de Bill.

— Morto quando tentava fugir.

— Tenha piedade! — rogou Bill.

— Morte aos chingers! E apertou o gatilho.

Quatro

A bala surgiu lentamente dentre a nuvem de gases em expansão e projetou-se meio metro na direção de Bill, antes que o poderoso campo de gravidade a detivesse. A memória simples do mecanismo automático traduziu a velocidade da bala como massa, verificou que outro corpo havia entrado no tubo de gravidade e estabeleceu-lhe uma posição. A queda de Desejomortal diminuiu, até que ficou cinco metros atrás da bala, enquanto o outro PM ficava também na mesma distância relativa atrás dele. O vazio entre Bill e seus perseguidores era agora o dobro, do que se aproveitou ele para escapar pela abertura do nível seguinte. Foi atraído por um elevador aberto, no qual se meteu e cuja porta fechou antes que o vociferante Desejomortal pudesse surgir do tubo.

Depois disso, a fuga foi apenas questão de embaralhar suas pegadas. Utilizou diversos meios de transporte, ao acaso, e esteve durante o tempo todo fugindo para os níveis inferiores, como se procurasse, igual a uma toupeira, escapar cavando um buraco. Foi, finalmente, detido pelo cansaço, que o fez cair no chão, encostado a uma parede e bufando como um tricerátop no cio. Pouco a pouco adquiriu consciência de onde se encontrava, percebendo que estava numa profundidade maior do que qualquer outra a que já atingira. Os corredores eram tétricos e velhos, construídos com pranchas metálicas parafusadas. Pilares maciços, alguns deles com mais de trinta metros de diâmetro, quebravam a aridez das paredes. Eram grandes estruturas que tinham como função suportar a massa do mundo-cidade em cima.

A maior parte das portas que via estava fechada e trancada, com cadeados complicados pendendo delas.

Percebeu também que havia menos luz, ao se arrastar cansadamente à procura de água para beber. Sua garganta ardia como fogo. Diante dele, na parede, havia um distribuidor de bebidas, que se diferençava da maior parte dos que ele vira porque a parte da frente era reforçada por barras de aço muito grossas e tinha um cartaz que dizia: Esta Máquina Está Protegida por

Campainhas de Alarme do Tipo Assa-Vocês-Vivos. Qualquer Tentativa de Abrir o Mecanismo Fará com que o Culpado Receba uma Carga de Cem Mil Volts.

Encontrou dinheiro suficiente no bolso para comprar uma heroína-cola dupla e afastou-se cuidadosamente do raio de ação de qualquer faísca, enquanto enchia o copo.

Sentiu-se muito melhor depois de bebê-la, até que olhou o conteúdo de sua carteira e então sentiu-se muito pior. Tinha apenas oito mangos imperiais. E quando acabassem? Que iria acontecer? A pena de si mesmo conseguiu atravessar o bloqueio que o cansaço e as drogas exerciam sobre os seus sentidos e chorou. Percebia, de forma vaga, que alguém passava de vez em quando, mas não prestava atenção. Não até que três homens pararam diante dele e deixaram que um quarto caísse no chão. Bill olhou-os e imediatamente desviou o olhar, enquanto as palavras dos homens lhe chegavam vagamente aos ouvidos, sem que estes registrassem o significado delas, pois sentia-se muito melhor mergulhado na sua lacrimejante tristeza.

— Coitado do velho Golph. Parece que está acabado.

— É mesmo. Está tendo a mais linda agonia que já presenciei.

Vamos deixá-lo aqui para que os robôs da limpeza o apanhem.

— Mas e aquele *trabalho?* Precisamos ser quatro para que dê certo.

— Vamos dar uma olhada nesse cara desplantado. Uma bota grossa bateu nas costas de Bill, fazendo-o virar-se e chamando sua atenção. Piscou, olhando para o círculo de homens, todos eles parecidos uns com os outros em suas roupas mulambentas, pele suja e rosto barbado. Eram todos diferentes na forma e no tamanho, embora tivessem uma coisa em comum: nenhum carregava uma planta e pareciam curiosamente desnudos sem os pesados volumes pendurados.

— Onde está tua planta? — perguntou o mais alto e mais peludo, dando um pontapé em Bill.

— Roubada...

Começou novamente a chorar. — És soldado?

— Tomaram meu cartão de identificação...

— Tens gaita?

— Foi-se. Tudo desapareceu... como os canecões dos bons tempos.

— Então és um dos desplantados — cantaram em coro, ajudando-o a por-se em pé. — E agora une-te a nós, cantando a canção dos desplantados.

E, com vozes trêmulas, entoaram: *Fiquemos juntos Um e Todos Pois Irmãos Desplantados sempre seremos Unidos Lutaremos para obter o direito De derrubar o Poder e impor a Verdade Por isso nós, outrora livres, seremos um dia Novamente livres para ver o céu azul cm cima E ouvir o suave* plash-plash *Da neve.*

— Não tem muito ritmo — disse Bill.

— É, andamos meio sem talento aqui embaixo, lá isso andamos — disse o menor e mais velho dos desplantados, tossindo de forma entrecortada e fraca.

— Cala a boca — disse o maior, dando um soco nos rins do velho.

Virou-se para Bill: — Sou Litvok e este é o meu bando. Agora fazes parte dele, forasteiro, e passas a te chamar Golph 28169-menos.

— Não, essa não. Meu nome é Bill, muito mais fácil de pronunciar...

Recebeu outro coice.

— Fecha a matraca! Bill é um nome difícil porque é novo e nunca me lembro de nomes novos. Sempre tive um Golph 28169-menos no meu bando. Como é teu nome?

— Bi... Ai! Quero dizer, Golph!

— Isso... mas não esqueças que também tens um sobrenome.

— Estou morrendo de fome — gemeu o velho. — Quando vamos fazer o assalto?

— Agora mesmo. Venham.

Passaram por cima do velho Golph-etc, que havia falecido enquanto o novo era inaugurado, e mergulharam apressadamente por um corredor escuro e úmido. Bill acompanhou-os, pensando em que encrenca havia se metido agora, mas estava cansado demais para se importar com isso. Os outros estavam falando de comida. Depois que ele tivesse conseguido algum alimento, poderia pensar no que fazer a seguir. Mas naquele momento estava muito contente porque havia alguém para pensar por ele e ocupar-se dele. Era como se tivesse voltado para o exército, só que melhor porque não era obrigado a fazer a barba.

O pequeno grupo de homens foi dar numa sala brilhantemente iluminada, sendo momentaneamente ofuscado pelo inesperado resplendor. Litvok fez-lhes um sinal para que se detivessem e olhou cuidadosamente para todos os lados. Depois fez uma concha com a mão imunda junto da orelha em forma de couve-flor e escutou, franzindo o rosto com o esforço.

— Parece que vai tudo bem. Schmutzig, você fica aqui, para dar o alarme se vier alguém. Sporco vai para o outro lado da sala e faz a mesma coisa. Você, o novo Golph, vem comigo.

Os dois vigias foram para seus postos enquanto Bill seguia Litvok até uma saleta, onde havia uma porta metálica, fechada. O entroncado chefe do bando abriu-a com uma simples batida com um martelo de metal que tirou de algum lugar secreto de suas roupas imundas. Do outro lado da porta, havia um certo número de tubos de diversos tamanhos, que saíam do chão e iam perder-se no teto, em cima. Cada tubo tinha um número e Litvok comentou: — Temos de encontrar o kl-9256-B. Vamos — disse. Bill encontrou logo o tubo, que tinha a grossura do seu punho, e mal tinha acabado de chamar o chefe do bando quando um apito agudo soou na sala.

— Para fora! — disse Litvok, empurrando Bill à sua frente.

Fechou imediatamente a porta e encostou-se nela de ta.l forma que encobria com o corpo o buraco da fechadura escangalhada. Ouviu-se um sussurrar e um ronronar crescentes, que se aproximavam vindos da sala, enquanto eles continuavam a esperar na saleta. Litvok escondia o martelo nas costas e o barulho cresceu até que apareceu um robô de limpeza, que virou para ele seus olhos binoculares, montados em antenas, — Querem fazer o favor de se afastar? Este robô deseja limpar aí onde estão.

Era uma voz gravada e saía do interior do robô com um tom decidido. A máquina apontou, esperançada, com as escovas giratórias na direção deles. — Cai fora — resmungou Litvok.

— A interferência no trabalho de um robô de limpeza no cumprimento das suas obrigações é crime passível de castigo e, ao mesmo tempo, um ato antissocial. Já se deram ao trabalho de pensar se o Departamento de Saúde Pública não...

— Conversa fiada — rugiu Litvok e deu uma martelada no alto da caixa craniana do robô.

— Uônquiti! — berrou a máquina e fugiu ziguezagueando pela sala afora, esguichando água pelas mangueiras.

— Vamos acabar o trabalho — disse Litvok, abrindo a porta novamente.

Entregou o martelo a Bill e, tirando uma serra de metais de algum lugar dos seus andrajos, atacou a canalização com violentos vaivéns.

Os tubos eram feitos de um metal muito duro e, ao cabo de um minuto, já estava empapado de suor e morto de cansaço.

— Continue você — disse a Bill. — Ande o mais depressa que puder e depois eu o substituirei.

Revezando-se, levaram menos de três minutos para serrar o cano completamente. Litvok tornou a esconder a serra entre suas roupas e pegou no martelo.

— Prepare-se — disse, cuspindo nas mãos.

Deu uma tremenda martelada na canalização. Conseguiu, com duas pancadas, que o tubo cortado dobrasse a parte de cima até separar-se completamente da inferior. Do orifício começou a manar um rio interminável de salsichas tipo Frankfurt, verdes e amarradas umas às outras. Litvok apanhou a extremidade da fieira e atirou-a por cima do ombro de Bill. Depois começou a dar voltas e mais voltas pelos ombros e braços dele, cada vez mais para cima. Elas chegaram ao nível dos olhos de Bill e este pôde ler as letras brancas estampadas naquelas formas verde-acinzentadas. Cloro-Poldras, leu. E a seguir: HÁ Raios de Sol em Cada Uma ! a Salsicha Equina de Distinção. E finalizava: Prove Nossos Matungoburgers da Próxima Vez!

— Chega... — disse Bill, cambaleando sob o peso.

Litvok cortou a fieira e começou a enrolá-la em seus próprios ombros, quando o fluir das coisas verdes cessou repentinamente.

Puxou as últimas que restavam no tubo e correu para a porta.

— O alarme soou, estão nos perseguindo. Vamos fugir antes que os tiras cheguem!

Deu um forte assovio e os vigias correram ao encontro deles. Com Bill cambaleando sob o peso das salsichas, partiram em desabalada carreira pelos túneis, subindo escadas de mão e canos oleosos, até que alcançaram uma empoeirada área deserta, em que as luzes fracas eram poucas e muito espaçadas. Litvok abriu um bueiro no chão e cada um deixou-se cair por ele, para arrastar-se por um túnel de cabos e canos, entre dois níveis. Schmutzig e Sporco iam por último, para apanhar as salsichas que caíam dos ombros doloridos de Bill. Finalmente, através de uma gradezinha cortada, chegaram a um destino totalmente escuro e Bill atirou-se no chão, que estava cheio de despojos. Com gritos excitados, os outros arrancaram a carga das costas dele e ao cabo de um minuto um fogo ardia numa papeleira de metal e as salsichas verdes estavam sendo churrasqueadas.

O cheiro delicioso da clorofila assada reanimou Bill, que olhou em volta com curiosidade. À bruxuleante luz das chamas, viu que se encontrava num

imenso compartimento, cujos limites desvaneciam-se na escuridão que os cercava por todos os lados. O teto e a cidade, em cima, eram sustentados por grossos pilares e, entre eles, erguiam-se imensas pilhas e montes de todos os tamanhos. O velho, Sporco, foi até o monte mais próximo e arrancou alguma coisa. Quando voltou, Bill pôde ver que trazia folhas de papel, que começou a atirar ao fogo, uma a uma, indo uma delas cair perto de Bill. Este viu, antes de, por sua vez, atirá-la às chamas, que se tratava de um impresso do governo, já amarelado pela velhice.

Embora Bill nunca tivesse gostado das cloro-poldras, agora elas o encantavam. O apetite servia de tempero e o papel em chamas dava-lhes um novo sabor. Lavaram as salsichas com a água ferruginosa de um recipiente colocado sob uma goteira da canalização, o que lhes proporcionou um festim real. Esta é que é a boa vida, pensou Bill, tirando outra poldra do fogo e mordendo-a. Boa comida, boa bebida, bons amigos. Um homem livre.

Litvok e o velho já estavam dormindo sobre camas de papel amarrotado, quando o outro, Schmutzig, aproximou-se de Bill.

— Você achou meu cartão de identificação? — perguntou, cem um profundo suspiro.

Bill percebeu que o homem estava louco. As chamas refletiam-se de maneira estranha nas lentes estaladas dos óculos dele e Bill pôde ver que tinham armação de prata que, nos tempos antigos, deviam ter sido muito caras. Em torno do pescoço de Schmutzig, meio ocultos por sua barba mal cuidada, viam-se os restos de um colarinho de camisa e farrapos do que, em outras eras, fora uma elegante gravata.

— Não, não vi seu cartão de identificação — respondeu Bill. — Na verdade, não vi mais o meu desde que o primeiro-sargento apanhou-o e esqueceu de devolvê-lo.

Bill começou outra vez a ter pena de si mesmo e as asquerosas salsichas principiavam a lhe pesar como chumbo no estômago.

Schmutzig não tomou conhecimento da resposta de Bill, imerso como estava na sua muito mais interessante monomania.

— Sou um homem importante, sabe? Schmutzig von Drek é um nome que pesa e eles já irão sentir isso. Eles estão pensando que vão se livrar, mas não vão. Disseram que tinha sido um erro, um erro simples, que a gravação nos arquivos arrebentou e quando a consertaram foram obrigados a cortar um pedacinho e que era naquele pedacinho que estava a informação a meu

respeito. A primeira vez que soube disso foi no fim do mês, quando meu pagamento não chegou. Fui vê-los e parecia que nunca tinham ouvido falar em mim. Mas *todo mundo* sabe quem sou eu, Von Drek é um nome muito antigo. Já era subgerente antes dos vinte e dois anos e tinha trezentos e cinquenta e seis operários sob minhas ordens na Divisão de Grampos e Clipes para Papel da Octogésima Nona Ala de Abastecimento de Escritórios. Por isso não me podiam fazer crer que nunca tinham ouvido falar em mim, embora eu tivesse esquecido meu cartão de identificação em casa, numa outra roupa. Nem tinham motivo para retirar tudo o que havia no meu apartamento enquanto eu estava fora, só porque ele estava, alugado ao que eles chamavam de pessoa imaginária. Eu poderia ter-lhes provado quem era se tivesse meu cartão de identidade... Você viu meu cartão de identidade?

Agora é a minha vez, pensou Bill, e diz em voz alta: — Isso está me parecendo uma encrenca. Vou lhe dizer o que farei: vou ajudá-lo a procurar seu cartão. Sairei por aí para ver se o encontro.

Antes que a perturbada cabeça de Schmutzig pudesse pensar numa resposta, Bill já havia escapulido entre as montanhosas pilhas de velhos arquivos, muito contente com ele mesmo por ter conseguido ser mais esperto que um louco de meia idade. Sentia-se agradavelmente cheio e cansado e não queria ser incomodado outra vez. O que precisava agora era uma boa noite de repouso e mais tarde, quando acordasse, pensaria em toda aquela confusão e talvez até achasse uma forma de sair dela. Tateando seu caminho pelos aglomerados passadiços, percorreu um trecho longo, separando-se dos outros desplantados, antes de subir num monte de papel de equilíbrio precário e, desse, passar para outro mais alto. Suspirou aliviado e ajeitou um montinho de papel para servir de travesseiro. Deitou-se e depois fechou os olhos.

Então as luzes se acenderam em fileiras no teto do armazém e apitos agudos da polícia soaram por todos os lados bem como gritos guturais, que o encheram de terror.

— Pegue esse aí! Não deixe fugir!

— Este ladrão está no papo!

— Vocês, malditos desplantados, nunca mais roubarão outra cloropoldra! Vão ser mandados para as minas de sal de urânio em Ana-2!

E continuou: — Pegamos todos?...

Enquanto Bill permanecia deitado, agarrando-se desesperadamente aos impressos e com o coração pulando de terror, chegou a resposta finalmente:
— Sim, quatro. Há muito tempo vinham sendo vigiados e esperávamos agarrá-los se tentassem alguma coisa.

— Mas aqui só há três.

— Vi o quarto lá atrás. Estava sendo levado por um robô de limpeza, duro como um pedaço de pau.

— Perfeito. Então vamos.

O medo envolveu Bill novamente. Quanto tempo iria passar antes que um do grupo falasse e o denunciasse, para melhorar sua situação, dizendo aos tiras que acabavam de incorporar um novo recruta? Tinha de sair dali. A polícia toda parecia estar reunida agora em torno de onde haviam assado as salsichas e tinha de correr o risco.

Escorregando da pilha o mais silenciosamente possível, começou a fugir em direção oposta. Se não houvesse saída por aquele lado, estava enrascado... Não devia pensar assim! apitos soaram atrás dele e compreendeu que haviam começado a persegui-lo. A adrenalina fluiu aos borbotões para dentro de sua corrente sanguínea e saiu correndo para a frente, enquanto as ricas proteínas equinas das salsichas acrescentavam energia às suas pernas e imprimiam-lhes uma velocidade considerável. Viu uma porta à sua frente e atirou-se contra ela com todo o peso. Ela continuou imóvel por um instante e depois abriu-se, rangendo as enferrujadas dobradiças. Sem reparar no perigo, atirou-se por uma escada em caracol, descendo sempre, até chegar a outra porta, fugindo loucamente, só pensando em escapar.

Novamente, como um animal perseguido, atirou-se para baixo.

Não notou que as paredes estavam agora manchadas e cobertas de ferrugem em alguns lugares, nem pensou que era pouco habitual que tivesse de abrir uma aferrolhada porta de madeira. *Madeira* num planeta que não via uma árvore havia centenas de milhares de anos. O ar estava mais úmido e às vezes mal cheiroso. Sua apavorada corrida levou-o através de um túnel de pedra em que animais inomináveis fugiam diante dele, patinhando com suas malignas garras. Havia longos trechos condenados à eterna escuridão, onde era obrigado a achar seu caminho tateando, passando os dedos pelo viscoso e repugnante mofo que cobria as paredes. As luzes, quando as havia, brilhavam fracamente por trás dos montes de teias de aranha e cadáveres de insetos. Chapinhou em poças de água estagnada até que,

lentamente, o ar esquisito que o rodeava penetrou nele e fê-lo olhar em volta. No chão, sob seus pés, havia outra porta e, ainda impulsionado pelo ímpeto da fuga, abriu-a, mas não dava em lugar nenhum. Em vez disso, dava acesso a um depósito de uma espécie de metal granuloso, meio parecido com açúcar mascavo. Pensou que talvez fosse uma despensa com um material comestível. Inclinou-se, apanhou um pouco e levou à boca. Não, não era comestível. Cuspiu fora aquela coisa, embora sentisse algo familiar nela. Então lembrou-se.

Era pó. Terra. Chão. Areia. A coisa de que eram feitos os planetas, de que era feito *este planeta.* Era a superfície de Helior, sobre a qual repousava o incrível peso daquela cidade que circundava o mundo!

Olhou para cima e, durante um instante inenarrável, percebeu de repente todo aquele peso sobre sua cabeça, fazendo pressão e procurando esmagá-lo. Agora estava no fundo, no fundo de verdade, e obcecado por uma claustrofobia galopante. Dando um fraco gemido, disparou pelo corredor até que chegou a uma imensa porta selada e trancada. Por ali não havia saída. E quando viu a sombria espessura da porta, achou melhor não continuar por aquele caminho. Que inomináveis horrores podiam estar espreitando por trás de uma porta como aquela, situada no fundo do inundo?

Então, enquanto a olhava, paralisado e com os olhos escancarados, a porta rangeu e começou a abrir-se. Virou para deitar a correr, mas berrou muito alto, de terror, quando *algo* agarrou-o, com um apertão irresistível...

Cinco

Não que Bill não tentasse resistir à pressão, mas era impossível.

Agitou-se entre as garras de esquelética brancura que se aferravam a ele e tentou inutilmente arrancá-las dos seus braços. Durante todo esse tempo exalava débeis gemidos de desespero, como uma ovelhinha nas patas de uma águia. Agitando-se, sem sucesso, foi arrastado para trás, penetrando no fantástico portal que abriu-se sem intervenção de mão humana.

— Bem-vindo... — disso uma voz sepulcral e Bill cambaleou quando se viu livre, repentinamente, do apertão que o imobilizava.

Virou-se imediatamente, para enfrentar o grande robô branco, agora imóvel. Ao lado do robô estava um homenzinho de casaco branco, como uma enorme cabeça careca e uma expressão séria.

— Não precisa dizer seu nome — falou o homenzinho — a menos que queira. Eu sou o inspetor Jeyes. Veio à procura" de asilo?

— O senhor o oferece? — perguntou Bill, vacilante.

— Esse é um ponto interessante, muito interessante. Jeyes esfregou as mãos cheias de rugas, com um ruído seco e áspero.

— Mas não devemos agora — continuou — meter-nos em discussões teológicas, por mais tentadoras que possam ser e que são, garanto-lhe. Assim, acho que o melhor é o senhor fazer uma declaração. Sim, é o melhor. Aqui o senhor terá asilo... Veio para obtê-lo, não?

Bill, que naquele instante já se havia recuperado da emoção inicial, estava agindo com cautela, pois lembrava-se de todas as encrencas em que se metera por abrir sua bocarra.

— Olhe, não sei quem o senhor é, nem onde estou e nem o que me pedirá em troca desse asilo.

— Tem toda razão e garanto-lhe que o erro foi meu, pois tomei-o como um dos desplantados da cidade. No entanto, estou vendo que os farrapos que está vestindo foram, antigamente, uniforme de passeio de um soldado e que o pedaço de lata que carrega no peito é o que resta de uma nobre condecoração. Bem vindo a Helior, o Planeta Imperial.

E como vai a guerra?
— Bem, obrigado... Mas, por que tudo isto?
— Sou o inspetor Jeyes, do Departamento Municipal de Saúde Pública. Posso ver e, sinceramente, espero que perdoe minha indiscrição, que está em dificuldades, mal fardado, sem planta e talvez tenha mesmo perdido seu cartão de identificação.
Ficou observando os inquietos movimentos de Bill com. seus astutos olhos de pássaro.
— Mas não precisa ficar assim. Aceite o asilo. Atenderemos às suas necessidades, dar-lhe-emos um bom trabalho, um uniforme novo e até um novo cartão de identificação.
— Tudo o que tenho a fazer é converter-me num lixeiro! — resmungou Bill.
— Preferimos a designação Agentes de Saneamento — respondeu o inspetor Jeyes, com humildade.
— Pensarei no assunto — disse Bill, friamente.
— Posso ajudar-lhe a tomar uma decisão? — perguntou o inspetor, apertando um botão na parede.
O portal dentro do qual havia uma escuridão absoluta abriu-se novamente, rangendo, e o robô segurou Bill e começou a empurrá-lo.
— Asilo! — berrou Bill, fazendo uma careta quando o robô largou-o e a porta fechou-se outra vez. — Afinal de contas, eu ia pedir, não era preciso empurrar.
— Mil desculpas, mas queremos que se sinta feliz aqui. Bem-vindo ao DS. Mesmo correndo o risco de embaraçá-lo, posso perguntar-lhe se vai precisar de um novo cartão de identificação?
Muitos dos nossos recrutas preferem iniciar uma vida nova aqui no departamento e temos uma enorme quantidade de cartões a serem escolhidos. Não esqueça que, muitas vezes, recolhemos tudo, incluindo cadáveres e cestas de papéis usados, e ficaria espantado com o número de cartões que apanhamos assim. Se me fizer o favor de entrar neste elevador...
O DS tinha um monte de cartões, caixas e caixas deles, convenientemente arquivados por ordem alfabética. Não demorou muito e Bill encontrou um com uma descrição que se aproximava bastante da dele, tirado em nome de um tal Wilhelm Stuzzicadenti, e mostrou-o ao inspetor.
— Muito bem, fico contente de poder contar com você, Willy...
— Prefiro que me chame Bill.

—... e bem-vindo ao serviço, Bill. Há sempre falta de pessoal cá embaixo e poderá escolher o trabalho que desejar. Isto é, dependendo naturalmente do seu talento e do seu interesse. Quando pensa em limpeza, o que é que lhe vem à cabeça ?

— Sujeira.

O inspetor suspirou.

— Essa é a reação normal e eu havia esperado coisa melhor de você. A sujeira é uma das coisas com que nossa Divisão de Recolhimento tem de se haver. Também há a de Restos, Desperdícios e Porcaria. Além disso, há os outros departamentos independentes: Limpeza de Apartamentos, Reparação de Encanamentos, Investigação, Eliminação de Águas de Esgoto...

— Este me parece interessante. Antes de ter sido alistado a força, estava cursando a carreira de Operador Técnico em Fertilizantes, por correspondência.

— Mas que coisa maravilhosa! Precisa me contar mais sobre isso. Mas antes sente-se, fique à vontade...

Levou Bill para uma enorme poltrona forrada e virou-se para apanhar dois recipientes de plástico de um abastecedor: — ... e tome um Alto-Coice gelado enquanto conta.

— Não tenho muito o que contar, pois nunca pude ter- -minar minha carreira e parece que jamais conseguirei satisfazer minha ambição de trabalhar com fertilizantes. Talvez seu Departamento de Eliminação de Águas de Esgoto...

— Lamento, é uma coisa que me corta o coração pois, por assim dizer, quase coincide com sua especialidade, mas esse é um trabalho que não nos traz nenhum problema, uma voz que está quase totalmente automatizado. Estamos muito contentes com o nosso recorde no que se refere às águas de esgoto, porque é realmente enorme: você deve saber que há cerca de cento e cinquenta bilhões de pessoas em Helior...

— Uau!

— ... tem razão, posso ver no brilho dos seus olhos. Sim, é uma enormidade de águas de esgoto e espero ter a honra, breve, de mostrar-lhe nossa usina de beneficiamento. Mas lembre-se, onde há águas de esgoto tem de haver comida e com Helior importando toda sua alimentação, temos uma operação em circuito fechado, que é o sonho de um engenheiro de saneamento. As naves dos planetas agrícolas trazem o alimento fabricado que é entregue à população, onde sofre o que poderíamos chamar de

Corrente de Mando. Nós recolhemos os eflúvios e os processamos com os tratamentos habituais, físicos e químicos, bactérias anaeróbicas e similares... Não o estou aborrecendo?

— Não, continue, por favor... — disse Bill sorrindo e enxugando uma lágrima com as costas da mão. — É que estou me sentindo muito feliz. Há *tanto* tempo que não tenho uma conversa com gente inteligente...

— Posso muito bem imaginar. O serviço na tropa deve ser tão embotador...

Deu um tapa no ombro de Bill, como um gesto amistoso de boas-vindas.

— Esqueça tudo isso. Agora está entre amigos. Onde é que eu estava? Oh, sim, a.s bactérias. Então há a desidratação e a compressão.

Produzimos um dos melhores tijolos de fertilizante condensado de toda a galáxia civilizada e brigaria com o primeiro que ousasse contestar.

— E o senhor ganharia com certeza! — afirmou Bill, com entusiasmo.

— As esteiras rolantes e os elevadores levam os tijolos aos portos espaciais, onde são carregados nas astronaves, à. medida em que estas vão sendo esvaziadas de outros produtos. Carga por carga, é a nossa divisa. Ouvi dizer que em alguns planetas de solo pobre dão *vivas* quando as naves pousam. Não, não podemos nos queixar do nosso Departamento de Águas de Esgoto. São os outros departamentos os que nos dão trabalho.

O inspetor Jeyes esvaziou seu recipiente e continuou sentado, carrancudo. Sua alegria havia desaparecido tão rapidamente como chegara.

— Não, não faça isso! — berrou a Bill, quando este terminou de beber e fez o gesto de atirar o recipiente vazio no receptor de lixo da parede. Desculpou-se: — Não queria gritar dessa forma, mas o nosso grande, maior problema, é esse. Resíduos. Já pensou na quantidade de jornais jogados fora diariamente por cento e cinquenta bilhões de pessoas? Ou quantos recipientes não recuperáveis? Ou pratos de usar uma só vez? O departamento de pesquisas está trabalhando nesse problema dia e noite, mas não conseguimos solucioná-lo, É um pesadelo. Esse recipiente de Alto-Coice que você tem na mão é uma das nossas respostas, mas não passa de uma gota d'água no oceano.

Quando as últimas gotas do conteúdo evaporaram-se no recipiente, este começou a agitar-se obscenamente na mão de Bill que, apavorado, deixou-o cair no chão, onde continuou a se remexer, mudando de forma, desfazendo-se e achatando-se diante dos olhos dele.

— Temos de agradecer esta solução aos matemáticos — disse o inspetor. — Para um topólogo, um disco de vitrola, uma taça de chá ou um recipiente de bebida têm a mesma forma: um sólido com um orifício e cada um pode ser transformado no outro, por uma contínua mudança. Por isso criamos um plástico dotado de memória, que volta à sua forma original uma vez seco... ei-lo.

O recipiente havia parado de agitar-se e agora jazia tranquilo no chão, um disco chato e finamente sulcado, com um orifício no centro.

O inspetor Jeyes apanhou-o e arrancou o rótulo da Alco-Coice. Bill pôde, então, ler a etiqueta que havia por baixo: Amor em órbita, Boing! Boing! Boing! Cantado POR OS COLEÓPTEROS.

— Não é engenhoso? O recipiente transformou-se no disco de uma das mais aporrinhantes canções do momento, um objeto que nenhum viciado em Alco-Coice, pode, sem dúvida, jogar fora. É, portanto, apanhado e guardado carinhosamente e não atirado a uma lata de lixo para criar-nos outro problema.

O inspetor Jeyes pegou ambas as mãos de Bill e quando olhou fixamente os olhos do rapaz, os dele estavam bastante úmidos. — — Prometa-me que fará, Bill... que se dedicará à pesquisa. Temos falta de homens hábeis e treinados, que compreendam nossos problemas. Talvez não tenha terminado sua carreira de Operador Técnico em Fertilizantes, mas pode ajudar. Você é uma mente jovem, com ideias jovens, uma vassoura nova para ajudar a varrer as coisas, hem?

— Farei — disse Bill, com ar determinado. — A pesquisa nos esgotos é um troço em que um homem pode meter o dente.

— É tudo seu: casa, comida, uniforme e ainda um salário digno e todos os restos e imundícies que desejar. Nunca se arrependerá dessa decisão...

Uma atordoante sirena o interrompeu e, logo depois, um homem suado e excitado entrou correndo no local.

— Desta vez a coisa desandou mesmo, inspetor. O Operação Disco Voador falhou! Chegou um grupo da astronomia que está brigando com o nosso de pesquisa, rolando pelo chão como animais...

O inspetor Jeyes já estava na porta antes do mensageiro terminar e Bill correu atrás dele, atirando-se por uma rampa no seu encalço.

Pegaram uma esteira de cadeiras rolantes, mas era muito lenta para o inspetor, que saltava como um coelho de cadeira em cadeira, com Bill nos seus calcanhares. Então entraram num laboratório repleto de um completo

equipamento eletrônico e de homens que se agitavam e lutavam, rolando e esperneando numa confusão incrível.

— Parem já, parem! — berrou o inspetor, mas ninguém ouviu.

— Talvez eu possa ajudar — disse Bill. — Aprendemos no exército. Quem são os Agentes de Saneamento?

— Os de uniformes marrom.

— É o bastante.

Bill, zumbindo alegremente, misturou-se à ululante multidão e, com um soco aqui, um esmagamento de rins ali e talvez com uns golpes de caratê que esmagam a laringe, restaurou a ordem no local.

Nenhum daqueles agitados intelectuais tinha físico avantajado e Bill passou no meio deles como faca na manteiga. Então começou a retirar seus novos companheiros da confusão.

— Que foi, Basurero, que aconteceu? — perguntou o inspetor Jeyes.

— Foram eles, senhor. Entraram aqui gritando, mandando que acabássemos com a Operação Disco Voador, exatamente quando havíamos superado nosso recorde de eliminação, quando tínhamos achado que podíamos aceitar o dobro de entradas...

— O que é a Operação Disco Voador? — perguntou Bill, muito confuso por causa do que estava acontecendo.

Nenhum dos astrônomos havia voltado a si, embora alguns já começassem a gemer. Por isso o inspetor teve tempo para explicar a Bill, apontando para um gigantesco troço que ocupava todo um lado do local.

— Talvez seja a resposta ao nosso problema -- disse. —• São todos esses malditos pratos e copos elimináveis das comidas preparadas e o resto. Nem me atrevo a dizer-lhe quantos metros cúbicos foram acumulados! Talvez fosse melhor dizer quilômetros cúbicos. Mas Basurero estava, um dia, olhando uma revista e leu um artigo sobre um transmissor de matéria. Fizemos um pedido e compramos o maior modelo que encontramos. Ligamos esse transmissor à esteira rolante e aos carregadores ...

Abriu um painel ao lado da máquina e Bill viu uma torrente de objetos de plástico, usados, que entravam com grande velocidade.

— ... e metemos todos esses malditos desperdícios no lado de entrada da máquina e a partir daí ela funcionou como um sonho.

— Mas... — perguntou Bill — vão para onde? Onde está a saída do transmissor.

— É uma pergunta inteligente. Esse era o nosso grande problema.

No princípio, simplesmente lançávamos o lixo no espaço, mas a Astronomia disse que a maioria voltava como meteoros, estropiando as observações estelares. Aumentamos a energia e os atiramos mais longe, colocando-os em órbita, mas a Navegação disse que estávamos provocando dificuldades no espaço, criando um perigo para a navegação e ti vemos de ir mais longe. Finalmente, Basurero conseguiu da Astronomia as coordenadas da estrela mais próxima e a partir daí temos atirado nela o lixo sem problemas, ficando todos contentes.

— Seu burro — disse um dos astrônomos, por entre os lábios partidos, enquanto tentava ficar de pé. — Seus malditos desperdícios iniciaram uma *nova* naquela estrela! Não podíamos imaginar o que estava causando aquilo até que encontramos nos arquivos o seu pedido de informações e ficamos a par da operação idiota iniciada aqui embaixo...

— Cuidado com o que diz ou ponho você a dormir outra vez, sou cretino! — resmungou Bill.

O astrônomo recuou e ficou pálido. Depois continuou, num tom mais ameno: — Olhem, precisam compreender o que aconteceu. Não podem continuar a lançar todos esses átomos de carbono e hidrogênio num sol e esperar que não aconteça nada. A coisa virou uma *nova,* e me disseram que não houve tempo para evacuar totalmente umas bases dos planetas inferiores.

— A eliminação de desperdícios não se faz sem perigos. Pelo menos morreram prestando um serviço à humanidade.

— Bom, dizer isso é fácil. O feito está feito. Mas têm de suspender a Operação Disco Voador. Imediatamente!

— Por quê? — perguntou o inspetor Jeyes. — Tenho de admitir que esse pequeno problema na *nova* não estava previsto, mas aconteceu e não podemos fazer muito a esse respeito. E ouviram Basurero dizer que quase havia dobrado a entrada e que breve recuperaríamos o tempo perdido...

— Por que acha que dobrou a capacidade de eliminação?

— resmungou o astrônomo. — Vocês tornaram essa estrela tão instável que está consumindo tudo, a ponto de se converter numa *supernova,* que não só destruirá todos os seus planetas, mas cujos efeitos chegarão até Helior e seu sol. Pare imediatamente sua máquina infernal!

O inspetor deu um suspiro e depois agitou a mão, com ar cansado mas, apesar disso, definitivo.

— Desligue-a, Basurero... Eu devia ter imaginado que isto era bom demais para durar.

— Mas, senhor — o volumoso engenheiro estava apertando as mãos com desespero, vamos voltar para onde começamos. Vai tornar a se amontoar outra vez...

— Faça o que estou mandando!

Com um suspiro resignado, Basurero arrastou-se até c painel de comando e torceu um comutador. O barulho característico das esteiras rolantes cessou e os geradores pararam de zumbir, voltando ao silêncio. Espalhados pelo local, os homens da limpeza reuniram-se em grupos silenciosos e deprimidos, enquanto os astrônomos voltavam a si e ajudavam uns aos outros a sair da sala. Quando o último saiu, virou-se e, arreganhando os dentes, cuspiu a palavra: — Lixeiros!

Uma chave-inglesa atirada contra ele atingiu a porta fechada. A derrota havia sido completa.

— Bem, não se pode ganhar sempre — disse energicamente o inspetor Jeyes, embora suas palavras soassem ocas.

— Apesar de tudo, Basurero, trago-lhe sangue novo. Este é Bill, um jovem cheio de ideias brilhantes para sua equipe de pesquisas.

— Muito prazer — disse Basurero, fazendo desaparecer a mão de Bill dentro de uma das suas manoplas.

Era um homem enorme, troncudo, alto e forte, de pele azeitonada e cabelo preto, que caía quase até os ombros.

— Venha, vamos comer um pouco e enquanto isso lhe explicarei como estão as coisas e você me falará de si.

Caminharam pelos primitivos corredores do DS, com Bill contando sua vida ao novo chefe. Basurero ficou tão interessado nela, que enganou-se ao dar uma volta e abriu uma porta sem olhar.

Desmoronou uma torrente de potes e bandejas, que chegou-lhes até os tornozelos, antes que pudesse forçar a porta a fechar-se de novo.

— Está vendo? — disse a Bill, com raiva mal contida.

— Estamos inundados. Já usamos todo o espaço disponível para armazenamento e as coisas continuam amontoando-se. Juro por Krishna que não sei o que vai acontecer. Já não temos mais lugar para por nada.

Tirou do bolso um apito de prata e soprou com força. Não se ouviu qualquer som. Bill afastou-se um pouco, olhando-o com desconfiança, e Basurero fez-lhe uma careta.

— Não faça essa cara de medo... ainda não perdi nenhum parafuso.

Este é um Apito Supersônico para Robô.-;, que produz um som demasiadamente agudo para os ouvidos humanos, mas que os robôs podem perfeitamente ouvir... está vendo?

Com um barulho de rodas, um robô-lixeiro, um rolix, chegou rapidamente e, com movimentos velozes dos braços apanhadores, começou a empurrar todo o lixo plástico de volta ao depósito.

— Esse apito é uma grande ideia — comentou Bill. — Gosto de poder chamar um robô quando preciso dele. O senhor acha que posso ter um, agora que sou Agente de Saneamento, como os outros e o senhor?

— Eles são coisa muito especial — disse Basurero, entrando na cantina, desta vez pela porta certa. — São difíceis de conseguir, sabe?

— Não, não sei. Ganharei um ou não?

Basurero ignorou-o. Ficou absorvido olhando o cardápio e depois marcou um número. A comida preparada e congelada saiu pelo fornecedor e ele a empurrou até o radar aquecedor.

— Então? — perguntou Bill.

— Se lhe interessa tanto — explicou Basurero, meio sem jeito — saiba que os tiramos dos embrulhos de cereais. Trata-se, na realidade, de apitos para cachorros, dados como brindes às crianças consumidoras. Vou mostrar-lhe onde fica o entulho das caixas e você poderá apanhar um.

— Vou apanhar, sim. Também quero chamar robôs. Levaram as refeições, agora quentes, para uma das mesas e, entre garfadas, Basurero amaldiçoou a bandeja de plástico na qual estava comendo, furando-a com raiva no fim.

— Veja isto — disse — estamos contribuindo para a nossa própria perdição. Espere para ver como se amontoam, agora que desligamos o transmissor de matéria.

— Já pensaram em atirá-las ao mar?

— O Projeto Grande Esguicho está trabalhando nesse sentido. Não posso lhe falar muito a respeito dele porque é ultrassecreto. É preciso não esquecer que os mares deste planeta estão cobertos, como todos os demais, e que, nos dias atuais, a água já virou um verdadeiro pirão.

Jogamos nela lixo que pudemos durante um tempo incrível, a ponto do seu nível ficar tão elevado que as ondas chegavam às escotilhas de inspeção, na maré alta. Continuamos jogando, mas num ritmo muito mais lento.

— E isso é possível como? — perguntou Bill, assombrado.

Basurero olhou cuidadosamente ao redor, depois inclinou-se por cima da mesa, colocou o indicador no nariz, piscou um olho, sorriu e fez *chisss,* baixinho.

— É segredo? — interrogou Bill.

— Não há a menor dúvida. A Meteorologia cairia em cima de nós se soubesse. O que fazemos é evaporar e condensar a água e tornar a atirar o sal no mar. Além disso, ajeitamos certas canalizações para que *funcionem em sentido contrário!* Quando sabemos que está chovendo no telhado, bombeamos nossa água e a deixamos misturar-se com a chuva. Os da Meteorologia já estão meio malucos. A cada ano, desde que iniciamos o Projeto Grande Esguicho, houve um incremento da densidade da chuva nas zonas temperadas, da ordem de setenta e cinco centímetros, e cai tanta neve nos polos que alguns dos níveis superiores estão desmoronando sob o peso dela. Mas é preciso eliminar o lixo! Continuaremos sempre varrendo! Não conte a ninguém: como lhe disse, é segredo.

— Nem uma palavra, embora seja, realmente, uma grande ideia.

Sorrindo com orgulho, Basurero limpou a bandeja e, atirando-a para a frente, introduziu-a por um receptor de desperdícios na parede.

Mas, ao fazê-lo, caíram sobre a mesa, em cascata, outras catorze bandejas.

— Não lhe disse? — rangeu os dentes, ficando instantaneamente deprimido. — Aqui é onde tudo vem parar. Estamos no fundo e tudo o que jogam nos outros níveis acaba aqui. Estamos sendo invadidos, sem que tenhamos onde guardar, nem forma de eliminar. Agora terei de correr. Será preciso por em ação imediatamente o Plano de Emergência Grande pulga.

Levantou-se e Bill o acompanhou até a porta. — O Grande Pulga também é secreto?

— Deixará de ser assim que vier à tona. Subornamos um inspetor do Departamento de Saúde para que diga ter encontrado provas de que um dos dormitórios, um dos maiores, está infestado de insetos. Um dos que têm um quilômetro de comprimento, por um quilômetro de largura e um quilômetro de altura. Pense só: um bilhão de metros cúbicos de espaço de armazenamento não utilizado. Tirarão todos de lá para desinfetar o local e antes que consigam voltar já teremos enchido aquilo de bandejas de plástico.

— E ninguém protestará?

— Claro que haverá protestos! Mas vai servir para quê?

Atiraremos a culpa num erro departamental e diremos que enviem o protesto pelos canais competentes. E, *neste* planeta, os canais competentes são realmente complicados. A gente tem de se acostumar com uma demora de dez a vinte anos para a tramitação de qualquer coisa. Esta é a sua sala — apontou para uma porta aberta. — Fique à vontade e estude os arquivos. Vamos ver se lhe ocorre alguma ideia para o próximo turno.

Afastou-se rapidamente.

Era uma sala pequena mas Bill ficou orgulhoso dela. Fechou a porta e ficou admirando os arquivos, a mesa, a cadeira giratória, a lâmpada, tudo aquilo construído com uma enorme variedade de garrafas velhas, potes, caixas, bandejas e coisas assim. Mas tinha muito tempo para desfrutar tudo aquilo. Agora era por-se ao trabalho.

Abriu a gaveta superior de um arquivo e ficou olhando o cadáver de roupa preta, barba cerrada e rosto branco que estava metido nela.

Fechou-a de um safanão e saiu correndo. — "Vamos, vamos", disse para si mesmo, com firmeza. "Soldado, você já viu bastantes cadáveres anteriormente para ficar nervoso à vista deste."

Voltou, puxou de novo a gaveta e o cadáver abriu uns olhos enormes, remelentos e fixou-os intensamente em Bill.

Seis

— O QUE é que o senhor está fazendo dentro do meu arquivo? — perguntou Bill ao homem, quando este saiu, estirando os endurecidos músculos.

Era baixinho e sua roupa desbotada e amarrotada passara de moda havia muito tempo.

— Precisava ver o senhor... em particular. Esta é a melhor maneira. Sei por experiência própria. Ficou zangado?

— Quem é o senhor?

— Todos me chamam de Xis.

— X?

— O senhor descobriu logo, é muito inteligente.

Um sorriso percorreu-lhe os lábios, o tempo suficiente para Bill poder ver os restos enegrecidos dos seus dentes. O sorriso sumiu com a mesma rapidez com que apareceu.

— O senhor é exatamente o tipo de homem de que precisamos no Partido, um homem de futuro.

— Que partido?

— Não faça muitas perguntas, para não se meter em encrencas. A disciplina é estrita. Fure a mão para poder fazer o juramento de sangue.

— Para quê?

Bill olhou fixamente para o homem, na espera de algum movimento suspeito.

— O senhor odeia o Imperador, que o escravizou no seu exército fascista. O senhor é um homem livre, amante da liberdade e temente a Deus, disposto a dar a vida para salvar seus entes queridos. O senhor está disposto a unir-se à luta, à gloriosa revolução que libertará...

— Para fora! — berrou Bill, agarrando-o pela roupa e empurrando-o para a porta.

X desvencilhou-se dele e correu para trás da mesa.

— Atualmente, o senhor não passa de um lacaio dos criminosos, mas liberte sua mente das cadeias, lendo este livro — algo flutuou até o chão — e pense. Voltarei.

Quando Bill pulou sobre ele, X fez qualquer coisa com a parede, abrindo-se nela um painel por onde ele sumiu. O painel tornou a fechar-se com um clique e quando Bill foi olhar de perto não pôde achar qualquer marca ou sinal na superfície, aparentemente sólida.

Com dedos trêmulos, apanhou o livro e leu o título: Sangue, um Guia da Revolução Armada para os LEIGOS. Pálido, atirou-o para um lado.

Mais tarde tratou de queimá-lo mas as páginas eram não inflamáveis.

Também não pôde rasgá-las e a tesoura ficou cega sem conseguir cortar uma só folha. Desesperado, acabou por jogá-lo para trás do arquivo e esquecer que estava lá.

Após a calculada e sádica escravidão do serviço militar, trabalhar honestamente com o lixo foi para Bill um enorme prazer. Mergulhou nas suas tarefas e ficou tão concentrado que nem percebeu que a porta fora aberta. Por isso tomou um susto quando o homem falou: — Este é o Departamento de Saúde Pública?

Bill ergueu os olhos e deu de cara com o rosto rubicundo do recém-chegado, olhando por cima da imensa pilha de bandejas de plástico que sustentava nos braços. Sem olhar para trás, o homem fechou a porta com um pontapé e, sob a pilha de bandejas, surgiu outra mão com uma pistola.

— Se fizer um movimento, mato-o — ameaçou.

Bill sabia contar tão bem quanto qualquer um. Como duas mãos mais uma somam três, resolveu fazer um movimento que valesse a pena, ou seja, deu um pontapé no monte de bandejas, para que batesse no queixo do pistoleiro e o atirasse para trás. As bandejas caíram e antes de que a última tivesse chegado no chão, Bill já estava sentado nas costas do homem, torcendo o pescoço dele com o mortal golpe venusiano que podia fraturar a espinha dorsal como se fosse um palito de fósforo.

— Tio... — gemeu o homem. — Onkle, zio, uncle, ujak!...

— Suponho que todos vocês, espiões chingers, falam montes de línguas — respondeu Bill, aumentando a pressão.

— Mim... ser... amigo — gargarejou o homem.

— Você chinger. Ter três braços.

O homem tremeu um pouco mais e um dos braços saltou, apanhou-o para examiná-lo melhor, jogando primeiro a pistola para um canto afastado.

— É um braço falso — disse Bill.

— Só podia ser — respondeu o homem, com voz rouca, fazendo massagem no pescoço com as duas mãos verdadeiras. — É parte do disfarce. Funciona bem. Posso carregar alguma coisa e ainda continuar tendo uma mão livre. Por que o senhor não *se* juntou à revolução?

Bill começou a suar e a olhar de soslaio para o arquivo que ocultava o perigoso livro.

— Não estou entendendo... Sou fiel partidário do Imperador...

— É? Então por que não comunicou à A.G.I. que o homem chamado X veio procurá-lo para trabalhar na causa?

— Como sabe disso?

— É nossa obrigação saber tudo. Eis minha identificação: agente Pinkerton, da Agência Galáctica de Investigações.

Apresentou-lhe um cartão de identificação incrustado de pedras, com fotografia em cores e tudo o mais.

— Simplesmente não queria me meter em encrencas — gemeu Bill. — Foi apenas por isso. Não incomodo ninguém e não quero que ninguém me incomode.

— É um nobre sentimento... para um *anarquista*! Rapaz, você é anarquista?

Seus olhos escarafuncharam Bill insistentemente.

— Não, isso não! Nem sei como se escreve a palavra!

— Espero que não saiba mesmo. Você é um bom rapaz e eu prefiro que continue assim. Vou dar-lhe outra oportunidade. Quando vir novamente o X, diga-lhe que mudou de ideia e que quer entrar para o Partido. Você entrará e trabalhará para nós. Toda vez cm que houver uma reunião, você me telefonará na volta. Meu número está escrito neste pedaço de açúcar-cândi.

Atirou um embrulho sobre a mesa. - Decore-o e depois coma-o.

Está tudo bem claro?

— Não. Não quero fazer isso.

— Vai fazer ou será fuzilado em menos de uma hora por ajudar o inimigo. Durante o tempo em que nos der informações, receberá cem mangos por mês.

— Adiantados?

— Adiantados.

O monte de notas caiu sobre a mesa.

— Estes são os do mês que vem. Trate de fazer jus.

Pendurou o braço sobressalente no ombro, apanhou as bandejas e saiu.

Quanto mais Bill pensava naquilo, mais nervoso ficava ao ver a encrenca em que se havia metido. A última coisa que desejava era se envolver numa revolução, logo agora que havia conseguido paz, segurança e uma quantidade ilimitada de lixo. Mas não queriam deixá-lo sossegado. Se não entrasse para o Partido, a A.G.I. não o deixaria cm paz e uma vez que sua identidade fosse descoberta, podia considerar-se um homem morto. Mas havia ainda a possibilidade de que X se esquecesse dele o não voltasse. E, se não lhe pediam, como ia entrar para o Partido? Agarrou-se a esta fraca palhinha e mergulhou no trabalho para esquecer seus problemas.

Teve seus esforços quase imediatamente recompensados no Arquivo de Desperdícios. Depois de uma cuidadosa verificação, convenceu-se de que sua ideia não havia sido experimentada antes.

Levou menos de uma hora reunindo o material de que necessitava e, menos de três horas mais tarde, depois de interrogar a todos os que encontrava e caminhar quilômetros e mais quilômetros, conseguiu achar o escritório de Basurero. - Agora procure o caminho de volta para sua própria sala — rosnou Basurero — pois está vendo que estou ocupado.

Com os dedos contraídos, pôs três polegadas de Velho Veneno Orgânico num copo e bebeu-as de um trago.

— Você pode esquecer seus problemas...

— E que é que você acha que estou fazendo? Suma!

— Não antes de mostrar-lhe isto. É uma *nova* maneira de se ver livre das bandejas de plástico.

Basurero cambaleou ao se por em pé o a garrafa caiu ao chão, sem que ele procurasse evitar, começando o conteúdo dela a comer o revestimento de teflon.

— No duro? Mesmo? Você tem uma nova solução?...

— No duro.

— Preferia não ter de fazer isto...

Basurero estremeceu e apanhou na estante uma jarra com o rótulo Sóbrio-Efeito, a Original Cura Instantânea para a Embriaguez — Não Deve Ser Tomado sem Receita Médica e sem Apólice de Seguro de Vida. Apanhou dentro dela uma pílula pintalgada, do tamanho de uma noz, olhou-a, estremeceu e depois engoliu-a com um *gulp* de dor. Seu corpo inteiro começou instantaneamente a vibrar e fechou os olhos quando alguma coisa

fez *gmmmmff* bem no fundo dele. Então surgiu uma tênue coluna de fumaça dos seus ouvidos. Quando reabriu os olhos, estavam de uma brilhante cor escarlate, mas sóbrios.

— Que foi que houve? — perguntou, com voz rouca.

— Você sabe o que é isto? — disse Bill, atirando um enorme livro sobre a mesa.

— A lista telefônica da cidade de Storhestelortby, em Prócion-III, como está escrito na capa.

— Você sabe quantas listas velhas nós temos?

— Minha mente recusa-se a pensar nisso. Mudam continuamente e recebemos as velhas. Que é que tem?

— O que tem é o que eu vou lhe mostrar. Você tem algumas bandejas de plástico?

— Você está brincando?

Basurero abriu um armário c centenas de bandejas esparramaram-se pelo chão.

— Formidável. Agora vou juntar algumas coisas mais: um pouco de papel de embrulho, barbante e papelão daquele monte de lixo e já temos tudo de que precisamos. Se você chamar um robô de serviços gerais, poderei demonstrar a segunda etapa do meu plano.

— Para um S-G-bô são dois longos e um curto.

Basurero apitou com força no seu apito silencioso e imediatamente começou a gemer agarrando a cabeça com as mãos até que esta parou de vibrar. A porta escancarou-se e apareceu nela um robô cujos braços e tentáculos vibravam, esperando. Bill apontou.

— Trabalha, robô. Apanha cinquenta dessas bandejas, embala-as em papelão e papel e amarra o embrulho muito bem com este barbante.

Zumbindo de felicidade eletrônica, o robô movimentou-se e, um momento mais tarde, achava-se no chão um embrulho perfeito. Bill abriu a lista telefônica ao acaso e apontou um nome.

— Agora põe o endereço que estou mostrando, classifica o embrulho como "presente grátis, sem impostos"... e manda-o pelo correio!

De um dos dedos do robô surgiu um rotulador, com o qual colou rapidamente o endereço no embrulho, pesou-o, usando um dos braços como balança, selou-o com a máquina da escrivaninha de Basurero e atirou-o habilmente pelo orifício da parede. Ouviu-se o *schluff* produzido pelo ar, quando o tubo pneumático levou o embrulho para os níveis superiores.

Basurero ficou de boca aberta todo o tempo em que as cinquenta bandejas levaram para desaparecer. Então Bill completou a explanação : — O trabalho robótico para embrulhos é gratuito, os endereços são grátis, o mesmo acontecendo com o material de embalagem. Acresce ainda o fato de que, sendo esta uma repartição do governo, o *correio é gratuito,* — Você tem razão... vai dar certo! Um plano muito bem imaginado. Vou pô-lo em ação imediatamente e em grande escala.

Inundaremos a galáxia habitada com essas malditas bandejas. Não sei como lhe agradecer...

— Que lhe parece uma gruja em erva viva?...

— Ótima ideia. Vou lhe dar um cheque agora mesmo. Bill voltou para sua sala com a mão ainda doendo dos apertões de felicitações e com os ouvidos ainda vibrando com as palavras de agradecimento.

Era um mundo maravilhoso para se viver. Fechou a porta com um safanão e sentou-se à sua mesa, antes de perceber que um enorme e andrajoso sobretudo preto pendia atrás da porta. Viu logo que era a capa de X. Reparou imediatamente que uns olhos o fixavam da escuridão da gola do sobretudo e seu coração parou ao compreender que X havia voltado.

Sete

X, enquanto procurava livrar-se do cabide, fez-lhe uma pergunta: — Mudou de ideia a respeito de entrar para o Partido? Bill respondeu, trêmulo, por causa da consciência culpada: — Tenho andado pensando nisso.

— Pensar é agir. Devemos eliminar o fedor das sanguessugas fascistas dos narizes dos nossos seres queridos e dos nossos lares.

— Convenceu-me. Entrarei.

— A lógica sempre vence. Assine este papel, ponha uma gotinha de sangue aqui e levante a mão enquanto digo o juramento secreto.

Bill ergueu a mão e os lábios de X moveram-se silenciosamente.

— Não o estou ouvindo — queixou-se Bill.

— Já lhe disse que é um juramento secreto. Você só tem de dizer *sim.*

— Sim.

X beijou-lhe calorosamente ambas as faces.

— Bem-vindo à Gloriosa Revolução. Agora vamos à reunião secreta. Está na hora de começar.

X correu para a parede dos fundos e passou o dedo pela pintura, apertando de maneira especial em alguns lugares. Ouviu-se um clique e abriu-se uma porta secreta. Bill olhou desconfiado a escura e úmida escada que descia.

— Onde vai dar isto?

— Na célula, onde havia de ser? Siga-me, procurando não se perder. Estas são catacumbas milenares, desconhecidas dos habitantes da cidade lá em cima, e nelas habitam Seres, desde tempos imemoriais.

Havia tochas num nicho da parede e X apanhou uma,, acendeu-a e abriu caminho por entre a repugnante e úmida escuridão. Bill acompanhou-o, seguindo a bruxuleante e enfumaçada luz, enquanto serpenteavam através de cavernas que ameaçavam ruir, tropeçando em trilhos enferrujados num túnel, e chapinhando numa água escura que lhes chegava até acima dos joelhos. Numa ocasião, ouviram o arranhar de garras gigantescas muito

perto deles e uma áspera voz inumana falou-lhes da escuridão: — Carni... — disse.

— ...ficina — respondeu X.

Depois sussurrou no ouvido de Bill, quando haviam passado sem dificuldade: — É uma excelente sentinela. É um antropófago de Dap-drof, que come logo o cara se ele não diz o santo e senha do dia.

— E qual é o santo e a senha? — perguntou Bill, achando que estava trabalhando demais pelos cem mangos por mês da A.G.I..

— Nos dias ímpares é Carnificina, nos pares é Delendit est Carthago e sempre aos domingos é Necrofilia.

— Vocês não tornam as coisas fáceis para os membros.

— O antropófago sente fome e temos de mantê-lo satisfeito. Agora... silêncio, absoluto. Apagarei a luz e pegarei seu braço.

A luz apagou-se e uns dedos cravaram-se profundamente no bíceps de Bill. Caminharam tateando durante um tempo que pareceu interminável, até que uma luz foi vista na distância. O chão do túnel tornou-se plano e Bill viu uma porta iluminada por uma luz bruxuleante. Virou-se para seu companheiro e gritou: — Quem é você?

A pálida, branca e claudicante criatura que lhe segurava o braço virou-se lentamente para encará-lo, pousando nele olhos que pareciam ovos escalfados. Sua pele era lívida e supurada,, a cabeça era totalmente desprovida de cabelos, tinha por toda vestimenta um só pedaço de fazenda enrolado na cintura e . tinha na testa, gravado a fogo, a letra escarlate A.

— Sou um androide — disse com voz surda — como qualquer imbecil pode ver, lendo a letra A na minha testa. Os homens me chamam de Ghoulem.

— E como é que as mulheres o chamam?

O androide não respondeu à piada insossa e empurrou Bill por uma porta para uma ampla sala iluminada com tochas. Bill deu uma espiada em volta com os olhos esbugalhados e tratou de fugir, mas o androide estava bloqueando a porta.

— Sente-se — disse para Bill, que obedeceu.

Sentou-se entre a mais assombrosa coleção de tipos raros, estranhos e salafrários jamais reunidos. Havia ainda homens de aspecto muito revolucionário, com barbas, chapéus pretos e pequenas bombas redondas com pavios compridos e mulheres revolucionárias de saias curtas, meias pretas, cabelo comprido, piteiras, sutiãs de alças partidas e mau hálito.

Havia robôs revolucionários, androides e uma série de coisas estranhas que é melhor não descrever. X sentou-se numa mesa de madeira de cozinha, batendo na tampa com a culatra do revólver.

— Ordem! Ordem! O camarada XC-189-725-PU da Resistência Unificada de Robôs tem a palavra. Silêncio!

Um grande e amassado robô pôs-se de pé. Um dos seus tubos oculares havia desaparecido. Olhou a assembleia com o olho bom, fez o melhor trejeito que pôde com seu rosto imóvel e logo depois tomou um grande gole de óleo de máquina de uma lata que lhe foi entregue por um magro e adulador robô barbeiro.

— Nós, da R.U.R. — disse, com voz áspera — conhecemos nossos direitos. Trabalhamos duro e valemos tanto quanto outro qualquer e mais que os androides, esses barriga de peixe que se dizem tão bons quanto os homens. Tudo o que queremos é igualdade de direitos, igualdade de direitos...

Foi obrigado a voltar ao seu lugar sob uma vaia de uma claque de androides que agitava seus pálidos e finos braços como um punhado de espaguete na água. X bateu pedindo ordem e quase havia conseguido quando houve uma repentina agitação numa entrada lateral e alguém abriu caminho até a mesa do presidente. Na verdade, não era alguém, mas alguma coisa. Para ser exato, tratava-se de uma caixa retangular, com rodas, repleta de luzes, dials e interruptores, arrastando atrás dela um pesado cabo que desaparecia pela porta aberta.

— Quem é você? — perguntou X, apontando a pistola desconfiadamente para a coisa.

— Sou o representante dos computadores e cérebros eletrônicos de Helior, que se uniram para obter igualdade de direitos em face da lei.

Ao mesmo tempo em que falava, a máquina escrevia as palavras em cartões perfurados, que surgiam numa corrente contínua, a quatro palavras por cartão. X, irritado, varreu da mesa os cartões.

— Você deve esperar sua vez, como os outros — disse.

— Discriminação! — berrou a máquina com tal violência que as tochas bruxulearam.

Continuou gritando e cuspindo uma torrente de cartões, cada um contendo, em letras raivosas, a palavra DISCRIMINAÇÃO !!! bem como metros e metros de fita amarela, com a mesma mensagem gravada. O velho robô XC-189-725-PU levantou-se de sua cadeira com um ranger de

engrenagens gastas e capengou até o cabo blindado que surgia do representante dos computadores. Suas tesouras mecânicas deram um só talho e o cabo ficou secionado. As luzes da caixa apagaram-se e o rio de cartões secou. O cabo secionado sacolejou, cuspiu algumas fagulhas pela parte cortada e logo foi para trás, em direção à porta, como uma serpente monstruosa, desaparecendo.

— A reunião precisa de ordem! — gritou X, com voz rouca, e martelou novamente.

Bill apertou a cabeça entre as mãos e ficou pensando se aquilo valia os magros cem mangos por mês.

Mas cem mangos por mês era dinheiro, apesar de tudo, e Bill economizou-o até o último centavo. Meses fáceis e tranquilos foram passando, nos quais assistiu regularmente às reuniões e também informou regularmente à A.G.I.. No primeiro dia de cada mês encontrava seu dinheiro recheando o pastel de ovos que escolhia para o almoço. Guardava as notas engorduradas dentro de um gato de borracha que achou num monte de lixo e, pouco a pouco, o gatinho cresceu. A revolução ocupava apenas uma pequena parte do seu tempo e gostava do trabalho que executava no DS. Estava encarregado da Operação Embrulho Surpresa e tinha agora um grupo de mil robôs trabalhando em regime de tempo integral na tarefa de embrulhar e remeter bandejas de plástico para cada planeta da galáxia. Pensava nele como um trabalho útil e podia imaginar os emocionados gritos de alegria no remoto planeta Remota ou no distante planeta Distanta, quando o inesperado embrulho chegasse e o custoso, belo, brilhante e bem modelado plástico caísse estrepitosamente no chão. Mas Bill estava vivendo num falso paraíso c sua complacência bovina foi cruelmente despedaçada um dia, quando um robô aproximou-se e sussurrou-lhe ao ouvido: — Sic temper tiranossauro, passe adiante — e foi embora.

Era a senha. A revolução ia começar!

Oito

Bill fechou a porta do escritório e, pela última vez, apertou de uma forma especial alguns locais da parede. O painel secreto deslizou, abrindo-se. na realidade, não deslizava mais. Desmoronava-se com um barulho infernal, pois naquele ano feliz como agente de saneamento, usara-o tanto que até quando estava fechado deixava passar uma corrente de ar tão forte que lhe atingia o cangote. Mas não era mais necessário manter o segredo. a crise que tanto o preocupava havia chegado ao fim e sabia que grandes mudanças se aproximavam, fosse qual fosse o resultado da revolução. E a experiência lhe havia ensinado que as mudanças eram sempre para pior. com pernas pesadas e trôpegas, arrastou-se pelas cavernas, tropeçou nos trilhos enferrujados, atravessou a água e deu a contrassenha ao invisível antropófago que falava com a boca cheia, fazendo com que Bill quase não o entendesse. Alguém, na excitação do momento, tinha dado o santo e a senha errados. Bill estremeceu. Era um mau presságio para os dias que viriam.

Como de costume, Bill sentou-se entre os robôs, tipos com uma boa educação obsequiosa, apesar das tendências revolucionárias.

Enquanto X martelava pedindo silêncio, Bill preparou-se para a provação. Havia meses que o agente Pinkerton vinha lhe pedindo informações mais importantes que as datas de reunião, ordem do dia discutida e número de participantes. Fatos, fatos, fatos, dizia elo, alguma coisa que justificasse o dinheiro pago.

— Quero fazer uma pergunta.

Bill falara em voz alta mas trêmula, e suas palavras caíram como bombas no súbito silêncio que se seguiu ao frenético martelar de X.

— A hera não é de perguntas — respondeu X, com impaciência.

— A hora é de ação.

— Não me importo de agir — disse Bill, nervosamente consciente de que todos os olhos, humanos, eletrônicos ou criados em provetas, estavam fixos nele. — Mas quero saber para quem vou lutar. Você nunca nos disse quem vai substituir o Imperador, quando este desaparecer.

— Nosso líder é um homem chamado X. É tudo quanto precisa saber.

— Mas esse também é o *seu* nome!

— Você está finalmente adquirindo rudimentos da Ciência Revolucionária. Todos os chefes de células chamam-se X para confundir o inimigo.

— Não sei se isso confunde ou não o inimigo, mas a mim confunde, e muito.

— Você fala como um contrarrevolucionário — berrou X.

Apontou um revólver para Bill e as filas de trás se esvaziaram, quando todos se apressaram a sair da mira.

— Não sou! Sou tão bom revolucionário como qualquer um aqui... Viva a Revolução!

Fez a saudação do Partido — as duas mãos entrelaçadas acima da cabeça — e sentou-se apressadamente. Todos os outros repetiram o gesto e X, mais calmo, apontou o cano da arma para um grande mapa pendurado na parede.

— Esse é o objetivo da nossa célula: a Estação Elétrica Imperial, no Largo Chauvinistik. Vamos nos concentrar perto. dela, em grupos, e depois nos juntaremos para um ataque coletivo às dezesseis horas.

Não se espera resistência, pois a estação não está guardada. Vocês receberão, ao sair, tochas e armas, bem como instruções impressas sobre a rota a seguir até os pontos de encontro, o que ajudará os desplantados. Alguma pergunta?

Engatilhou o revólver o apontou-o para o encolhido Bill.

— Excelente. Vamos ficar de pé e cantar o Hino Para uma Gloriosa Revolta.

Num coro de que participavam vozes e alto-falantes, cantaram:

De pé, oh prisioneiros da burocracia,
Desgostosos operários de Helior,
De pé e façamos a Revolução,
Com pistolas, picaretas e garras!

Animados por este entusiástico e monótono exercício, saíram em lentas filas, apanhando seu equipamento revolucionário. Bill pôs no bolso as

instruções impressas, colocou no ombro a tocha e sua pistola de raio de pederneira e apressou-se uma vez mais a longo dos corredores. Quase não tinha tempo para a longa viagem até o local de encontro e antes devia informar a A.G.I..

Isto era mais fácil dizer que fazer e começou a suar enquanto discava o número outra vez. Era impossível conseguir linha e sempre se ouvia o sinal de ocupado. Ou as mesmas estavam sobrecarregadas ou os revolucionários já haviam começado a interferir nas comunicações. Suspirou, tranquilo, quando as feições carrancudas de Pinkerton encheram a tela minúscula.

— Que é que há?

— Descobri o nome do líder da revolução. É um homem chamado X.

— E quer uma recompensa por isso, idiota? Essa informação há seis meses está nos arquivos. Mais alguma coisa?

— Bem... a revolução vai começar às dezesseis horas e pensei que o senhor ia gostar de saber.

Isto dirá a ele o que eu valho, pensou. Pinkerton bocejou.

— Só isso? Para seu conhecimento, digo-lhe que essa informação já está superada. Você não é o nosso único espião, embora seja provavelmente o pior. Agora ouça. Escreva em algum lugar para não esquecer. Sua célula tem de atacar a Estação Elétrica Imperial. Vá com eles até o Largo e procure uma loja com o letreiro Presuntos Congelados Kosher Ltda., que é o disfarce do nosso grupo. Vá até lá e apresente-se a mim, compreendeu?

— Compreendi.

A ligação foi cortada e Bill procurou um pedaço de papel de embrulho e um barbante, para guardar a tocha e a pederneira até o momento de usá-las. Tinha de se apressar. Faltava pouco para a hora zero, a distância a percorrer era grande e o trajeto muito complicado.

— Quase chegou tarde — disse-lhe Ghoulem, o androide, quando Bill tropeçou para dentro do corredor sem saída que era o ponto de reunião.

— Não grite comigo, seu filho de uma proveta — ofegou Bill, rasgando o papel do embrulho. — Acenda minha tocha.

Um fósforo brilhou e as tochas cheias de breu pegaram fogo logo.

A tensão crescia à medida em que o ponteiro dos segundos se aproximava da hora, e os pés começaram a se mexer, nervosos, sobre o pavimento metálico. Bill deu um pulo quando ouviu o agudo soar de um apito e então saíram do corredor numa onda humana e inumana, com um grito gutural surgindo de gargantas e alto-falantes e as armas engatilhadas.

Correram por passadiços e corredores, com fagulhas caindo das tochas como chuva.

Isso era a revolução! Bill deixou-se tomar pela emoção e levar pela massa de corpos e deu urras tão entusiasticamente quanto os outros e encostou a tocha primeiro numa parede e depois numa das cadeiras de uma esteira rolante, o que fez com que se apagasse, pois tudo o que existe em Helior é feito de metal ou incombustível. Não havia tempo para tornar a acendê-la e atirou-a longe quando chegaram ao imenso largo situado defronte da estação elétrica. A maior parte das tochas tinha-se apagado mas não precisavam delas. Bastava usar agora as pistolas de raio de pederneira para fazer ir pelos ares as tripas de qualquer lacaio sujo do Imperador que se atrevesse a por-se no caminho deles. Outros grupos estavam surgindo de ruas que desembocavam no largo, unindo-se numa massa cega que berrava para as tétricas paredes da estação elétrica.

Um trêmulo letreiro luminoso chamou a atenção de Bill. Presuntos Congelados Kosher, Ltda., leu-o e engasgou-se ao se lembrar. Por Ahriman que havia esquecido ser espião da A.G.I.! Quase participara do ataque à estação elétrica! Ainda tinha tempo de fugir antes de ser desfechado o contragolpe! Suando bastante, começou a abrir caminho na multidão, na direção do letreiro... logo ultrapassou a massa e correu para o abrigo. Ainda não era tarde. Segurou a maçaneta o girou-a mas a porta não quis abrir. Aterrorizado, torceu-a novamente, sacudiu-a até que toda a fachada do edifício começou a balançar, inclinando-se de um lado para outro e rangendo. Ficou olhando para ela paralisado de horror, quando um forte sussurro chamou sua atenção.

— Venha para cá, seu burro — crepitou a voz.

Bill olhou e viu o agente Pinkerton da A.G.I. na esquina do prédio, fazendo sinal para ele, irritado. Bill acompanhou o agente, virou a esquina e encontrou lá uma boa multidão. Cabiam todos ali porque não havia edifício. Bill pôde ver que o prédio era só fachada, feita de papelão, com uma maçaneta incrustada, presa por suportes de madeira na parte dianteira de um tanque atômico. Agrupados ao lado da proteção blindada, havia um certo número de soldados, com armas pesadas, e agentes da A.G.I., assim como um número ainda maior de revolucionários, com as roupas chamuscadas e esburacadas pelas tochas. Ghoulem, o androide, estava ao lado de Bill.

— Você! — espantou-se Bill e o androide enrugou os lábios num sorriso estudado.

— Eu... vigiando você para a A.G.I.. Não se deixa *nada* ao acaso nesta organização.

Pinkerton estava espiando por um buraco na falsa fachada.

— Acho que todos os agentes já estão a salvo — disse —. mas talvez devamos esperar um pouco mais. Segundo as últimas estatísticas, havia agentes de sessenta e cinco grupos de investigação, espionagem e contraespionagem vigiando esta operação. Estes revolucionários não tinham a menor chance.

Uma sirene vibrou na estação. Aparentemente era um sinal preestabelecido, pois os soldados atacaram a fachada de papelão, até que ela soltou-se e caiu.

O Largo Chauvinistik estava vazio.

Bom, vazio mesmo não estava. Bill olhou atentamente e notou que havia ainda um homem lá. A princípio não o vira. Estava correndo na direção dele, Bill, mas parou com um gemido fraco ao ver o que se escondia por trás do edifício.

— Rendo-me! — gritou.

Bill viu que era o homem chamado X. As portas da estação elétrica abriram-se e surgiu por elas um esquadrão de tanques lança-chamas.

— Covarde! — berrou Pinkerton, armando o cão da pistola. — Não tente fugir agora e morra como um homem, X.

— Não sou X... é apenas um nome falso.

Arrancou a falsa barba e o bigode, revelando um agitado e inexpressivo rosto.

— Sou Gill O'Teen, Doutor em Arte e em Leis, graduado na Escola Imperial de Contraespionagem e Agenteduplismo. Fui encarregado desta operação. Tenho documentos que provam. O Príncipe Microcefil pagou-me para derrubar o tio, a fim de que pudesse proclamar-se Imperador...

— Você pensa que eu sou burro — atalhou Pinkerton, apontando-lhe a arma. — O Velho Imperador, que descanse em paz, morreu há um ano e o Príncipe Microcefil é o novo Imperador. Você não pode fazer uma revolução contra o homem que o contratou!

— Nunca leio os jornais — gemeu O'Teen, aliás X.

— Fogo — ordenou Pinkerton, implacável, e uma avalancha de projéteis atômicos, jorros de chamas, balas e granadas surgiu de todos os lados. Bill atirou-se ao chão e, quando levantou a cabeça, o largo estava vazio, com exceção de uma gordurosa mancha e de uma depressão no

pavimento. Enquanto permanecia olhando, chegou zumbindo um robô-varredor e limpou a mancha. Zumbiu um pouco mais e encheu a depressão com o jorro de um líquido corretor tirado de dentro do seu corpo. Quando se retirou rodando, não havia mais o menor sinal de nada.

— Alô, Bill...

Era uma voz tão paralisantemente familiar que o cabelo de Bill ficou em pé, deixando-o parecido com uma escova de dentes. Virou-se e viu parado ali um pelotão de PMs. Bill cravou os olhos especialmente na enorme figura do seu comandante.

— Desejomortal Drang... — murmurou, sem fôlego.

— O próprio.

— Socorro! — arfou Bill, correndo para o agente Pinkerton da A.G.I. e agarrando seus joelhos.

— Socorrer? — riu o agente, dando-lhe uma joelhada no queixo e atirando-o de costas. — Fui eu quem os chamou. Rapaz, examinamos sua ficha e verificamos que está numa boa enrascada. Desertou do exército há um ano e não queremos desertores no nosso grupo.

— Mas trabalhei para você... ajudei-o...

— Levem-no — disse Pinkerton e deu-lhe as costas.

— Não há justiça — gemeu Bill, enquanto os dedos odiados tornavam a cravar-se nos seus braços.

— É claro que não — disse Desejomortal. — Você pensava o contrário?

Saiu arrastado.

Livro 3

E = MC2 OU BUM!

Um

— Quero um advogado. Preciso de um advogado! Conheço meus direitos!

Bill batia nas grades da sua cela com a jarra quebrada onde lhe era servida a única refeição diária de pão e água, e berrava a plenos pulmões para chamar a atenção. Ninguém apareceu para responder ao seu apelo e finalmente, rouco, cansado e deprimido, deitou-se no engruvinhado beliche de plástico e pôs-se a olhar o teto metálico.

Afundado na sua desgraça, ficou olhando fixamente para o gancho durante longos minutos até que, finalmente, viu-o pela primeira vez.

Um gancho? Para que um gancho ali? Mesmo estando deprimido, aquilo o perturbava, da mesma maneira que o perturbava o fato de lhe terem dado um resistente cinturão de plástico com uma fivela forte para segurar sua calça de presidiário. E quem usa cinturões com macacões? Haviam lhe tirado tudo o que usava e deram-lhe em troca uns chinelos de papel, um macacão amarrotado e um excelente cinturão. Por quê? E por que havia um sólido gancho quebrando a simétrica nudez do teto?

— Estou salvo! — gritou Bill e saltou para cima, balançando-se na beira do beliche e tirando o cinturão. Havia um orifício na ponta reforçada do cinturão, que se ajustava perfeitamente ao gancho. Por outro lado, a fivela constituía um perfeito nó corrediço, que se ajustaria maravilhosamente ao seu pescoço. E poderia passá-lo sobre a cabeça, ajustar a fivela sob a orelha, saltar do beliche e estrangular-se dolorosamente, com os pés a um palmo do chão. Era perfeito.

— É perfeito — gritou alegremente e pulou do beliche, correndo em círculo sob o laço, gritando *uau-uau-uau,* tapando e destapando a boca com a mão.

— Não estou perdido, liquidado, terminado e eliminado! Estão querendo que eu mesmo me mate para facilitar-lhes as coisas!

Desta vez atirou-se no beliche, sorrindo, contente, e procurando pensar naquilo. Tinha de haver uma possibilidade de que ele pudesse escapar

daquilo cem vida ou não teriam todo aquele trabalho para induzi-lo a enforcar-se. Ou estariam, por acaso, fazendo um jogo duplo, levando-o a crer que havia esperanças, quando não havia nenhuma? Não, isso era impossível. Eles tinham uma série de atributos: mesquinharia, avareza, irritabilidade, sede de vingança, superioridade, fome de poder... a lista era quase interminável, mas de uma coisa tinha certeza : a sutileza não fazia parte daqueles atributos.

E eles? Pela primeira vez na vida Bill ficou pensando em quem seriam *eles.* Todos punham sempre a culpa *neles,* todos sabiam que *eles* causavam encrencas. E até sabia, por experiência própria, como eram *eles.* Mas quem eram *eles?* Ouviu-se o som de passos fora da porta e quando Bill olhou viu Desejomortal espiando-o com ressentimento.

— Quem são *eles?* — perguntou Bill.

— *Eles* são qualquer um que queira fazer parte deles — respondeu filosoficamente Desejomortal, fazendo tinir um canino. — *Eles* são um estado de espírito e uma instituição ao mesmo tempo.

— Não me venha cem essas sacanagens místicas! Quero uma resposta clara a uma pergunta clara.

— Estou respondendo com clareza — disse Desejomortal, com sinceridade. — Morrem e são substituídos, mas a instituição deles continua.

— Desculpe ter perguntado — disse Bill, deslizando para junto das grades, até poder sussurrar. — Preciso de um advogado.

Desejomortal, amigo velho, você pode me arranjar um advogado? Um bom?

— Eles vão designar um advogado para você.

Bill emitiu o ruído mais grosseiro de que foi capaz.

— Claro e todo mundo sabe o que acontece com um advogado desses. Quero um que *me* ajude. Tenho dinheiro para pagar...

— Ora, por que você não disse antes?

Desejomortal pôs os óculos de armação de ouro e folheou lentamente um pequeno caderno de endereços.

— Levarei dez por cento para cuidar deste caso.

— De acordo.

— Bem... você quer um advogado barato e honesto ou um caro e desonesto?

— Tenho dezessete mil mangos escondidos onde ninguém pode encontrar.

— Você devia ter-me dito desde o princípio. Desejomortal fechou o caderno e guardou-o.

— Eles devem ter suspeitado alguma coisa a esse respeito e por isso lhe deram o cinto e a cela com o gancho. Com esse dinheiro, você pode contratar o melhor advogado de todos.

— E quem é ele?

— Abdul O'Brien-Cohen.

— Traga-o aqui.

Só se haviam passado duas jarras de água e pão duro quando se ouviram novos passos no corredor o uma voz clara e penetrante ressoou nas gélidas paredes.

— Salaam, rapaz, por minha fé que levei um tempo danado para chegar até aqui.

— Sou um caso de corte marcial — disse Bill ao homem de aspecto comum e com rosto vulgar que estava postado do outro lado das grades. — Não creio que permitam a intervenção de um advogado civil.

— Begorrah, campônio... pela vontade de Alá estou preparado para qualquer contingência.

Tirou de um bolso um eriçado bigode de pontas aceradas e colocou-o sobre o lábio superior. Ao mesmo tempo estufou o peito e seus ombros pareceram ficar mais imponentes. Um luzir de aço apareceu nos seus olhos e o rosto adquiriu uma rigidez militar.

— Muito prazer em conhecê-lo. Estamos juntos nisto e quero que saiba que não o abandonarei, apesar de você não passar do um simples soldado.

— Que aconteceu com Abdul O'Brien-Cohen?

— Sou membro da reserva do Corpo Imperial de Pirataria. Capitão A. C. O'Brien, às suas ordens. Creio que foi mencionada a importância de dezessete mil?

— Dez por cento são meus — disse Desejomortal, aparecendo.

Foram entabuladas as negociações, que duraram um certo número de horas. Os três agradavam-se, respeitavam-se e desconfiavam uns dos outros e por isso foram elaborados sistemas de segurança garantidos. Quando Desejomortal e o advogado foram embora, levavam instruções minuciosas sobre a maneira de achar o dinheiro e Bill possuía declarações assinadas com sangue e impressões digitais de que os outros eram membros do Partido, dedicados a destronar o Imperador. Quando voltaram com o dinheiro, Bill devolveu-lhes as declarações assim que O'Brien assinou um

documento comprometendo-se a defendê-lo na corte marcial, em troca da importância de 15.300 mangos. Tudo foi feito de maneira digna e satisfatória.

— O senhor gostaria de ouvir a minha versão dos fatos? — perguntou Bill.

— Claro que não, pois ela nada tem a ver com as acusações.

Quando você se alistou, assinou um documento renunciando a todos os direitos humanos. Podem fazer o que quiser com você. Sua única vantagem é que eles, também, são prisioneiros do próprio sistema e devem orientar-se pelo complexo e autocontraditório código de leis que vieram estabelecendo durante séculos. Querem fuzilá-lo como desertor e prepararam uma acusação irrefutável.

— Então serei fuzilado!

— Talvez, mas é um risco que temos de correr.

— *Temos?* O senhor receberá a metade dos tiros?

— Não banque o engraçadinho quando falar com um oficial, seu porco. Confie em mim, tenha fé, e torça para que eles cometam alguns erros.

Depois disto, só restou a Bill ficar esperando a hora do julgamento.

Bill percebeu que estava chegando a hora quando lhe deram um uniforme com as insígnias de especialista em fusíveis de primeira classe na manga. Logo depois chegou a guarda, marcando passo, a porta abriu-se e Desejomortal fez-lhe um sinal para que saísse.

Marcharam juntos e Bill divertiu-se o mais que pôde trocando o passo para atrapalhar sua guarda. Mas assim que transpôs a porta da sala de julgamento, adotou uma postura marcial e procurou parecer um velho combatente, com as medalhas tinindo no peito. Havia uma cadeira vazia ao lado de um muito empertigado, uniformizado e marcial Capitão O'Brien.

— É isso mesmo — disse-lhe O'Brien. — Mantenha essa pinta de G.I. e vença-os com as próprias armas deles.

Quando os membros da corte entraram, eles se puseram de pé. Bill e O'Brien estavam sentados na extremidade de uma enorme mesa de plástico preto e, no outro extremo, estava o promotor, um major grisalho e de ar severo, que usava uma toga barata. Os dez oficiais da corte sentaram-se na parte larga da mesa, de onde podiam olhar, carrancudos, o público e as testemunhas.

— Vamos começar — disse, com a pompa adequada, *o* Presidente da Corte, um Almirante de Esquadra, calvo e gorducho. — Que se comece o

julgamento, que se faça justiça no menor prazo possível e que se considere o prisioneiro culpado para que possa ser fuzilado.

— Protesto — disse O'Brien, pondo-se de pé de um salto... — Esses comentários são prejudiciais ao acusado, que é inocente até prova em contrário...

— Protesto recusado — disse o Presidente, golpeando a mesa com o martelo. — Aplique-se a multa de cinquenta mangos ao advogado de defesa, por interrupção injustificada. O acusado é culpado, como as provas o demonstram, e será fuzilado. A justiça será feita.

— Então o julgamento vai ser assim — murmurou O'Brien para Bill, com os lábios entrecerrados. — Posso enfrentá-los em qualquer terreno, desde que conheça as regras do jogo.

O promotor já havia iniciado a acusação inicial com voz monótona: — ... por isso vamos provar que o especialista em fusíveis de primeira classe Bill ultrapassou maliciosamente, por um período de nove dias, a licença que lhe fora oficialmente concedida, e subsequentemente resistiu à prisão e fugiu das mãos dos seus captores, enganando habilmente os que o perseguiam, motivo por que ficou ausente por um período de mais de um ano oficial, sendo portanto culpado de deserção...

— Culpado até a alma! — gritou um dos oficiais da Corte, um major de cavalaria rubicundo, que usava um monóculo preto, ficando de pé e fazendo cair a cadeira. — Voto pela culpa dele. Fuzilem o cara!

— Concordo com você, Sam — disse o Presidente, pachorrento, dando uma batidinha com o martelo. — Mas temos de fuzilá-lo de acordo com as regras, o que levará ainda algum tempo.

— É tudo falso — sussurrou Bill para o advogado. — Os fatos são...

— Não se preocupe com os fatos, Bill, pois ninguém aqui se preocupa. Os fatos não podem alterar o caso.

— ... por isso pedimos a pena máxima, a morte — terminou o promotor, encerrando finalmente a acusação.

— O senhor vai nos fazer perder tempo com uma introdução, capitão? — perguntou o presidente, fulminando O'Brien com o olhar.

— Só algumas palavras, se a corte o permitir... Houve uma súbita agitação entre os espectadores e uma mulher desgrenhada, com um chalé sobre a cabeça, apertando contra o peito um embrulho feito de um pedaço de cobertor, correu para a beira da mesa.

— Excelências... — disse, ofegante — não me tirem o meu Bill, que é a luz da minha vida. Ele é um homem bom e só fez aquilo por mim e pelo meu pequenino.

Ergueu o embrulho e ouviu-se um débil vagido.

— Todos os dias ele queria deixar-me e voltar para o seu dever, mas eu estava doente, o nenenzinho também e eu pedia-lhe com lágrimas nos olhos que ficasse...

— Tirem essa mulher daqui!

O martelo ressoou com violência.

— ... e ele ficava, jurando que era só por mais um dia e o queridinho sabendo sempre que se nos deixasse íamos morrer de fome...

Sua voz foi abafada pelo bando de PMs em uniforme de gala, que a arrastaram à força para a porta.

— ... e benditos sejam Vossas Excelências se o soltarem. Mas se o condenarem, suas malditas almas negras, que seus corpos apodreçam e ardam no inferno...

A porta fechou-se, interrompendo a mulher.

— Risquem isso da ata — disse o Presidente e atirou um olhar raivoso ao advogado de defesa. — E se eu desconfiasse que o senhor tem alguma coisa a ver com isto, faria com que o fuzilassem junto com seu cliente.

O ar de O'Brien era o mais inocente possível, com os dedos sobre o peito e a cabeça para trás. Estava começando uma declaração quando se produziu nova interrupção. Um velho subiu sobre um banco no auditório e sacudiu os braços para chamar a atenção.

— Ouçam-me todos. A justiça tem de ser feita e eu sou seu instrumento. Tinha pensado 'em guardar silêncio e permitir que um homem inocente fosse executado, mas não posso. Bill é meu filho, meu único filho, e pedi-lhe que esquecesse seu dever para ajudar-me, pois como estava morrendo de câncer, queria vê-lo pela última vez.

Mas ele ficou para me tratar...

Houve um reboliço quando os PMs agarraram o homem e viram que ele estava acorrentado ao banco.

— Sim, ele o fez, cozinhou mingau de aveia para mim e obrigou-me a comer e trabalhou tanto que, pouco a pouco, fui ficando bom e hoje, como podem ver, sou um homem são, curado pelo mingau de aveia cozinhado pelo meu leal filho. E agora meu filho tem de morrer porque me salvou,

mas não deixarei que isso aconteça. Tomem a minha pobre e velha vida inútil, em troca da dele...

Um cortador de arame atômico zumbiu e o velho foi atirado para fora.

— Chega! É demais! — berrou o rubicundo Presidente da Corte, batendo com tal força que quebrou o martelo e atirou os pedaços na sala. — Ponham para fora todos os espectadores e testemunhas. Esta Corte ordena que o resto do julgamento seja feito de acordo com as Normas de Precedência, sem a aceitação de provas ou testemunhos.

Passeou o olhar rapidamente pelos seus cúmplices, que concordaram solenemente de cabeça.

— À vista disso, o réu é considerado culpado e deverá ser fuzilado assim que consigam arrastá-lo até a galeria de tiro.

Os oficiais da corte já estavam se levantando das cadeiras, quando foram detidos pela voz calma de O'Brien.

— Naturalmente, é um privilégio desta Corte resolver o julgamento na forma em que foi feito, mas também é necessário citar o Artigo ou Precedente no qual a decisão foi baseada.

O Presidente deu um suspiro e sentou-se novamente.

— Eu gostaria que o senhor não complicasse as coisas, Capitão. O senhor conhece tão bem quanto eu os Regulamentos, mas se insiste... Pablo, leia para ele.

O homem folheou um grosso volume que estava sobre a mesa, encontrou o que procurava e, apontando com o dedo, começou a ler: — Artigos de Guerra, Regulamentos Militares, parágrafo, página, etc, etc... sim, está aqui, parágrafo 298-B... Se qualquer praça ausenta-se do posto que lhe foi destinado por um período superior a um ano oficial, será considerado culpado de deserção, embora esteja ausente do julgamento, e o castigo será morte dolorosa.

— Parece que está bem claro. Alguma outra pergunta? — disse o Presidente.

— Não tenho mais perguntas a fazer, mas gostaria de citar um precedente.

O'Brien havia colocado diante dele um monte de livros e começou a ler o que estava em cima.

— Está aqui. Burroide Lovening contra o Corpo Aéreo do Exército dos Estados Unidos, Texas, 1944. Foi constatado que Lovening ficou ausente do porto durante catorze meses e então o descobriram num esconderijo no teto

do refeitório, de onde saía só altas horas da noite para comer e beber o que encontrava na despensa e para esvaziar as tripas. Como não havia abandonado a base, não pôde ser considerado desertor nem ausente, recebendo apenas um leve castigo disciplinar.

Os membros da Corte haviam sentado outra vez e estavam olhando para o oficial, que folheava apressadamente as páginas dos seus próprios livros. Finalmente surgiu de dentro delas com um sorriso e uma citação.

— Tudo isso é verdade, capitão, exceto no que se refere a *este* caso. O acusado, aqui, ausentou-se do seu lugar de destino: o Centro dos Soldados em Trânsito e ficou passeando pelo planeta Helior.

— É a pura verdade, senhor — respondeu O'Brien, apanhando um outro volume e agitando-o acima da cabeça. — Mas no caso de Arrastado contra o Imperial Corpo Naval de Aquartelamento, Helior, 8832, foi aceito, para fins de definição legal, que o planeta Helior seria considerado como a cidade de Helior e que a cidade de Helior seria considerada como o planeta Helior.

— Tudo isso é indubitavelmente correto — interrompeu O Presidente — mas totalmente fora de lugar. Não tem qualquer relação com o caso presente e peço-lhe que ande ligeiro, capitão, pois tenho um compromisso para jogar golfe.

— O senhor poderá estar jogando dentro de dez minutos, se aceitar ambos os precedentes. Então, incluirei um último documento, uma proclamação redigida pelo Almirante de Esquadra Marmoset...

— Mas esse sou eu! — disse o Presidente, assombrado.

— ... no início das hostilidades com os chingers, quando a cidade de Helior foi colocada sob lei marcial e considerada, no seu todo, como um só estabelecimento militar. Por conseguinte, submeto à decisão da Corte a declaração de que o acusado é inocente do delito de deserção porque não saiu deste planeta c, consequentemente, nunca abandonou esta cidade e, consequentemente, jamais saiu do posto para o qual estava designado.

Fez-se um silêncio profundo, que foi finalmente quebrado pela voz preocupada do Presidente, quando se virou para o oficial relator.

— É verdade o que diz este sujeito, Pablo? Não podemos fuzilar aquele cara?

O Oficial Relator suava copiosamente enquanto folheava, febril, os textos legais. Finalmente empurrou-os para um lado c respondeu, com voz amarga.

— É bem verdade e não temos corno fugir disso. Esse árabe-judeu-irlandês de uma figa pegou-nos pelo pé. O acusado é inocente dos crimes que lhe são imputados.

— Não vai haver execução?...

A pergunta foi feita por um dos oficiais-juízes, com voz aguda e entrecortada. E um outro, mais velho, deixou a cabeça cair entre os braços e começou a soluçar.

— Está bem, mas ele não vai escapar tão facilmente assim — disse o Presidente, fazendo uma carranca para Bill. — Se o acusado esteve em seu posto todo o ano passado, deve ter estado de serviço. E durante esse ano, deve ter dormido. O que significa que *dormiu em serviço.* Por consequência, condeno-o a trabalhos forçados numa prisão militar pelo período de um ano e um dia e determino que seja rebaixado a especialista em fusíveis de sétima classe. Arranquem seus galões e levem-no. Tenho que ir jogar golfe.

Dois

A PRISÃO de trânsito era um edifício provisório construído de lâminas de plástico, parafusadas em armações curvas de alumínio, e ficava no centro de um grande quadrilátero. PMs com rifles atômicos de baionetas caladas faziam a ronda era torno da cerca composta de seis fileiras de arame-farpado eletrificado. Os portões múltiplos foram abertos por controle remoto e o robô-algemas que o havia levado até ali arrastou-o para dentro deles. Aquela máquina desgraçada consistia num sólido e maciço cubo que chegava até a altura dos joelhos de Bill e fazia um barulho danado ao se locomover. Uma haste surgia de sua parte superior e era coroada por algemas. Bill estava preso a ela. Era impossível fugir, pois se tentasse forçar qualquer parte do robô, este fazia explodir, sadicamente, cima minibomba atômica que levava dentro dele, esfacelando-se junto com seu prisioneiro, bem como com qualquer outra pessoa que estivesse por perto. Uma vez dentro do edifício, o robô parou e não protestou quando o sargento de dia abriu as algemas. Assim que seu prisioneiro foi solto, a máquina rodou para seu canil e desapareceu.

— Muito bem, sabido, agora você está aos *meus* cuidados e isso quer dizer que não vai ser mole — disse o sargento a Bill.

O homem tinha a cabeça raspada, um queixo quadrado e coberto de cicatrizes e olhos pequenos e estreitos, nos quais brilhava a ardente chama da burrice.

Bill semicerrou os próprios olhos até torná-los numa fenda e lentamente ergueu o braço esquerdo/direito, flexionando o bíceps. O músculo de Tembo engrossou e rasgou o fino tecido da manga do casaco de presidiário, com um som áspero.

Depois, Bill apontou para a fita do Dardo Púrpura, que trazia pregada no peito.

— Sabe como ganhei isto? — perguntou, com voz ao mesmo tempo incisiva e surda. — Matando com minhas próprias mãos treze chingers no interior de um ninho de metralhadoras contra o qual fui enviado. E vim para

esta prisão porque, depois de matar os chingers, voltei para matar o sargento que havia me enviado contra eles. Por isso... o que é que não vai ser mole, sargento?

— Se você não se meter comigo, não me meterei com você — resmungou o sargento de dia, enquanto se afastava. — Sua cela é a treze, logo ali em cima...

Parou subitamente e começou a roer todas as unhas de uma das mãos ao mesmo tempo, com um inconfundível som de mastigação.

Bill fixou nele um longo olhar feroz e depois virou-se, começando a andar lentamente para o prédio.

A porta do número treze estava aberta e Bill olhou a estreita cela, mal iluminada pela luz recebida através das translúcidas paredes de plástico. O beliche de dois leitos ocupava quase que o espaço todo, deixando apenas uma estreita passagem a um lado. Na parede oposta, havia dois armarinhos tortos, parafusados, que, junto com a divisa pintada Sejam Puros e Não Obscenos — O Palavrão Ajuda o Inimigo ! completavam o mobiliário. Um homenzinho com cara de fuinha e olhos esbugalhados estava deitado no beliche inferior, olhando Bill atentamente, Este devolveu-lhe o olhar e franziu o cenho.

— Venha, sargento — disse o homenzinho, içando-se para o leito superior. — Estava guardando a cama de baixo para você, juro que estava. Meu nome é Negrinho e estou cumprindo dez meses por ter mandado um segundo-tenente a...

Terminou a frase com um assovio duvidoso, cujo significado Bill ignorava. Os pés de Bill doíam. Arrancou as botas púrpura e estendeu-se sobre o colchão. A cabeça de Negrinho apareceu na borda do beliche, semelhante a um roedor contemplando a paisagem.

— O rancho ainda vai demorar... que tal um matungoburger?

Uma mão apareceu ao lado da cabeça, estendendo a Bill um embrulho reluzente.

Depois de olhá-lo com desconfiança, Bill puxou o fio que partia a cinta selada do envoltório de plástico. Assim que o ar penetrou e entrou em contato com o revestimento combustível, o burger começou a fumegar e três segundos depois estava no ponto. Erguendo uma das fatias do pão, Bill pôs *ketchup* que tirou de um compartimento situado no outro lado do embrulho e deu uma mordida desconfiada. Era uma estupenda e suculenta carne de cavalo.

— Esta velha égua cinzenta continua gostosa como sempre — disse Bill, com a boca cheia. — Como é que você consegue contrabandear os sanduíches?

Negrinho sorriu e fez um ar teatral.

— Tenho meus contatos — disse. — Basta que eu peça para que me tragam. Não ouvi seu nome direito...

— Bill.

A comida havia apaziguado seu mau humor.

— Peguei um ano e um dia por dormir estando de serviço. Ia ser fuzilado como desertor, mas tive um bom advogado. E este foi um bom búrguer. Pena você não ter nada para lavar a boca.

Negrinho fez surgir uma garrafinha rotulada Xarope para a Tosse e passou-a a Bill.

— Especialmente preparado para mim por um amigo no departamento médico. Metade álcool de cereais e metade éter.

— Zoingg! — disse Bill, limpando as lágrimas depois de ter bebido a metade.

Agora sentia-se quase em paz com o mundo.

— Você é um bom companheiro, Negrinho.

— Nem tenha dúvida — respondeu Negrinho sinceramente. — Não faz mal nenhum ter um companheiro na tropa, seja o exército, a marinha ou qualquer outro lugar. O velho Negrinho sabe disso. Você tem bons músculos, Bill?

Bill flexionou preguiçosamente os músculos de Tembo.

— Seria muito bacana — disse Negrinho, contemplativo. — Você com seus músculos e eu com meu cérebro podemos fazer maravilhas...

— Eu também tenho cérebro!

— Dê descanso a ele. Deixe que respire enquanto eu penso por nós dois. Já servi em maior número de exércitos que todos os seus dias neste. Obtive meu primeiro coração púrpura sob as ordens de Aníbal por este ferimento aqui — mostrou a pequena cicatriz branca nas costas da mão. — Mas percebi que ele nascera para perder e passei para o lado dos garotos Rômulo e Remo enquanto era tempo. A partir daí vivo aprendendo e sempre consigo me sair bem. Vi de que lado o vento soprava e comi um pedaço de sabão da lavanderia, o que me fez ficar doente na manhã da batalha de Waterloo e posso lhe garantir que não perdi nada deixando de estar lá. Vi como estava para acontecer coisa semelhante no Somme... ou foi em Ypres? Começo a

esquecer alguns daqueles velhos nomes. Masquei um cigarro e coloquei-o no sovaco, arranjando uma febre e perdendo também aquele espetáculo.

Sempre há um jeito de escapar, é o meu lema.

— Nunca ouvi falar nessas batalhas. Foram contra os chingers ?

— Não! Muito antes, muitíssimo antes. Guerras e guerras antes.

— Isso quer dizer que você é muito velho, Negrinho. E no entanto não parece.

— Sou realmente muito velho, mas nunca digo a ninguém porque riem de mim. Mas lembro-me de ter visto construir as pirâmides e ainda me recordo do rancho repugnante que nos davam no exército assírio e da vez em que vencemos a quadrilha de Wug, quando quiseram entrar em nossa caverna e os rechaçamos a pedradas.

— Isso soa como um monte de mentiras — disse Bill, com voz arrastada, esvaziando a garrafa.

— É, é o que todos dizem e por isso não conto mais velhas histórias. Não me acreditam nem quando mostro meu amuleto — Mostrou um pequeno triângulo branco, de bordas irregulares. — O dente de um pterodáctilo. Quebrei-o com a pedrada de uma nova funda que acabava de inventar...

— Parece um pedaço de plástico.

— Viu? É por isso que não conto mais velhas histórias. Então vou me realistando e deixando o tempo passar...

Bill se sentou e ficou de boca aberta.

— Realistar-se! Mas é suicídio...

— É seguro como uma casa. Numa guerra, o lugar mais seguro é o Exército. Os imbecis da linha de frente acabam tendo o rabo arrancado e os civis da retaguarda têm o rabo explodido a bomba. Mas os caras que ficam no meio estão seguros como se estivessem em casa. São necessários trinta, cinquenta, talvez setenta sujeitos no meio para fazer a manutenção de cada um na linha de frente. Se alguém aprende a ser um bom arquivista, está salvo. Quem ouviu falar de terem atirado num arquivista? Eu sou um excelente arquivista. Mas só em tempo de guerra. Em tempo de paz, quando cometem um engano e há paz durante algum tempo, é melhor estar na tropa de combate. A comida é melhor, as licenças maiores e pouco há que fazer. Viaja-se muito.

— E quando começa uma guerra?

— Conheço setecentas e trinta e cinco maneiras diferentes de baixar hospital.

— Você me ensina umas duas?

— Faço qualquer coisa por um companheiro, Bill. Ensinarei logo mais de noite, depois que nos trouxerem o rancho. O carcereiro que traz a comida está se fazendo de difícil a respeito de um pequeno favor que lhe pedi. Rapaz, como eu gostaria que ele quebrasse um braço!

— Que braço?

Bill estalou as juntas barulhentamente.

— O que você quiser.

A Prisão Plasticasa era um centro transitório para presos transferidos de um lugar para outro. Vivia-se nela uma vida fácil e calma, desfrutada tanto pelos carcereiros como pelos prisioneiros, sem que nada perturbasse o tranquilo correr dos dias. Tinha existido um carcereiro novo, um tipo verdadeiramente zeloso, procedente da Guarda Territorial Nacional, mas teve um acidente quando servia as refeições e quebrou um braço. Até os outros carcereiros ficaram contentes ao vê-lo partir. Mais ou menos uma vez por semana levavam Negrinho com uma escolta armada à Secção de Arquivos da base, onde ele estava falsificando documentos para um tenente-coronel que era muito ativo no mercado negro e queria ficar milionário antes de se reformar. Enquanto trabalhava nos arquivos, Negrinho fazia com que os carcereiros da prisão recebessem promoções merecidas, licenças extras e prêmio em dinheiro por condecorações não existentes. Como resultado disso, Bill e Negrinho comiam e bebiam muito bem e engordaram. Tudo era muito calmo até o dia em que Negrinho voltou de uma visita aos arquivos e acordou Bill.

— Boas novas — disse. — Vamos embora daqui.

— E que há de bom nisso? — perguntou Bill, aborrecido por ter sido acordado e ainda meio de ressaca por causa do porre da tarde anterior. — Gosto daqui.

— Mas vai ficar ruim para nós muito breve. O coronel anda me olhando de mau jeito e acho que está pensando em nos mandar para o outro extremo da galáxia, onde luta-se seriamente. Mas ainda vai demorar até a semana que vem, quando eu tiver acabado de preparar os livros. Por isso falsifiquei umas ordens secretas para que sejamos enviados a Tabes Dorsalis, onde estão as minas de cimento, ainda *esta* semana.

— O Mundo Poeirento! — gritou Bill, com voz rouca, agarrando Negrinho pela garganta e sacudindo-o. — Uma mina de cimento do tamanho de um mundo, onde os homens morrem de silicose em poucas horas. É a entrada para o Inferno do universo...

Negrinho conseguiu se livrar e se refugiou no outro lado da cela.

— Pare! — gritou, engasgado. — Tenha calma! Feche a tampa do polvorinho e conserve a pólvora seca! Você acha que eu ia nos mandar para um lugar desses? É o que mostram nos programas de televisão, mas eu conheço a verdade. Se você for trabalhar nas minas de cimento, de acordo, as coisas não são interessantes. Mas têm lá uma base enorme, cheia de escriturários e quejandos e usam prisioneiros em liberdade provisória nas máquinas da piscina porque não têm tropas em quantidade suficiente. Quando eu estava trabalhando nos arquivos, mudei sua classificação de especialista em fusíveis, que é um trabalho suicida, para a de motorista e aqui tem você sua licença de dirigir, com autorização para guiar qualquer coisa, desde um monociclo até um tanque atômico de oitenta e nove toneladas. Assim, teremos tarefas fáceis e, além disso, a base inteira tem ar condicionado.

— Mas estamos tão bem aqui — insistiu Bill, olhando carrancudo o cartão de plástico que atestava sua competência em conduzir uma série de estranhos veículos, alguns dos quais não conhecia nem de vista.

— As coisas vêm e vão, mas são todas iguais — disse Negrinho, embrulhando sua pequena bagagem.

Começaram a perceber que alguma coisa estava errada quando a coluna de prisioneiros foi acorrentada junta, com algemas nos punhos e grilhões nas pernas e arrastada para o transporte espacial por um pelotão de combate de PMs.

— Para a frente! — berravam. — Terão muito tempo para descansar quando chegarmos a Tabes Dorsalgia.

— Para onde vamos? — perguntou Bill, engasgado.

— Você ouviu. Pule, sua besta.

— Você tinha me dito Tabes Dorsalis — resmungou Bill para Negrinho, que estava acorrentado à sua frente. — Tabes Dorsalgia é a base em Veniola onde a luta está concentrada... Estamos indo para a batalha!

— Um erro de escrita — suspirou Negrinho. — Não se pode ganhar sempre.

Desviou-se do pontapé de Bill e depois esperou com paciência enquanto os PMs deixavam Bill sem sentidos à força 'de pancada e o arrastavam para bordo.

Três

Veniola... um mundo amortalhado de neblina, com horrores inomináveis, arrastando-se em sua órbita em torno da macabra estrela verde hérnia, como um repugnante monstro estelar, recém-saído do poço do nada. Que segredos se ocultam em suas névoas eternas? Que horrores sem nome ondulam e escarnecem em suas charnecas úmidas e escuros lagos sem fundo? Postos face a face com os inenarráveis horrores deste planeta, os homens ficam loucos antes de enfrentar o impossível de enfrentar. Veniola... mundo de pântanos, covil dos inimagináveis veniolanos...

Fazia calor, havia umidade e fedia. A madeira das cabanas recém-construídas já estava ficando esbranquiçada e começava a apodrecer.

Bastava tirar-se os sapatos e, antes destes tocarem o chão, os fungos já começavam a crescer no seu interior. Chegados ao acampamento, tiraram-lhes os grilhões, uma vez que os trabalhadores forçados não tinham para onde fugir. Bill procurou Negrinho, enquanto os dedos do braço direito de Tembo abriam-se e fechavam como bocas esfomeadas. Então lembrou-se de que Negrinho havia falado com um dos guardas quando iam saindo da nave e que lhe passara algo. Um pouco depois, haviam retirado Negrinho da fila e levado "para algum lugar. Naquele instante, já devia estar dirigindo a seção de arquivos e na manhã seguinte estaria morando no alojamento das enfermeiras.

Bill deu um suspiro e afastou tudo aquilo da mente, uma vez que se tratava apenas de mais um fator antagônico sobre o qual não tinha controle e deixou-se cair no beliche mais próximo. Instantaneamente, uma trepadeira surgiu de uma racha no chão, passou três vezes sobre o leito, amarrando Bill solidamente, e cravou suas pequenas gavinhas na perna dele, começando a chupar o sangue.

— Grrrrk!...

Bill forcejou para se libertar da coisa verde que estava solidamente sufocando-o.

— Nunca se deite sem uma faca na mão — disse-lhe um magro e amarelado sargento, enquanto se aproximava com sua própria faca e cortava a trepadeira rente ao chão.

— Obrigado, sargento — disse Bill, livrando-se da trepadeira e jogando-a pela janela.

De repente, o sargento começou a vibrar como um fio tangido e desabou no chão, junto da cama de Bill.

— Bo... bolso... ca...camisa... pi...pi...pílulas — tartamudeou por entre os dentes que batiam como castanholas. Bill tirou uma caixa de pílulas do bolso do sargento e meteu-lhe algumas na boca. A vibração cessou e o homem arrastou-se para a parede, onde se encostou, mais encovado e amarelo que antes e inundado de suor.

— Icterícia, malária e filariose galopante. Nunca sei quando terei um ataque e é por isso que não podem me mandar de volta para a luta, pois não posso aguentar com o peso de uma arma. Eu, o Sargento-Mor Ferkel, o melhor dos terríveis lança-chamas dos Degoladores de Kirjassoff. E aqui estou, bancando a ama-seca num campo de trabalhos forçados. E você pensa que me incomodo? Pois não me incomodo e até fico feliz. A única coisa que me faria mais feliz ainda seria eles me tirarem imediatamente desta maldita cloaca em forma de planeta.

— Acha que o álcool iria lhe prejudicar nas suas condições atuais?

— perguntou Bill, passando-lhe uma garrafa de xarope para a tosse.

— As coisas vão mal por aqui?

— Não só não me prejudicará, como... — ouviu-se um profundo gorgolejo e quando o sargento tornou a falar, sua voz estava mais rouca, porém mais forte. — Mal não é a palavra adequada. Lutar contra os chingers já é ruim por si só, mas este planeta tem seus nativos, os veniolanos. Esses veniolanos parecem-se com lagartixas bolorentas e o QI deles dá apenas para pegarem uma arma e puxarem o gatilho. Mas este é o *seu* planeta e ai, nos pântanos, eles são a personificação da própria morte. Escondem-se na lama e nadam debaixo d'água. Pulam das árvores e o planeta está atulhado deles. Não têm fontes de abastecimento nem divisões armadas, nem comandos.

Só fazem lutar. Se um deles morre, os outros o comem. Se um deles é ferido na perna, os outros a comem e nasce uma nova. Se um deles fica sem munição, setas venenosas ou qualquer outra coisa, simplesmente nada uma centena de quilômetros até sua base de operações, se reabastece c volta para

a luta. Estamos aqui há três anos lutando e agora controlamos uns cem quilômetros quadrados de terreno.

— Uma centena é coisa para burro.

— Mas só para um burro como você. Isso quer dizer dez por dez quilômetros e talvez represente apenas mais dois quilômetros quadrados do que ocupamos nos primeiros pousos.

Ouviu-se um chapinhar de pés cansados e uns homens esgotados e enlameados começaram a arrastar-se para o interior dos alojamentos.

O Sargento Ferkel levantou-se com esforço e soprou longamente no seu apito.

— Muito bem. Vocês, os novos, ouçam isto. Foram designados para o pelotão B, cm formação. Este pelotão irá para o pântano, acabar o trabalho que os moloides do pelotão A começaram hoje de manhã. Vocês vão fazer um bom trabalho. Não vou apelar para a lealdade, a honra e o sentimento do dever de vocês...

Sacou a pistola atômica do coldre e abriu com um tiro um buraco no teto, por onde a chuva começou imediatamente a entrar.

— Vou apelar somente para o instinto de sobrevivência de vocês.

Pois, todo aquele que tente escapar, que faça corpo mole ou não dê o máximo de esforço, eu arranco a tampa do crânio com um tiro. Agora, todos para fora.

Cem os dentes à mostra e as mãos trêmulas, parecia bastante doente e de suficiente maus bofes para cumprir a ameaça. Bill e o resto do pelotão B trataram de ir para a chuva e formar.

— Apanhem os machados, apanhem as picaretas e tirem urânio — rugiu o cabo que comandava a guarda armada, enquanto os homens lutavam contra a lama, a caminho do portão da paliçada.

O pelotão de forçados ia no centro, carregando as ferramentas, enquanto a guarda armada ia na parte exterior. A guarda não estava ali para impedir que alguém fugisse, mas sim para dar uma relativa proteção contra o inimigo. Arrastaram-se lentamente pela trilha de árvores derrubadas que serpenteava pelo pântano. Subitamente, ouviu-se um silvo nas alturas e passaram trovejantes transportes pesados.

— Estamos com sorte hoje — disse um dos prisioneiros veteranos.

— Enviaram novamente a infantaria pesada. Não sabia que ainda lhes restava alguma.

— Isso quer dizer que tomarão mais território? — perguntou Bill.

— Nem pense nisso. Tudo o que conseguem é ser mortos. Mas, enquanto são aniquilados, sofreremos menos pressão e talvez possamos trabalhar sem perder homens demais.

Sem que fossem autorizados, pararam todos para olhar como a infantaria pesada caía como chuva nos pântanos à frente deles... e sumia com a facilidade de gotas d'água. De tempos em tempos ouviam um bum e um relâmpago quando uma bomba A média explodia, sem dúvida desintegrando alguns veniolanos, mas havia bilhões de inimigos esperando sua oportunidade. Ao longo, as armas leves crepitaram e as granadas explodiram. Depois viram, aproximando-se por cima das árvores, uma figura insegura e saltitante. Era um soldado da infantaria pesada, com seu escafandro couraçado e capacete à prova de gás, com bombas atômicas e granadas penduradas por todos os lados, como um verdadeiro arsenal ambulante ou melhor, saltitante, pois com toda a parafernália que carregava não poderia nem mesmo andar por uma estrada asfaltada. Por isso, movia-se aos pulos, usando os foguetes a reação presos em ambas as ilhargas. Seus pulos tornavam-se cada vez mais baixes à medida em que se aproximava.

Caiu mais eu menos a uns cinquenta metros de distância e afundou lentamente até a cintura no lamaçal, fazendo com que os foguetes chiassem ao tocar a água. Deu um novo pulo, menor desta vez, com os foguetes disparando em falso e apagando-se. Então atirou o capacete para o ar.

— Ei, rapazes — disse — os miseráveis chingers atingiram meu tanque de combustível. Meus foguetes estão quase esgotados e não posso saltar muito tempo mais. Deem uma ajuda a um companheiro, sim?...

Bateu na água, produzindo enormes respingos.

— Saia do macacão e nós o tiraremos — gritou o cabo em comando.

— Você está é doido — berrou o soldado de volta. — A gente leva uma hora para entrar ou sair deste troço.

Disparou os foguetes, que só fizeram pffft, elevou-se um palmo na água e caiu outra vez.

— Acabou o combustível! ajudem-me, filhos de uma égua! Onde é que estamos? Na semana-de-foder-o-companheiro? — berrou, para imediatamente afundar. Sua cabeça submergiu e viram-se umas pequenas borbulhas. Depois nada mais.

— Estamos sempre na semana-de-foder-o-companheiro — disse o cabo. — Coluna, para a frente! — ordenou e arrastaram-se pela trilha.

— Aqueles macacões pesam uma tonelada e meia e afundam como chumbo.

Se aquele era um dia calmo, Bill não queria ver um agitado. Como o planeta Veniola inteiro era um pântano, não podia haver avanços antes de ser construída uma estrada. Os soldados, individualmente, podiam penetrar um pouco além do caminho, mas para os mantimentos, equipamentos e mesmo para os homens pesadamente armados, necessitava-se de uma estrada. Por isso os forçados estavam construindo uma estrada de árvores abatidas. No fronte.

Os tiros dos rifles atômicos faziam ferver a água ao redor e as setas envenenadas caíam tão densamente como as folhas" das árvores. Os ataques e contra-ataques dos dois lados eram, constantes enquanto os prisioneiros cortavam árvores, as descascavam e atavam, para fazer a estrada avançar mais uns centímetros. Bill desbastou, cortou, e procurou não tomar conhecimento dos corpos que tombavam, até que a noite começou: a cair. O pelotão, agora bastante mais reduzido, marchou de volta ao cair da tarde.

— Pelo menos avançamos trinta metros esta tarde — disse: Bill ao prisioneiro veterano que caminhava ao lado dele.

— Isso não quer dizer nada. Os veniolanos vêm nadando de noite e levam os troncos.

Instantaneamente, Bill tomou a decisão de sair dali.

— Você tem mais um pouco daquele suco de alegria?

A pergunta foi feita pelo Sargento Ferkel na hora em que Bill desabou sobre o leito e começou a retirar parte da lama das botas com o auxílio da faca. Antes de responder, deu um talho rápido numa planta que saía pela junção das tábuas no chão.

— Você acha que poderia perder uns minutos dando-me conselhos, sargento?

— Sou uma fluida fonte de conselhos quando tenho a garganta lubrificada.

Bill tirou a garrafa do bolso.

— Como se sai deste grupo? — perguntou.

— Deixando-se matar — respondeu o sargento, levando a garrafa aos lábios.

Bill arrancou-a da mão dele.

— Sei disso sem precisar da sua ajuda — resmungou.

— Pois é tudo o que vai saber sem a minha ajuda — resmungou o sargento de volta.

Seus narizes se tocaram e rosnaram um para o outro do fundo das suas gargantas. Tendo provado um ao outro, com os rosnados, como eram valentes, afrouxaram a tensão e o Sargento Ferkel inclinou-se para trás. Bill, com um suspiro, passou-lhe novamente a garrafa.

— Que tal se você me desse um lugar na assistência hospitalar? — perguntou Bill.

— Não temos assistência hospitalar. Não temos escritório. Aqui todos morrem, cedo ou tarde. Por isso, para que ter a preocupação de carregar arquivos?

— E se alguém é ferido?

— É mandado para um hospital, curado e devolvido para cá.

— Só resta me amotinar! — lamentou-se Bill.

— Não adiantou, nas quatro últimas vezes em que tentamos.

Levaram tranquilamente as naves de abastecimento e não nos forneceram víveres até que concordamos em voltar a lutar. A química deste planeta não nos serve e todo o alimento aqui existente é puro veneno para nossos metabolismos. Dois rapazes tiveram a prova da maneira pais desastrosa. Qualquer motim, para ter possibilidade de êxito, deverá capturar naves em quantidade suficiente para fugir do planeta. Se tem alguma ideia a respeito, porei você em contato com a Comissão Permanente de Motins.

— Não há maneira *nenhuma,* de sair daqui?

— Chá vou lhe dar uma rechpochta... — disse Ferkel e desabou, bêbado como uma cabra.

— Vou dar um jeito de saber eu mesmo — disse Bill, enquanto tirava a pistola do coldre do sargento e depois esgueirou-se pela porta de trás.

Refletores blindados iluminavam a linha de frente, cara a cara com o inimigo, e Bill caminhou para o lado oposto, na direção do resplendor distante dos foguetes pousando. O terreno pantanoso estava pontilhado de barracões e armazéns, mas Bill manteve-se afastado deles porque estavam todos vigiados e os guardas tinham o dedo fácil no gatilho. Atiravam em tudo o que viam, contra tudo o que ouviam e se não viam nem ouviam, disparavam de vez em quando, pelo sim pelo não, para manter a moral elevada. As luzes brilhavam fortemente à sua frente e Bill arrastou-se sobre a barriga para espiar, por trás de uma moita, um alto poste encimado por

refletores que iluminavam uma cerca de arame-farpado que se estendia em ambas as direções, até perder-se de vista.

A bala de um rifle atômico fez um buraco na lama, a um metro de distância por trás de Bill e um refletor girou, enquadrando-o no seu facho luminoso.

— Saudações do oficial em comando — berrou uma voz ampliada pelos alto-falantes no poste. — Isto é uma gravação. Você está procurando sair da zona de combate para entrar no setor privativo do comando. Isso é proibido. Sua presença foi assinalada por dispositivos automáticos e estes mesmos dispositivos têm agora apontado um certo número de armas sobre você. Eles atirarão dentro de sessenta segundos se você não for embora. Seja patriota, homem! Cumpra seu dever. Morte aos chingers! Cinquenta e cinco segundos. Você gostaria que sua mãe soubesse que seu filhinho era um covarde? Cinquenta segundos. Seu Imperador investiu uma porção de dinheiro no seu treinamento. Essa é a maneira de retribuir? Quarenta e cinco segundos...

Bill praguejou e atirou no alto-falante mais próximo, mas os restantes ao longo da trincheira continuaram transmitindo. Bill virou as costas e voltou por onde tinha vindo.

No momento em que se aproximava da sua barraca, evitando a parte da frente para não se arriscar ao ataque das nervosas sentinelas do conjunto, todas as luzes se apagaram. Ao mesmo tempo foram ouvidos tiros e explosões por todos os lados.

Quatro

Alguma coisa deslizou na lama perto dele e o dedo de Bill contraiu-se automaticamente no gatilho, disparando. Na breve luminosidade atômica viu os restos fumegantes de um veniolano morto e também um grande número de veniolanos vivos chapinhando e atacando. Bill mergulhou imediatamente para um lado, evitando ser atingido pelos disparos feitos por eles em resposta e correu na direção oposta. Só pensava em salvar a pele, o que fez fugindo para tão longe quanto pôde dos tiros e dos inimigos. O fato de fugir na direção em que não havia trilha, metendo-se pelo pântano adentro, foi coisa que não parou para pensar a respeito, naquele momento. *SOBREVIVE*, gritava seu pequeno e trêmulo ego e ele corria.

Correr tornou-se mais difícil quando o chão se transformou em lama e mais ainda quando a lama cedeu lugar à água corrente. Depois de chapinhar durante um tempo enorme, Bill atingiu um novo trecho de lama. O primeiro momento de histeria havia passado, o combate era apenas um tênue murmúrio na distância e ele estava exausto.

Deixou-se cair sobre uni banco de lama e instantaneamente sentiu uns dentes aguçados serem cravados profundamente em suas nádegas.

Berrando com voz rouca, saiu correndo, até chocai'-se com uma árvore. Não tinha velocidade bastante para machucar-se muito e o tato da casca rugosa sob seus dedos despertou todos os seus instintos primitivos de sobrevivência: subiu nela. Havia, no alto, dois ramos que saíam do tronco em ângulo e apoiou-se neles, colado à sólida madeira, com a arma preparada e apontada para a frente. Agora nada o perturbava, os sons noturnos tornaram-se mais tênues e longínquos, a escuridão era completa e ao cabo de segundos começou a cabecear.

Sobressaltou-se umas vezes, piscou e, finalmente, adormeceu.

Os primeiros raios acinzentados da alvorada começavam a brilhar quando ele abriu as pesadas pálpebras e piscou. Num galho próximo estava pendurado um pequeno lagarto, que o encarava com seus olhos brilhantes.

— Puxa... você dormiu bastante — disse o chinger.

O tiro de Bill fez uma cicatriz fumegante na parte de cima do galho e o chinger reapareceu logo depois por baixo dele, limpando cuidadosamente a cinza das suas garras.

— Cuidado com esse gatilho, Bill — disse ele. — Rapaz, se eu quisesse, tinha liquidado você a qualquer hora, enquanto estava dormindo.

— Tou o conhecendo — disse Bill com voz rouca. — Você é Ansioso Beager, não é?

— Puxa, você não gosta de encontrar com os velhos amigos?

Uma centopeia passou ao seu lado e Ansioso Beager, o chinger, agarrou-a com três dos seus braços e começou a arrancar-lhe as patas e a comê-las.

— O reconheci, Bill, e quis conversar com você. Me senti mal desde que chamei você de dedo-duro. Aquilo foi errado. Você estava apenas cumprindo seu dever quando me denunciou. Mas, você pode me dizer como foi que descobriu?... — perguntou, piscando um olho, malicioso.

— Por que você não se enche, cara? — resmungou Bill e procurou no bolso uma garrafa de xarope para tosse.

Ansioso Chinger suspirou.

— Bom, imagino que você não queira revelar nenhum segredo de importância militar, mas espero que esteja de acordo em responder algumas perguntas.

Atirou para um lado o cadáver desmembrado e remexeu na sua bolsa marsupial, extraindo dela uma tabuinha e um minúsculo instrumento de escrever.

— Você precisa compreender que não escolhi voluntariamente a espionagem como profissão. Obrigaram-me a isso em virtude da minha especialidade, a exopologia... já ouviu falar nessa ciência?

— Uma vez nos fizeram uma conferência de orientação. Quem a fez foi um exopologista e só sabia falar de tipos e bichos extraterrestres.

— Sim, é mais ou menos isso. É a ciência que estuda as formas de vida diferentes da própria de quem estuda e, naturalmente, para nós, o homo sapiens entra nessa classificação. É um bicho raro...

Tratou de abrigar-se por trás do galho quando Bill ergueu a arma.

— Veja lá como fala, seu besta?

— Desculpe, é uma maneira de dizer e nada mais. Resumindo, como me especializei no estudo da sua espécie, mandaram-me como espião, contra minha vontade. Mas esse é um dos sacrifícios que temos de fazer em tempo

de guerra. Não obstante, ao ver você aqui, lembrei que há uma série de perguntas e problemas ainda sem solução e gostaria de contar com você para resolvê-los. Por pura curiosidade científica, naturalmente.

— E quais são? — perguntou Bill, desconfiado, esvaziando a garrafa e atirando-a no mato.

— Bom... ora... para começar com algo simples : que é que você sente pelos chingers?

— Morte aos chingers!

— O estilete percorria velozmente a tabuinha.

— Mas você foi *condicionado* para dizer isso. Que é que você sentia antes de entrar para o exército?

— Não dava a menor importância aos chingers.

Bill vigiava, com o canto do olho, qualquer movimento suspeito entre as folhas das árvores, em cima.

— Formidável! Então você pode explicar quem é que odeia tanto os chingers, a ponto de querer fazer contra nós uma guerra de extermínio?

— Acho que, na realidade, ninguém odeia os chingers. Acontece que não há mais ninguém com quem guerrear e por isso temos de brigar com vocês.

As inquietantes folhas separaram-se e uns olhos enormes, plantados numa grande cabeça chata, olhavam para baixo.

— Eu sabia! E isso me leva à pergunta verdadeiramente importante: por que os homo sapiens *gostam* tanto de guerrear?

A mão de Bill apertou a culatra da arma enquanto a monstruosa cabeça descia silenciosamente por entre as folhas e por trás da cabeça de Ansioso Chinger Beager. Estava unida a um corpo serpentino, de um palmo de grossura, e aparentemente sem fim.

— Guerrear? Não sei — respondeu Bill, distraído pela silenciosa aproximação da gigantesca serpente. — Acho que é porque gostamos.

Não parece haver outro motivo.

— Vocês *gostam!* — berrou o chinger, pulando, excitado, para cima e para baixo. — Nenhuma raça civilizada pode gostar de guerras.

Gostar de morte, assassinato, mutilação, violência, tortura, dor, para só citar uns poucos fatores resultantes da guerra. Sua raça não pode ser civilizada!

A cobra atacou com a velocidade do raio e Ansioso Chinger Beager sumiu pela espinhosa garganta dela, dando apenas um surdo gemido.

— É... acho que não somos civilizados — disse Bill, com a arma engatilhada, mas a serpente continuou descendo.

Ela levou pelo menos cinquenta metros deslizando, antes que o rabo aparecesse e desaparecesse.

— Esse maldito espião teve o que merecia — disse, feliz,. e começou a descer.

Uma vez no chão, Bill percebeu a encrenca em que estava metido.

O pântano úmido havia desfeito todas as marcas dos; passos na noite anterior e não tinha a menor ideia da direção^ em que se achava a zona de combate. O sol não passava de uma luz difusa atrás das camadas de nuvens e névoa e sentiu um repentino calafrio ao perceber as escassas possibilidades de achar o caminho de volta. A área de invasão, de apenas dez quilômetros de lado, era um ponto microscópico na superfície, daquele planeta. E apesar disso, se não a encontrasse, podia considerar-se um homem morto. E se ficasse ali também morreria. Por isso, tomando a direção que lhe parecia mais promissora, começou a andar.

— Estou exausto — disse e era verdade.

Umas poucas horas arrastando-se pelos pântanos foram mais que suficientes para enfraquecer seus músculos, encher-lhe a pele de picadas de insetos, tirar-lhe um litro de sangue graças às onipresentes sanguessugas e esvaziar a carga de sua arma ao matar mais ou menos uma dezena de formas de vida. locais, que o haviam escolhido para café da manhã. Também tinha fome e sede. E continuava perdido.

O resto do dia repetiu o programa matutino. Por isso, quando o céu começou a escurecer, estava à beira do esgotamento e havia acabado sua dose de remédio para a tosse. Quando subiu numa árvore para descansar, estava ainda mais esfomeado, o que levou-o a colher um belo fruto vermelho.

— Dizem que é veneno.

Examinou-o, desconfiado e depois cheirou-o. Tinha um maravilhoso odor. Atirou-o longe.

Pela manhã estava mais esfomeado ainda — Devo meter o cano da pistola na boca e puxar o gatilho? — perguntou-se, sacudindo a pistola atômica. — Ainda há muito tempo para isso. Ainda pode acontecer muita coisa...

Apesar disso, não pôde acreditar quando ouviu vozes vindas da selva, vozes humanas. Ocultou-se atrás da folhagem e apontou naquela direção.

As vozes aproximaram-se e, com elas, um barulho de correntes.

Um veniolano passou sob a árvore, mas Bill evitou atirar quando outras figuras surgiram da neblina. Era uma fila enorme de prisioneiros humanos, com argolas no pescoço, iguais às utilizadas para levar Bill e os outros para o campo de trabalhos forçados, unidas por uma enorme corrente. Cada um dos homens carregava na cabeça uma grande caixa. Bill deixou-os passar por baixo dele e contou cuidadosamente os guardas veniolanos. Eram cinco, com um sexto vigiando a retaguarda. Quando este estava bem sob a árvore, Bill deixou-se cair em cima dele, abrindo-lhe o crânio com suas pesadas botas. O veniolano estava armado com uma reprodução, feita pelos chingers, do rifle atômico oficial e Bill teve um sorriso maldoso quando sopesou seu volume familiar. Depois de colocar a pistola no cinto, deslizou atrás da coluna, com o rifle engatilhado. Conseguiu matar o quinto guarda, ficando atrás dele e esmagando-lhe a cabeça com a coronha do rifle. Os dois últimos humanos da fila o viram, mas tiveram a calma suficiente para ficar calados quando Bill aproximou-se cautelosamente do quarto. Um estremecimento dos prisioneiros ou um ruído casual puseram o veniolano de sobreaviso. Ele fez meia-volta, erguendo o rifle. Não havia mais a possibilidade de matá-lo em silêncio e por isso Bill assou-lhe a cabeça e correu para a frente o mais depressa possível. Houve um silêncio incrédulo quando o tiro ressoou entre a neblina e Bill aproveitou para enchê-lo com um grito: — Todos no chão... *depressa*!

Os soldados mergulharam na lama e Bill sustentou o rifle atômico na altura da cabeça, enquanto corria, abanando-o de um lado para outro na frente dele, como se estivesse manejando uma mangueira e mantendo o gatilho em tiro automático. Uma linha de fogo contínua cruzou o ar à distância de um metro do chão, formando um arco.

Ouviram-se gritos e gemidos na névoa e por fim a carga do rifle esgotou-se. Bill atirou-o para um lado e sacou a pistola. Dois dos guardas restantes estavam no chão. O último estava ferido e só pôde dar um tiro sem pontaria, antes de ser também assado.

— Nada mal — disse, detendo-se ofegante. — Seis num total de seis.

Gemidos baixos chegavam-lhe da fileira de prisioneiros e Bill franziu os lábios, desgostoso, quando viu os três homens que não haviam se atirado no chão ao ouvir seu grito de advertência.

— Que foi que houve? — perguntou a um deles, virando-o com a bota. — Você nunca havia entrado em combate?

Mas o homem não respondeu porque estava torradamente morto.

— Nunca... — respondeu o que estava ao lado, gemendo de dor.

— Chame o enfermeiro. Estou ferido. Há um na cabeça da fila. Oh, oh, por que fui sair da *Fanny Hill!* Enferm...

Bill franziu as sobrancelhas ao ver as três bolas douradas de Quarto-Tenente na gola do homem e imediatamente inclinou-se raspando a lama do rosto dele.

— Você! O oficial de lavanderia! — gritou com raiva ultrajada, erguendo a pistola para terminar o trabalho.

— Eu não! — gemeu o tenente, reconhecendo Bill finalmente. — O oficial de lavanderia morreu, tragado pelo escoadouro! Eu sou o seu amigo, o pastor de almas que traz para você as bênçãos de Ahura Mazdah, meu filho... Você continua lendo a Avesta todas as noites, antes de dormir?...

— Bolas! — rugiu Bill.

Agora já não podia matá-lo e por isso caminhou para o terceiro ferido.

— Alô, Bill... — disse uma voz fraca. — Acho que perdi meus antigos reflexos... Não posso culpar você por me ter atingido. Eu devia ter-me atirado na lama como os outros...

— Raios que o partam, era o que você deveria ter feito — disse Bill, olhando o familiar e odiado semblante de caninos protuberantes.

— Você está morrendo, Desejomortal. Desta vez não tem jeito.

— Eu sei — disse Desejomortal e tossiu. Estava de olhos fechados.

— Façam um círculo com a corrente — gritou Bill. — Quero o enfermeiro aqui.

A fila dos prisioneiros encurvou-se e viram como o enfermeiro examinava os feridos.

— O tenente só precisa de um curativo — disse ele. — Tem apenas queimaduras superficiais. Mas para este cara dos, caninos, chegou a hora.

— Você pode mantê-lo vivo? — perguntou Bill.

— Durante um certo tempo, mas não sei quanto. — Aguente ele vivo.

Olhou em volta, para o círculo de prisioneiros.

— Há alguma forma de tirarem essas coleiras? — perguntou.

— Não sem as chaves — disse um rude sargento de infantaria — e os lagartos não as tinham. Temos de ficar com elas até voltarmos. Por que é que você arriscou o pescoço para nos salvar? — perguntou, desconfiado.

— E quem quer salvar vocês? — rosnou Bill. — Eu estava com fome e pensei que isso que vocês levavam fosse comida.

— Pois é comida — respondeu o sargento, mais tranquilo. — Agora entendo por que você correu o risco.

Bill abriu uma lata de ração e mergulhou a cara nela.

Cinco

O HOMEM morto foi retirado do seu lugar na fila e os dois homens situados na frente e atrás do ferido Desejomortal queriam fazer o mesmo com ele. Bill discutiu com os prisioneiros, explicou-lhes que o mais humanitário seria carregar seu companheiro, mas só concordaram com ele, quando ameaçou-os de assar-lhes as pernas se não fizessem o que mandava. Enquanto os grilhetas comiam, Bill cortou duas varas flexíveis e construiu uma maça com três dólmãs, que lhe deram. Entregou os rifles capturados ao rude sargento e aos soldados que pareciam ter mais experiência de combater, conservando um para o próprio uso.

— Há alguma possibilidade de que possamos voltar? — perguntou ao sargento, que estava enxugando cuidadosamente a arma encharcada.

— Talvez. Podemos voltar por onde viemos. É fácil seguir as pegadas que deixamos ao nos arrastarmos até aqui. Deveremos ficar atentos para ver se há veniolanos e caçá-los antes que espalhem a notícia da nossa presença. Quando chegarmos a algum lugar em que possamos ouvir o barulho da luta, trataremos de descobrir uma área tranquila... e abrir caminho por ela. Temos uns cinquenta por cento de possibilidades.

— Isso é mais do que tínhamos há uma hora.

— Eu sei. Mas diminuirá se ficarmos aqui durante muito tempo.

— Então vamos embora.

Seguir a pista foi ainda mais fácil que Bill havia imaginado e logo no começo da tarde ouviram os primeiros barulhos de luta, um retumbar surdo na distância. Haviam matado instantaneamente o primeiro e único veniolano que encontraram. Bill fez alto.

— Comam tanto quanto quiserem e depois joguem fora o que sobrar — disse Bill. — Passem a ordem adiante. Breve teremos de marchar a toda velocidade.

Foi ver como Desejomortal estava passando.

— Mal — disse aquele, ofegante, com o rosto do uma brancura de papel. — Estou no fim... Bill... eu sei... já aterrorizei meu último recruta...

recebi meu último pagamento... dei meu último plantão... até a vista, Bill... você é um bom companheiro... cuidando de mim dessa maneira...

— Fico contente por ver você pensar assim, Desejomortal, e talvez possa me fazer um favor.

Remexeu nos bolsos do moribundo até encontrar seu caderno de apontamentos de suboficial. Abriu-o e garatujou algumas palavras numa das páginas em branco.

— Que tal se você assinasse isto, como lembrança dos velhos tempos?... Desejomortal?

A enorme mandíbula estava caída e os malévolos olhos vermelhos estavam esbugalhados e perdidos no infinito.

— O filho de uma égua morreu antes — disse Bill, aborrecido.

Depois de pensar durante uns momentos, molhou com a tinta da caneta o polegar de Desejomortal e apertou-o contra o papel, para deixar a impressão digital.

— Enfermeiro! — gritou e a fila de homens encurvou-se para que o homem pudesse atender ao chamado. — Veja como está ele.

— Frio como um arenque — disse o enfermeiro, depois de um exame acurado.

— Antes de morrer, deixou-me como herança seus caninos. Está aqui, por escrito, vê? São caninos verdadeiros, cultivados numa proveta e custam um dinheirão. Podem ser transplantados?

— Claro, sempre que forem arrancados e mantidos congelados antes de passarem doze horas da morte.

— Quanto a isso, não há problema. Simplesmente levaremos o cadáver conosco.

Olhou os dois padioleiros e sacudiu a arma. Não houve protestos.

— Tragam aqui aquele tenente. O tenente chegou.

— Capelão — disse Bill, mostrando a página da caderneta de anotações. — Gostaria de ter a assinatura de um. oficial nisto.

Momentos antes de morrer, este homem ditou-me seu testamento, mas estava fraco demais para assiná-lo e por isso tomei a impressão digital dele. Agora você vai declarar que assistiu a tudo e que tudo está em ordem e legal, colocando sua assinatura.

— Mas... não poderia fazer isso, meu filho. Não vi o; falecido ditar seu testamento e *Glmmpf*...

O tenente disse *Glmmpf* porque Bill lhe havia metido o cano da arma atômica pela boca adentro e o fazia girar, com o dedo vibrando no gatilho.

— Atire — disse o sargento de infantaria.

Três dos homens que tinham condições de ver o que estava acontecendo, aplaudiram. Bill retirou lentamente a pistola.

— Terei grande prazer em ajudar — disse o capelão, arrancando a caneta da mão de Bill.

Bill leu o documento, resmungou satisfeito e depois acocorou-se junto do enfermeiro.

— Você trabalha no hospital? - - perguntou.

— Trabalho e se conseguir voltar, nunca mais sairei dele. Tive o azar de estar recolhendo feridos quando houve o ataque.

— Ouvi dizer que não carregam feridos. Eles são postos em forma e devolvidos à linha de fogo.

— E ouviu certo. Esta vai ser uma guerra difícil de sobreviver.

— Mas deve haver *alguns* feridos demasiadamente atingidos para serem devolvidos ao serviço ativo.

— São os milagres da medicina moderna — respondeu o enfermeiro, atracando-se com um pastel de carne desidratado à guisa de almoço. — Ou você morre ou fica bom em duas semanas.

— E se alguém tem um braço arrancado?

— Têm um congelador cheio de braços fora de uso. Costuram um em você e pronto: de volta à frente de batalha.

— E se acontece alguma coisa com os pés? — perguntou Bill, preocupado.

— Você tem razão... esqueci! Há escassez de pés. Temos tantos gajos sem pés que as camas já estão acabando. Estavam exatamente começando a tirá-los do planeta quando fui capturado.

— Você tem algumas pílulas contra a dor?

Bill fez a pergunta para mudar de assunto. O enfermeiro fez surgir uma garrafa branca.

— Três destas e você ficaria rindo enquanto lhe cortavam a cabeça.

— Me dê três.

— Se por acaso você encontrar alguém a quem tenham arrancado um pé, é melhor que ate logo alguma coisa em torno da perna, para fazer cessar a hemorragia.

— Obrigado, companheiro.

— Você não me deve nada.

— Em marcha — disse o sargento de infantaria. — Quanto mais cedo, mais chance temos.

Relâmpagos ocasionais de tiros de rifles atômicos queimavam a folhagem por cima deles e o estampido seco das armas pesadas agitava a lama sob os pés deles. Caminharam paralelamente à linha de fogo, até este haver cessado e logo depois pararam. Bill, que era o único não acorrentado, fez uma batida de reconhecimento do terreno.

As linhas inimigas pareciam pouco densas e encontrou um lugar que aparentava ser o melhor para atravessar. Depois, antes de voltar, apanhou no bolso uma corda resistente que havia tirado dos embrulhos e fez um torniquete acima do joelho direito, apertando-o com um pau e engolindo logo as três pílulas. Deixou-se ficar por trás de uns arbustos espessos e chamou os outros.

— Para a frente, em linha reta e depois à direita por entre estas árvores. Vamos... Depressa!

Bill encabeçou a marcha até que os primeiros homens puderam ver a linha de frente. Depois gritou: — Que é isto? — e meteu-se pela espessa folhagem. — Chingers!

— gritou e sentou-se com as costas apoiadas numa árvore.

Fez uma cuidadosa pontaria com a pistola e destruiu o pé direito.

— Movam-se, depressa! — berrou e ouviu o barulho dos homens entre os arbustos.

Jogou a pistola fora, bem longe, e fez ainda uns três disparos contra as árvores. Depois ergueu-se. O rifle atômico servia-lhe perfeitamente de muleta para coxear e o caminho a percorrer não era grande. Dois soldados que deviam ser bisonhos ou que sabiam perfeitamente o que estavam fazendo, saíram do abrigo para ajudá-lo.

— Obrigado, companheiros — disse, ofegante, e desabou no chão.

— A guerra é mesmo um inferno.

Posfácio

A música marcial ecoava na ladeira da colina, reboando nas arestas rochosas e perdendo-se nas sussurrantes sombras verdes sob as árvores. Aparecendo na curva da estrada, marchando orgulhosamente em passo de parada no meio do pó, chegou o pequeno grupo, encabeçado pela magnífica figura do robô-banda. O sol refletia-se nas suas douradas extremidades e piscava nos metálicos instrumentos que tocava com tanto entusiasmo. Uma pequena formação de robôs sortidos rodava e fazia algazarra atrás dele. Fechando o desfile, via-se a solitária figura do encanecido sargento recrutador, marchando sozinho, com as filas de condecorações reunindo no peito, embora a estrada fosse lisa, o sargento cambaleou subitamente, quase caindo, e começou a xingar com a experiência dos seus longos anos de ofício.

— Alto! — ordenou e enquanto sua pequena companhia diminuía a marcha até parar, ele recostou-se na parede de pedra que margeava o caminho e levantou a perna direita da calça.

Quando apitou, um dos robôs acercou-se rapidamente e entregou-lhe uma caixa de ferramentas, da qual o sargento retirou uma grande chave-inglesa e com ela apertou uma das porcas do tornozelo do seu pé artificial. Depois pingou, umas gotas de óleo numa junta e tornou a baixar a, perna da calça. Quando levantou-se, viu que um robô-mula estava puxando um arado e fazendo um sulco no campo, com um robusto rapaz camponês guiando-a....

— Cerveja! — ladrou o sargento e, depois: — O Lamento do Espaçonauta.

O robô-banda iniciou os compassos da suave melodia da velha canção e quando o sulco chegou até os limites do campo, já havia sobre a cerca duas jarras de cerveja gelada.

— É tona música muito bonita — disse o camponês.

— Beba uma cerveja comigo — convidou o sargento, jogando dentro da jarra um pozinho branco que tirara de um pacote escondido na mão.

— Acho ótimo, pois aqui está mais quente que no inf... que fora daqui.

— Pode dizer inferno, meu filho. Já ouvi essa palavra antes.

— Mamãe não gosta, de que eu blasfeme. Puxa, o senhor tem uns dentes enormes.

O sargento fez vibrar um dos caninos.

— Um rapagão como você não devia ter medo de dizer algumas palavras grosseiras. Se você fosse soldado, poderia, dizer inferno — ou mesmo bosta — todas as vezes que tivesse vontade.

— Acho que não desejo dizer nenhuma dessas palavras — respondeu o rapaz, ruborizando-se, apesar de ter o rosto curtido pelo sol. — Obrigado pela cerveja, mas agora tenho de continuar arando. Mamãe me disse que nunca falasse com soldados.

— Sua mamãe tem razão, meu filho. A maior parte deles é um bando de bêbados imundos e blasfemadores. Ouça: você gostaria de ver uma foto que tenho de um robô-mula novo, que pode funcionar mil horas sem precisar de lubrificação?

O sargento estendeu a mão para trás e um robô entregou-lhe um visor.

— Puxa, gostaria sim!

O aldeão colocou o visor nos olhos e olhou para dentro dele.

Ficou imediatamente mais ruborizado ainda.

— Isto não é uma mula, senhor, é uma garota c as roupas dela são...

O sargento estendeu imediatamente a mão c apertou um botão na parte superior do visor. Alguma coisa fez tunk no interior e o camponês ficou calmo, rígido e paralisado. Não se mexeu nem mudou de expressão quando o sargento tirou de entre seus dedos rígidos a pequena máquina.

— Pegue esta caneta — disse o sargento e os dedos do rapaz fecharam-se em torno dela. — Agora assine este requerimento, aqui embaixo, onde diz assinatura do recruta.

A caneta rangeu e um berro repentino cortou o ar.

— Meu Charlie! Que é que está fazendo com meu Charlie? Uma velha, de cabelos brancos, gemia e chorava, correndo colina, abaixo.

— Seu filho é agora um soldado, para maior glória do Imperador — disse o sargento, fazendo um sinal para, o robô-alfaiate.

— Não... por favor! — suplicou a mulher, agarrando a mão do sargento e regando-a com suas lágrimas. — Já perdi um filho... Isso não basta?...

Piscou, afastando as lágrimas e tornou a piscar.

— Mas você... você é o meu filho! Meu Bill, que voltou para casa!

Apesar desses dentes, das cicatrizes, da mão preta e do pé artificial, garanto que é você! Uma mãe sempre sabe!

O sargento olhou para a mulher, de cenho franzido.

— Acho que talvez você tenha razão — disse. — Bem me pareceu que o nome de Phigerinadon II era familiar.

O robô-alfaiate já havia terminado sua tarefa. O dólmã de papel vermelho brilhava, orgulhoso, ao sol, e as botas de um milímetro de espessura falseavam.

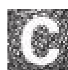
— Em forma! — berrou Bill e o recruta saltou a cerca.

— Billy, Billy... — choramingou a mulher — este é o seu, irmãozinho Charlie! Você não vai meter seu próprio irmãozinho no Exército, vai?

Bill pensou na mãe e depois no irmãozinho caçula Charlie. Então pensou no mês que abateriam no seu período de serviço ativo por cada recruta que levasse e respondeu imediatamente: — Vou.

A música explodiu, os soldados marcharam, a mãe chorou, como sempre fazem as mães, e a pequena formação marcial marchou pela estrada, pela colina e perdeu-se de vista no entardecer.

FIM


C